Faculdade de Arquitectura
Universidade de Lisboa



ARQUITECTURAS REVISITADAS

REABILITAÇÃO DE UM VAZIO URBANO NO LARGO DO INTENDENTE À LUZ DOS CONCEITOS DAS INDÚSTRIAS CRIATIVAS

MARIA ANA CARDO DE CARVALHO BURT MAGRO
(Licenciada)

Projecto Final para obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura com Especialização em Interiores e Reabilitação do Edificado

Orientador Científico: Professora Doutora Mª Dulce Loução

Júri:
Presidente: Professor Doutor José Cabido
Vogal/Orientador: Professora Doutora Dulce Loução
Arguente: Professor Doutor João Pernão

LISBOA, FAUL, DEZEMBRO DE 2018

Faculdade de Arquitectura
Universidade de Lisboa

ARQUITECTURAS REVISITADAS

REABILITAÇÃO DE UM VAZIO URBANO NO LARGO DO INTENDENTE À LUZ DOS CONCEITOS DAS INDÚSTRIAS CRIATIVAS

MARIA ANA CARDO DE CARVALHO BURT MAGRO
(Licenciada)

Projecto Final para obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura com Especialização em Interiores e Reabilitação do Edificado

Orientador Científico: Professora Doutora Mª Dulce Loução

Júri:
Presidente: Professor Doutor José Cabido
Vogal/Orientador: Professora Doutora Dulce Loução
Arguente: Professor Doutor João Pernão

LISBOA, FAUL, DEZEMBRO DE 2018

ESTE DOCUMENTO NÃO FOI ESCRITO SEGUNDO O NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO

I. RESUMO

O presente Projecto de Final de Mestrado repensa o projecto de um "Hotel do Futuro" atendendo às recentes transformações no Largo do Intendente e às necessidades de uma potencial "classe criativa". Recentemente, o Largo do Intendente, assim como o bairro da Mouraria sofreram alterações radicais na sua composição social e física. Tendo em consideração as orientações estratégicas da CML para a regeneração deste território, este projecto propõe um espaço que promova as artes, a cultura e a inclusão social. A discussão teórica que suporta este projecto debruça-se sobre a história do bairro da Mouraria, especificando o Largo do Intendente, as transformações urbanas mais recentes, as indústrias, economia e a evolução dos espaços de trabalho da classe criativa, assim como sobre os conceitos de conservação e restauro. O projecto EEVA repensa as condições necessárias ao desenho de um *Hotel do Futuro* dando um papel de relevo à arte, à cultura e à experimentação.

Palavras chave: Largo do Intendente, Mouraria, reabilitação, indústria criativa, residências artísticas

II. ABSTRACT

This Master's Final Project rethinks the project of a "Hotel of the Future", taking into account the recent transformations in Largo do Intendente and the needs of a potential "creative class". Recently, Largo do Intendente, as well as Mouraria in Lisbon, have undergone radical changes in their social and physical composition. Regarding the municipality's strategic guidelines for the regeneration of this territory, this project proposes a space that promotes arts, culture and social inclusion. The theoretical discussion that supports this project focuses on the history of the morrish area of Mouraria, specifying Largo do Intendente, the most recent urban transformations, creative industries, creative economy and the growth of creative class, as well as on concepts conservation and restoration. The EEVA project rethinks the necessary conditions for the design of a "Hotel of the Future" giving a prominent role to art, culture and experimentation.

Key words: Largo do Intendente, Mouraria, building rehabilitation, creative industries, artistic residencies.

Agradecimentos

À minha grande família, em especial à minha Mãe, à minha Avó, à Locas e ao meu pai.

Às minhas Irmãs, por nunca me deixarem fazer este caminho sozinha, apoiando-me sempre com enorme amor e inspiração – Joaninha por ter sido fundamental na realização e finalização deste trabalho, a Carol, pelos constantes incentivos e contribuição na interpretação deste projecto, a Carlota, pela sua determinação, boa energia e por depositar sempre muita fé, e a Cristina, a Marta, a Rosa e a Rita.

A duas colegas que marcaram o meu percurso ao longo do curso, a Filipa V. e a Marta T.

À Professora Dulce por me ter acompanhado ao longo de todo este processo, em especial no último ano. Muito obrigada por me receber e apoiar.

A todos os professores que fizeram parte do meu percurso académico.

A todos os acompanharam a realização deste Projecto e que sempre me deram força.

Um muito obrigada a todos.

ÍNDICE

I. **RESUMO** **I**

II. **ABSTRACT** **II**

III. **ÍNDICE DE IMAGENS** **IV**

1. **INTRODUÇÃO**

00.1 Contextualização **03**

00.2 Objectivos **04**

00.3 Metodologia **05**

00.4 Estrutura **05**

2. **A MOURARIA**

2.1 História da formação da Mouraria **09**

2.1.1 Um Bairro Multicultural **14**

2.2 Operações de requalificação na Mouraria **16**

2.2.1 Espaço público: estratégias de reabilitação urbana **16**

2.2.2 Estratégias de reabilitação social e urbana na Mouraria **20**

2.2.3 As directrizes do Plano Directo Municipal **23**

2.2.4 O processo de requalificação do espaço público **25**

2.3 A Rua do Benformoso **27**

2.4 O Largo do Intendente **28**

2.4.1 Descrição do edificado **29**

2.4.2 Dinâmicas do Largo do Intendente **38**

3. INDÚSTRIAS CRIATIVAS

3.1 As Cidades e a Cultura **43**

3.1.1 Conceito de Cultura **43**

3.2 Economia, Ambientes e Indústrias Criativas **44**

3.3 A Cidade Criativa **48**

3.4 Ambientes Criativos em Lisboa **51**

3.5 Novas tipologias de espaços culturais e de criação **58**

4. DIÁLOGO COM A PRÉ-EXISTÊNCIA

4.1 Preservação de uma Identidade **66**

4.2 Ruskin e Viollet-le-Duc **67**

4.3 As Cartas **69**

4.4 Françoise Choay **73**

5. EVAA - Espaço Experimental de Vivências e das Artes

5.1 Programa **80**

5.2 Projecto **82**

6. Considerações Finais **93**

7. Bibliografia e Fontes Documentais **95**

8. Anexos **101**

9. Desenhos Finais **119**

Índice de Imagens

001. Porta da Rua da Palma na Cerca Fernandina. Planta de 1856, publicada em 1884. Autoria de A. Vireira da Silva.

002. Planta do plano da Avenida dos Anjos,1896
In Ana Rita Almeida, p.103

003. Conjunto de 4 plantas com a evolução da Av. dos Anjos e da Rua do Benformoso, do Hospital do Desterro e do território da envolvente do Largo do Intendente. Escala 1:2000
A Filipe Folque 1846/58
B Francisco e César Goullard 1878/79
C Silva Pinto 1911
D Câmara Municipal de Lisboa 1950
In Lisboa Intercativa

004. Desenho da Calçada junto à Igreja da Ermida. *In* Google Maps. Imagem trabalhada pela autora

005. Mapa de intervenções do programa "Uma praça em cada bairro". *In* http://www.cm-lisboa.pt/viver/urbanismo/espaco-publico/uma-praca-em-cada-bairro

006. Plano de Intervação do QREN Mouraria.
In, www.aimouraria.cm-lisboa.pt/plano-de-intervencao.html.

006. Conjunto de 3 fotografias aéreas com a evolução do largo do Intendente desde 2001 a 2016. *In* Lisboa Interactiva.

007. Conjunto de duas fotografias da peça de Joana Vasconcelos. In joanavasconcelos.com/det_en.aspx?o=2210&f=2432

008. Pavimento da Rua do Benformoso apos as obras de requalificação.
Fotografia da Autora, 2014

009. Pavimento e mobiliário urbano do Largo do Intendente.
In www.ulmaarchitectural.com/pt/canais-de-drenagem/projectos/drenagem-ulma-no-largo-do-intendente-lisboa/

010. Fotografia do Largo do Intendente. *In* https://nit.pt/coolt/musica/intendente-esta-festa-julho-ha-cinema-musica-teatro-feiras-gratis

011. Edifício nº101, na Rua do Benformoso. *In* www.cm-lisboa.pt/equipamentos/equipamento/info/edificio-de-habitacao-na-rua-do benformoso-101-103.

012. Edifício nº 244 na Rua do Benformoso. *In* www.cm-lisboa.pt/equipamentos/equipamento/info/edificio-de-habitacao-na-rua-do benformoso-244

013. Largo do Intendente em 1911.
Fotografia de Josgua Benoliel. Arquivo fotográfico da CML.

014. Largo do Intendente em 1964.
Fotografia de Arnaldo Madureira. Arquivo fotográfico da CML.

015. Entrada do Largo do Intendente em 1969.
Fotografia de João Goulart. Arquivo fotográfico da CML.

016. Fotografia do Palácio de Pina Manique actualmente. Fotografia da Autora, 2014

017. Fotografia da placa em memoria de Inácio de Pina Manique.
In Arquivo Fotográfico da CML

018. Fotografia aérea do Palácio de Pina Manique..
In https://largointendente57.pt/

019. Fotografia do Edifício do Registo Cívil em 1911.
Fotografia de Joshua Benoliel. Arquivo Fotográfico a CML.

020. Fotografia da Associação de Socorros Mútuos Almirante Cândido dos Reis em 1964. Fotografia de Arnaldo Madureira. Arquivo Fotográfico da CML.

021. Fotografia da Associação Casa Independente actualmente.
Fotografia da Autora, 2014

022. Frente do edifício LARGO Residências em 1898/1908.
Fotografia de Machado e Souza. Arquivo Fotográfico da CML.

023. Frente do edifício LARGO Residências em 1969.
Fotografia de João Hermes Cordeiro Goulart. Arquivo Fotográfico da CML.

024. Frente do edifício LARGO Residências. *In* www.trienaldelisboa.com/ohl/en/place/largo-residencias/

025. Fotografia do edifício de habitação de Adães Bermudes em meados do século XX.
Autor desconhecido. *In* http://lisboa.convida.pt/poi/sleep/1908-lisboa-hotel-10006

026. Fotografia do edifício de habitação de Adães Bermudes em 1908.
Autor desconhecido. In https://lisboaentrehistorias.com/2018/06/14/largo-do-intendente/

027. Fotografia do Hotel 1908 actualmente.
Autor desconhecido. In https://worldcitizengirl.com/2018/03/10/wanup-e-hotel-1908-lisboa/

028. Fotografia do Hotel 1908 do lado do Largo actualmente. Autor desconhecido.
In www.conexaolusofona.org/o-new-york-times-recomenda-conheca-o-bairro-do-intendente/

029. Fotografia do pormenor dos azulejos do edifício de Adães Bermudes.
Fotografia da Autora, 2014.

030. Entrada da loja Vida Portuguesa.
In www.avidaportuguesa.com/lojas/intendente_2

031. Interior da loja Vida Portuguesa.
In www.avidaportuguesa.com/lojas/intendente_2

032. Pormenor de painel de azulejos que compõem a fachada voltada para o largo.
In https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Vi%C3%BAva_Lamego_(Largo do_Intendente)_7156.jpg

033. Fotografia da Frente da Fábrica Viúva Lamego em 1898/1908.
Fotografia de Machado e Souza. Arquivo fotográfico da CML.

034. Frente da antiga fábrica Viúva Lamego no Largo de Intendente.
In www.lisbonlux.com/lisbon/largo-do-intendente.html

035. Edifício em estudo na primeira década do século XX.
Fotografia de Joshua Benoliel. Arquivo Fotográfico da CML

036. Largo do Intendente em 1944. Fotografia de Eduardo Portugal

037. Edifício em estudo fotografado a partir do interior do edifício de Adães Bermudes. Fotografia de Maria Teresa Dias em Lisboa Desaparecida (Vol. VIII), 2008. Lisboa: Quimera Editores.
038. Largo do Intendente em 2014. Fotografia da Autora, 2014.

039. Fotografias do edifício de intervenção na Rua do Benformoso, 1902.
Fotografia de Machado e Souza. Arquino Fotográfico da CML.

040. As Escadinhas das Olarias. Fotografia da Autora

041. Alçado lateral fotografado do topo das Escadinhas das Olarias.
Fotografia da Autora

042. Esquema da divisão da fachada pré-existente.
Imagem da autora.

043. Fotografia do Palácio do Intendente e do Edifício a intervir, 2014.
Fotografia da autora.

044. Desenho bidimensional dos alçados do palácio do intendente e do edifício a intervir. Imagem da autora

045. Concerto no Largo do Intendente.
In www.cml.pt

046. Festa dos Santos Populares no Largo.
In http://www.gazetadosartistas.pt/?p=35977

047. Cartaz de Intendente em Festa 2016.
In http://www.mysound-mag.com/2016/07/cartaz-intendente-em-festa-2016.html

048. Danças no Largo.
In http://www.largoresidencias.com/projectos/bairro-intendente-em-festa

049. Sport Club Intendente durante a noite.
www.yelp.pt/biz_photos/sport-clube-intendente-lisboa

050. Imagem das relações das Indústrias criativas.
In documento UNCTAD.

051. Imagem "Why Place Matters" de Torhild Eide Torgersen.
In http://www.creativeclass.com/_v3/creative_class/2008/10/03/why-place-matters/

052. Esquema dos sectores da economia criativa em Lisboa.

053. Esquema dos 3 T's das cidades criativas.
Lisboa Economia Criativa, CML, 2013. Disponivel em https://issuu.com/camara_municipal_lisboa/docs/lisboa_economia_criativa

054. Imagem da StartUp Lisboa. *In* https://www.startuplisboa.com/

055. Fábrica Braço de Prata.
In http://exposicoesfbp.blogspot.com/p/fbp.html

056. Village Underground.
In https://www.timeout.pt/lisboa/pt/noticias/village-underground-celebra-aniversario-com-festao-e-18-horas-de-musica-041018

057. Pólo Criativo Sinel de Cordes. (Trienal de Arquitectura).
In http://www.cm-lisboa.pt/noticias/detalhe/article/novo-polo-criativo-no-palacio-sinel-de-cordes-trienal-de-arquitetura

058. Fab Lab Lisboa
In https://shifter.sapo.pt/2018/05/fablab-lisboa/

059. CIM Creative Hub.
In http://www.cm-lisboa.pt/en/news/detail/article/archaeology-in-the-mouraria-creative-hub

060. Santos design district.
In https://joseadriao.com/portfolio/rua-cor-de-rosa/

061. Hub Criativo Beato.
In https://www.sapo.pt/noticias/economia/macedo-vitorino-assessora-o-hub-criativo-do_5acb94ce827d08af794b3fb1

062. Arte Urbana de Vihls e de Bordalo II.
In https://viagens.sapo.pt/viajar/viajar-portugal/artigos/arte-urbana-em-lisboa-no-topo-do-mundo
e https://www.thisiscolossal.com/2013/11/pixel-pancho-and-vhils-collaborate-on-the-streets-of-lisbon/

063. Logotipo da Associação LARGO Residências.
In www.largoresidencias.com/default.html

064. Entrada da cafetaria do LARGO Residências.
In https://lifecooler.com/artigo/comer/largo-cafe-studio/440271/

065. Esplanada do LARGO Residências.
In www.doclisboa.org/2018/informacoes/espacos/

066. Exemplar de um quarto no LARGO Residências.
In www.booking.com/hotel/pt/largo-residencias.pt-pt.html

067. Esquema dos três corpos do projecto. Imagem da Autora

068. Esquema de pisos do EEVA. Imagem da Autora

069. Esquema das comunicações verticais na planta do piso térreo.
Imagem da Autora

070. Fotografia da residência para estudantes de Weeperstraat de Herman HErtzberger, 1959/66.
In https://www.ahh.nl/index.php/en/projects2/14-woningbouw/135-student-housing-weesperstraat-amsterdam

071. Corte e planta de uma unidade de habitação da residencia de Weeperstraat.
In https://www.ahh.nl/index.php/en/projects2/14-woningbouw/135-student-housing-weesperstraat-amsterdam

072. Fotografias do corredor da residencia de Weeperstraat.
In https://www.ahh.nl/index.php/en/projects2/14-woningbouw/135-student-housing-weesperstraat-amsterdam

073. Planta do piso 1 da residenca para estudantes de Weeperstraat. Edição da Autora.
In https://www.ahh.nl/index.php/en/projects2/14-woningbouw/135-student-housing-weesperstraat-amsterdam

074. Plantas das habitações de emergencia em Onagawa de Shigeru Ban. Edição da Autora.
In https://www.desima.co/blog/2018/3/9/shigeru-ban-architects-a-stunningly-simple-container-home

075. Esquema das diferentes áreas de trabalho no piso intermédio.
Desenho da Autora.

076. Esquema em axonometria da estrutura das camas.
In https://www.dezeen.com/2015/12/21/position-collective-airbnp-apartment-budapest-hungary-storag-system-temporary-guests-airbnb/

077. Esquema do revestimento das paredes interiores das habitações.
In https://www.dezeen.com/2015/12/21/position-collective-airbnp-apartment-budapest-hungary-storag-system-temporary-guests-airbnb/

078. Desenhos das quatro tipologias diferentes no projecto.
Imagem da Autora

079. Exemplar e mesa de trabalho.
Imagem da Autora

080. Estrutura de arrumos de material e ferramentas das salas de trabalho dos residentes. Imagem da Autora.

081. Cortes longituninal e transversal da sala de exposições.
Imagens da Autora

1. INTRODUÇÃO

1.1 Contextualização

1.2 Objectivos

1.3 Metodologia

1.4 Estrutura

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO

O presente projecto de final de mestrado resulta do exercício proposto na unidade curricular Laboratório de Projecto VI, pelos professores Maria Dulce Loução e Fernando Salvador: Hotel do Futuro no Largo do Intendente em Lisboa.

O objecto de intervenção trata-se de um vazio urbano que resultou de uma demolição integral do interior de um edifício de traça pombalina, restando apenas uma monumental fachada. Tendo isto em consideração pretende-se, com este o projecto, devolver este espaço ao Largo e ao bairro da Mouraria, contribuindo para a regeneração urbana e social.

O Largo do Intendente tem vindo a sofrer intensas transformações nos últimos anos como consequência da recente estratégia de regeneração deste território, liderada pela CML. Preponderante nessa estratégia são políticas de atracção e fixação de uma "classe criativa".

Estas acções foram decisivas na abertura deste território - outrora fortemente marginalizado - à cidade, atraindo um fluxo de novas pessoas que encontraram na Mouraria um local ideal à troca de experiencias e vivências.

A premissa era a de que, pela sua relevância na história da cidade, a sua malha urbana, o edificado, a topografia, a localização e a forte componente multicultural, a Mouraria seria o espaço ideal para atrair e fixar esta nova classe social.

Esta estratégia tinha ainda como objectivo a inclusão da cidade de Lisboa na rede das cidades criativas da UNESCO, como se pode verificar no documento elaborado pela Câmara Municipal de Lisboa "LX-Europa 2020, Área de Intervenção na Cidade de Lisboa" de 2013. Aqui é descrito que "Lisboa tem as condições necessárias para se candidatar à rede de cidade criativas da UNESCO, apostando na sua atractividade externa ao mesmo tempo que catalisa e potencia o

desenvolvimento das indústrias culturais e criativas em termos regionais e nacionais."

À luz destes desenvolvimentos, este projecto pretende repensar a ideia de ***Hotel do Futuro***, tendo em atenção as dinâmicas do presente e as necessidades desta classe criativa, assim como a sua integração no contexto social e físico do Largo do Intendente.

1.2 Objectivos

Responder ao desafio colocado na unidade curricular de Laboratório de Projecto VI, mais especificamente:

- Projectar um espaço que promova um programa de natureza cultural que possa albergar várias valências, de modo a atrair gentes de todas as nações, áreas profissionais, idades, e proporcionar interacções entre os residentes, os visitantes e os locais.

- Fomentar um diálogo entre um edifício e a sua envolvente de forma a poder articular a sua missão com outras associações semelhantes, fazendo parte de uma rede cultural, artística e social.

- Analisar de que forma a arquitectura pode activamente contribuir para o desenvolvimento de cidades criativas, e como é que estas podem também contribuir para a regeneração social de um território.

- Reflectir sobre como é que o projecto de regeneração urbana do Largo e da Mouraria pode ser conduzido de forma a preservar a identidade tendo em conta o conjunto arquitectónico em que está inserido.

1.3 Metodologia

1. Análise do contexto histórico do lugar envolvente ao objecto de estudo, do Bairro da Mouraria ao Largo do Intendente.
2. Levantamento e estudo analítico da pré-existência recorrendo a desenhos técnicos através dos Arquivos Municipais de Lisboa.
3. Visitas de reconhecimento *in situ* em diversos horários e alturas do ano com vista ao estudo das relações estabelecidas entre o objecto e a sua envolvente.
4. Pesquisa e análise de referências e casos de estudo pertinentes para o desenvolvimento do trabalho.
5. Pesquisa bibliográfica de suporte à escolha do projecto a desenvolver no lugar.
6. Desenvolvimento do projecto com recurso a esboços, métodos gráficos bidimensionais, tridimensionais, fotomontagens.

1.4 Estrutura

No primeiro capítulo "introdução" é traçada a apresentação do presente documento.

O segundo capítulo dedica-se a descrever a história e formação da Mouraria desde o período romano até à actualidade, dando enfase à importância e evolução do traçado da Rua do Benformoso e do Largo do Intendente até aos nossos dias. São apresentadas também as directrizes do Plano Director Municipal actualizado em 2012 incidindo sobre o bairro da Mouraria, assim como os planos previstos e operações de requalificação do espaço urbano, já concretizados.

Neste capitulo são também enunciados os edifícios mais relevantes, assim como as suas ocupações, para uma análise do contexto em que o objecto de estudo se insere.

No capítulo seguinte são abordados os temas da cultura, indústrias e cidades criativas, definindo conceitos e analisando as

potencialidades da cidade de Lisboa para se tornar numa cidade cada vez mais criativa.

No terceiro capítulo, apresenta-se o conceito de "Indústria Criativa" e todos as actividades que daí derivam, como economia criativa e ambientes criativos. É ainda mencionado o caso particular de Lisboa, descrevendo objectivos de promoção e desenvolvimento de industrias criativas em programas como o LX Europa 2020 e o Plano Director Municipal, apresentando alguns exemplos de pioneiros e de sucesso na cidade de Lisboa.

O quarto capítulo foca-se nas questões da reabilitação e do restauro, analisando as perspectivas de vários autores e entidades, como forma de responder à opção de intervenção no objecto de estudo.

O quinto e último capítulo dedica-se à descrição formal do projecto.

A este último seguem-se as Considerações Finais, referências bibliográficas e anexos.

2. A Mouraria

2.1 Historia da formação da Mouraria

2.2 Operações de requalificação na Mouraria

2.2.1 Espaço público: estratégias de reabilitação urbana

2.2.2 Estratégias de reabilitação social e urbana na Mouraria

2.2.3 As directrizes do Plano Directo Municipal

2.2.4 O processo de requalificação do espaço público

2.3 A Rua do Benformoso

2.4 O Largo

2.4.1 Descrição do edificado

2. A MOURARIA

A Mouraria sempre carregou consigo um estereótipo e má conotação na história da cidade de Lisboa, que começa na sua formação, no século XII, aquando a Reconquista Cristã em 1170. Foi nesta encosta poente da colina do Castelo que se alojaram os mouros que não saíram da cidade, atribuindo-se, assim, o nome Mouraria ao espaço físico para alojamento dos mouros.

O território do bairro é de difícil delimitação, sendo composto por parte das freguesias de Arroios e de Santa Maria. Apresenta uma malha urbana de gênese mourisca bastante irregular, fruto da posterior sobreposição de ocupação de territórios, que lhe confere uma identidade e expressão urbanística próprias, com múltiplas esquinas, becos, ruas estreitas e sinuosas, com uma certa compacidade do espaço construído.[1]

Até há bem pouco tempo, quando se iniciou o processo de regeneração da Mouraria em 2011, este bairro era um lugar marcado pela insegurança associada à degradação do edificado e dos espaços públicos, à presença de prostituição, de traficantes e usuários de drogas[2]. Um território composto por vulnerabilidades sociais, designadamente, grupos de risco ou em situação de pobreza ou exclusão social, baixos índices de qualidade de vida e níveis de "guetização" territorial acima do comum e desejável em Lisboa. [3]

2.1 História da formação da mouraria

A história da Mouraria inicia-se, naturalmente, com a ocupação romana na cidade de Lisboa, então baptizada de Olissipo, em

1 Maria Manuela Mendes, 2012, p. 21

2 Maria Manuela Mendes, 2012, p. 31

3 Plano de Desenvolvimento da Mouraria, CML, citado por Maria Manuela Mendes, 2012, p. 32

138a.C.. Os seus habitantes teriam como principal ocupação as relações comerciais e o abastecimento dos muitos navios que atracavam no porto. Era uma das cidades mais importantes da Lusitânia romana.

É já nesta altura que a Rua do Benformoso tem uma importância maior, uma vez que é a rua que fazia o acesso a norte da cidade.

A ocupação do Império Romano estende-se por cinco séculos até à sua queda em 410. Olissipo é invadida pêlos Alanos, Vândalos e Suevos, antes de ser tomada pelos Visigodos, num breve período de união e paz na Península Ibérica, nos séculos VI e VII. Em 714 dá-se a ocupação agora por Tarique, governador de Tânger. Olissipo chama-se agora Al Uxbuna ou Lixbuna.

Durante cerca de quatro séculos, a cidade permanece sob domínio árabe até à tomada de Lisboa aos Mouros em 1147, por D. Afonso Henriques.

Em geral, as mourarias instalaram-se em locais menos atractivos da cidade, não só em termos de clima e topografia, como também do ponto de vista funcional, pois estavam mais afastadas dos principais eixos comerciais da cidade, assim como dos lugares de maior movimento. Instalada num vale de fraca incidência solar, a norte, junto da grande mancha de hortas que abastecia a cidade, longe da azáfama comercial à beira Tejo, e, mais tarde, no séc. XIV, excluída do novo perímetro muralhado formado pela Cerca Fernandina (século XIV), era alvo de assaltos e saques pela população cristã, que por ali entravam, avessos à religião muçulmana.



1. Porta da Rua da Palma na Cerca Fernandina

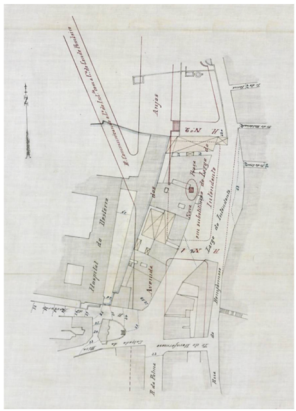
Pouco antes de 1562 foi aberto um novo postigo na cerca Fernandina, a porta da Rua Nova da Palma (fig.1), ao mesmo tempo que se desenhou a rua homónima. O aumento do trânsito na zona norte de Lisboa, tornou necessária uma nova abertura. Importa reforçar que o trajecto da Rua do Benformoso ainda continua a ser um dos acessos principais a norte da cidade. A Rua Nova da Palma terá sido traçada sob ordem do Mosteiro de São Vicente de Fora em 1554, e assim se

manteve até 1889, altura em que foi prolongada até ao Largo do Intendente.

No século XVII, o bairro de mouros torna-se já parte integrante da cidade cristã, desmantela-se a estrutura comunal e inicia-se o processo de desenvolvimento urbano já em vigor na restante Lisboa. A miséria e a sujidade vão sendo cada vez mais críticas, não só no bairro como também na cidade no seu todo. Com a destruição causada pelo terramoto de 1755, apenas alguns edifícios mais importantes sofreram reabilitação aqui na Mouraria. O conjunto urbano caiu no esquecimento e na sombra do plano urbano da baixa pombalina, assim como outras zonas antigas da cidade, mas aqui em particular, o processo de degradação entendeu-se durante séculos, iniciando um período de segregação espacial.

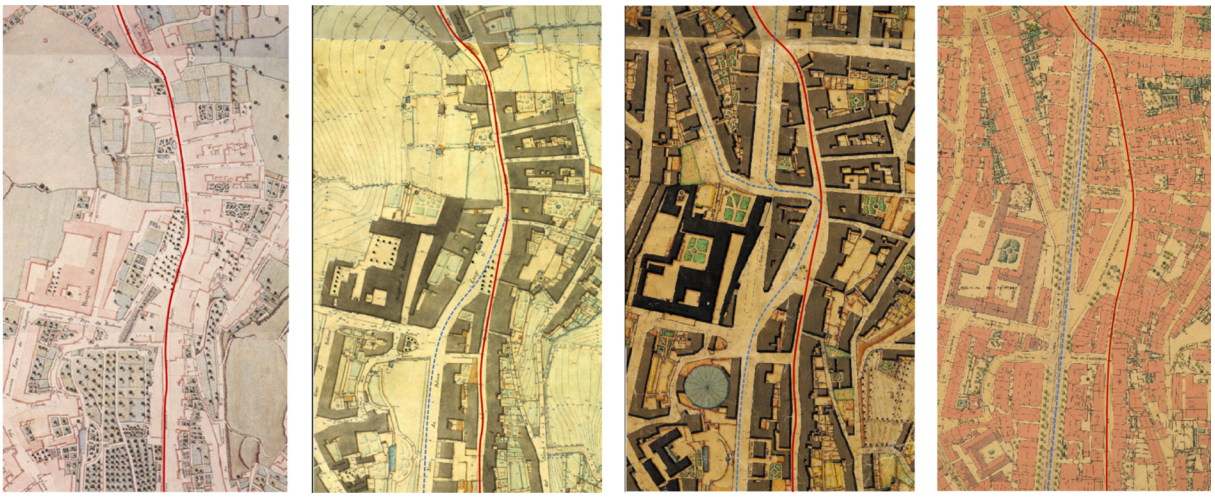
Ideais Modernistas 1851-1926

O processo do desenho da actual Avenida Almirante Reis inicia-se como o prolongamento da Rua Nova da Palma, em 1858-59. Tornou-se imperativo o traçar de uma nova artéria que corroborasse os modernos ideais higienistas da cidade, uma vez que toda a baixa da Mouraria estava coberta de hortas e barracas. É assim que em 1889 nasce formalmente a Rua da Palma, que partia das traseiras da Igreja de São Domingos e se estendia até ao Desterro, sensivelmente no Largo do Intendente – transformando profundamente o traçado urbano, destruindo um troço da Cerca Fernandina.



2. Planta de 1896 relativa à desanexação do Hospital do Desterro para a abertura da Avenida dos Anjos e Largo do Intendente

Até aqui, Lisboa terminava no Largo dos Anjos, actual Largo do Intendente, e a Rua da Palma, entalada entre a Mouraria e o Intendente, terminava abruptamente nos anexos do Hospital do Desterro. O Largo continua a ser um lugar de forte movimentação na cidade, com intenso tráfego e actividade comercial. Com o crescimento da cidade para Norte em mente, é traçada a Avenida dos Anjos, futura Avenida D. Amélia / Almirante Reis (fig.2), sob a alçada de Ressano Garcia na CML (1874-1911), que visiona projectos de expansão da cidade para norte.



3. Evolução do traçado da cidade na envolvente do hospital do Desterro e a abertura da Av. Almirante Reis (Rainha D. Amélia).
A vermelho a Rua do Benformoso.

Planta de Filipe Folque (1846/58)

Planta de Francisco Goullart (1878/79)

Planta de Silva Pinto (1911)

Planta da CML (1950)

É em 1938 que Duarte Pacheco chega à presidência da CML e inicia-se o ***Plano de Modernização do Martim Moniz***. Entre 1946 e 58, a CML expropriou e demoliu dezenas de edifícios na baixa da Mouraria, apelando à melhoria da circulação e sublinhando a ainda insalubridade das ruas, para se ver nascer um largo, apropriando-se do nome da rua já ali existente desde 1915, Martim Moniz.

São várias as ideias e propostas de soluções para o buraco do Martim Moniz durante as politicas urbanas do Estado Novo. Em 1971 é criada pelo governo a EPUL, e é em 1972 que se começa a considerar a remodelação desta praça, lançando um concurso público. E é em 1982 que a proposta da dupla de arquitectos Carlos Duarte e José Lamas se sagra vencedora. Partindo de um prolongamento da Avenida Almirante Reis, desaguando na Rua do Arco do Alegrete, abre-se uma nova artéria, ladeada de edifícios para comércio e escritórios. Uma praça densamente arborizada, limitada pela extensão do hotel Mundial.

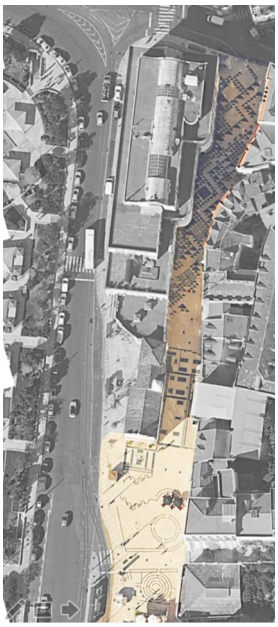
Dá-se início ao *Plano de Renovação Urbana do Martim Moniz*: a Rua da Mouraria é fechada ao trânsito, abrindo-se um largo em frente à Capela de Nossa Senhora da Saúde. De grande importância foi

também o arranjo dos espaços exteriores, chamando-se Daciano da Costa para o mobiliário urbano e o pintor Eduardo Nery para o desenho de pavimentos. Talvez o mais ilustrativo exemplo do seu trabalho aqui na praça é a marcação do lugar da velha porta da Mouraria e a projecção da Ermida da Saúde no seu perímetro, mostrando os vestígios da história que por aqui passou, num elogio à tradição calceteira lisboeta.

Mas apenas parte deste projecto urbano foi concretizado, precisamente este sector que envolve a Ermida da Saúde, sendo então criado em, 1989, o Centro Comercial da Mouraria, a Rua da Mouraria e o plano de pavimentos elaborado por Eduardo Nery (fig.4), o Centro Comercial do Martim Moniz, em 1991 e o prolongamento do Hotel Mundial. Mas o plano de Duarte e Lamas foi suspenso e uma nova intervenção é feita, com autoria de João Paulo Bessa e Daniela Ermano e a colaboração do arquitecto paisagista Gonçalo Ribeiro Telles.

É então que é redesenhada a praça tal como a conhecemos hoje, evocando os fortes momentos históricos e o imaginário medieval do lugar.[4] A Praça inaugura em 1997, e todo o idealismo pensado para este lugar, acaba por dar lugar a um buraco de marginalidade no coração da cidade.[5]

No entanto, problemas de marginalização acentuam-se devido aos poucos e difíceis acessos, à densa arborização e aos quiosques que não abriram, deixando a praça ao abandono e livre para actividades ilícitas que se foram alargando para a envolvente circundante, sendo um dos pontos de maior incidência e perigo o Largo do Intendente, mergulhando toda esta zona da cidade num período de decadência que durou até à primeira década do presente século.



4. Calçada da Rua da Mouraria junto à Ermida da Saúde, da autoria de Eduardo Nery.

Na calçada estão representados o local da antiga Porta da Mouraria da Cerca Fernandina, a projecção da igreja, e elementos decorativos.

4 A praça divide-se em três zonas distintas: a primeira um espaço de paragem "numa estrela, rosa de ventos", ao centro "um conjunto de quiosques destinados à venda de artesanato qualificado" e no final elementos escultóricos que contam a historia medieval deste lugar, como um muro/muralha (fernandina), a porta (da cidade), as bandeiras, e a água.

5 Ana Rita Almeida, 2016, p.162

2.1.1 Um Bairro Multicultural

"Bairro típico e histórico versus bairro cosmopolita; bairro exótico versus bairro difamado; bairro de imigrantes e dos estrangeiros versus bairro de autóctones."[6]

A incidência migratória da Mouraria ocorre com a chegada dos retornados em 1975-77, juntando-se a imigração proveniente dos PALOP, vindos de países em conflitos armados. Com a descolonização vieram também comunidades indianas radicadas em Moçambique e na costa oriental Africana, entre eles paquistaneses, cingaleses e bangladeshianos. Igualmente com um peso considerável foi a vaga de imigrantes provenientes dos países da Europa de Leste, da China e Sul da Ásia.

Em meados dos anos oitenta, encontravam-se em Lisboa pessoas de várias origens e com diferentes ocupações, e foi aqui, no eixo Mouraria-Intendente, que encontraram casa e local de trabalho. A comunidade imigrante da Mouraria trabalha principalmente com retalho ou comércio alimentar, na Rua da Palma e do Benformoso, e nos centros comerciais que se constroem posteriormente nos anos 80. A comunidade chinesa instala-se em Lisboa pouco a pouco, marcando uma forte presença no bairro, acomodando-se em ambos os centros comerciais e na Rua da Palma. O comércio grossista dos imigrantes começa, então, a ter capacidade para competir com o mercado tradicional.

Em 2011, a NCS, uma empresa de produção e organização de eventos, adquire, por concurso público, lançado pela Câmara Municipal de Lisboa juntamente com a EPUL, a exploração dos quarenta quiosques abandonados na praça do Martim Moniz. Desde então, os quiosques oferecem uma variedade de gastronomias do mundo – lusas, asiáticas, africanas, japonesas ou latinas – assim como

6 Maria Manuela Mendes, 2012, p. 15

eventos e actividades artísticas, como o próprio Mercado de Fusão, concertos, bailes, instalações, exposições e workshops. "O objectivo é revitalizar aquela zona, encaixando com o que já existe na zona envolvente. Queremos trazer sangue novo à praça. Queremos criar uma nova cidade dentro da cidade", resumiu José Rebelo Pinto, administrador da empresa NCS.[7]

Com esta injecção de população oriunda de tantos mundos, a Mouraria ganha novas dinâmicas sociais e culturais. Torna-se o maior território heterogéneo da cidade, marcado pela grande diversidade de nacionalidades, religiões, etnias, culturas e modos de vida – atributo este que pode ser capitalizado em campanhas de marketing urbano, apelando ao consumo de produtos e serviços dotados de autenticidade, com potencial para atrair turistas e visitantes, tornando-se num lugar distinto e distintivo.[8] O eixo Martim Moniz, Largo do Intendente e Av. Almirante Reis é um lugar de encontro e residência de comunidades muito distintas que imprimem uma identidade particular a Lisboa, sendo-lhe atribuído um posicionamento singular no contexto desta cidade.[9]

Lisboa foi admitida como membro da Rede das Cidades Interculturais e participante no programa Cidades Interculturais em 2011-2012: um projecto conjunto do Conselho da Europa e da Comissão Europeia, criado e executado dentro do contexto do Ano Europeu do Diálogo Intercultural, cujo objectivo é apoiar as cidades no desenvolvimento de estratégias interculturais para a gestão da diversidade e para a integração dos emigrantes de das minorias.[10]

7 in Público, 09.06.2012, “Martim Moniz é uma praça do mundo e um mercado de fusão”.

8 Maria Manuela Mendes, 2012, p. 20

9 Maria Manuela Mendes, 2012, p. 19

10 Em 2012 foi também criado a Rede Portuguesa de Cidades Interculturais, que pretende facilitar a orientação mútua e o intercâmbio entre as cidades, no processo de construção de uma visão intercultural e estratégica para os municípios, articulando com outras cidades europeias. Pretende, ainda, reforçar as acções das comunidades locais, tirando o máximo partido da sua diversidade cultural, apoiar as cidades no desenvolvimento de estratégias de actuação e acções que ajudem a gerir a diversidade de forma construtiva e inovadora, desconstruindo preconceitos, rumores e estereótipos. A RPCI inclui hoje oito cidades associadas: Amadora, Beja, Cascais, Coimbra, Lisboa, Loures, Santa Maria da Feira e Setúbal.

2.2 Operações de requalificação na Mouraria

2.2.1 Espaço público: estratégias de reabilitação urbana

"A estrutura física e a divisão funcional e social do espaço podem abrir ou eliminar oportunidades para o desenvolvimento de actividades."[11]

Actualmente assistimos a uma grande diversidade de estratégias, programas e políticas de reabilitação urbana que começaram a surgir após a revolução dos cravos, adensando-se na década de 80, altura em que se verificou um ***boom*** imobiliário, e paralelamente ocorreram operações de reabilitação dos bairros históricos sob a tutela da CML. É nesta altura que se reconhece que o espaço público tem um papel estruturante como gerador de forma urbana, realizando-se, assim, melhorias das acessibilidades pedonais, dos equipamentos verdes, das iluminações e mobiliário urbano. Exemplo disso é a estratégia de revalorização do espaço público, através da utilização do interior dos logradouros dos quarteirões, criado pelo Arq. Álvaro Siza Vieira no projecto de intervenção após o incêndio do Chiado, em 1988. Outro ponto marcante destas estratégias, acontece durante a preparação da cidade para acolher a Expo 98, quando o centro histórico começa a ser recuperado durante a década de 90, originando um fenómeno de retorno ao centro da cidade.

Devido ao esgotamento do território municipal consequência da Expo98, da urbanização na Alta de Lisboa e dos conjuntos habitacionais na coroa norte de Lisboa, a partir de 2007, considera-se prioritária a reabilitação urbana na cidade existente – regeneração dos bairros, reabilitação do edificado e do espaço publico.

Em 2009 é elaborada é apresentada a Carta estratégica 2010/2024, onde se propõe "uma cidade para as pessoas, aberta, intercultural, e solidária, investindo na qualidade de vida, no ambiente urbano e na segurança, com uma actividade intensa, capaz de reter e atrair recursos humanos qualificados e com uma vida rica e diversificada".

11 Jan Gehl, A vida entre edifícios, 2001, citado por Madalena Lemos.

Em 2012 é aprovada a Estratégia de Reabilitação Urbana de Lisboa de 2011/2014, onde fica explanada a importância da recuperação dos edifícios e dos espaços públicos. Relativamente ao primeiro, a CML lançou programas de apoio à reabilitação de prédios devolutos, nomeadamente o Programa Reabilita Primeiro Paga Depois, que foi amplamente aplicado nos bairros históricos da cidade (em contraposição com outros programas anteriores como o o RECRIA 1988, RAHABITA 1996 e o RECRIPH 1996, que não foram tão bem-sucedidos, e não obtiveram balanço positivo).

Com as verbas da venda de imóveis camarários, com apoios do PIPARU, do QREN e do Turismo, o município investiu directamente na reabilitação do seu património e do espaço público, de forma a tornar atractivos os investimentos privados na cidade. São exemplo disto a Avenida Duque d'Ávila, a Praça do Comércio, as ruas do Ouro e da Vitória na Baixa, os percursos pedonais da Mouraria, o Largo do Intendente e, mais recentemente a Ribeira das Naus e os passeios do Eixo Central.

Nos últimos anos tem-se assistindo a um maior enfoque nas estratégias que optam pela criatividade.

O período da crise que se instalou no país, principalmente entre 2010 e 2014, constituiu um desafio ao aparecimento de novas abordagens, de desenho e gestão urbana, mais inovadoras e criativas. Deste modo, a relação entre espaço urbano e actividades culturais e criativas tem ganhado importância nos últimos anos, graças às novas dialécticas de revitalização e regeneração urbana que se têm vindo a verificar em várias cidades, tanto nacionais como europeias. Esta estratégia assume-se como uma atracção para o surgimento e instalação de uma classe e actividades criativas, ajudando ao desenvolvimento e competitividade das cidades.

A apropriação e uso dos espaços públicos, revela muito acerca do contexto sociocultural em que se inserem; são identificadores e reflexos preciosos das cidades e das sociedades. Nuno Portas refere que o espaço público tem um valor em si mesmo, capaz de suportar

ou desencadear processos económicos ou culturais[12], é lugar de trocas e partilhas sociais e culturais, potenciador de vida colectiva, e muitas vezes palco de animação. Durkheim afirma que é importante conhecer como os grupos sociais se relacionam com o espaço e como estes o representam. O espaço é indissociável da sociedade que o habita - existem representações colectivas deste, pela necessidade de atingir uma ordem. Os grupos sociais estabelecem um vínculo com o espaço, sendo este um suporte de memórias.

É através dos espaços públicos que as cidades se reconhecem – as ruas, as praças, os largos, constituem os espaços mais importantes das cidades – e esta importância reflecte-se nas políticas urbanísticas de renovação destes espaços que se iniciaram na década de 80. No entanto, muitos destes espaços públicos foram ficando esquecidos e à margem destas operações, provocando a sua degradação e abandono, e gerando insegurança. Mas as novas políticas de intervenção no espaço público no sentido da sua requalificação, têm vindo a promover o retorno às ruas, praças e largos que antes estavam esquecidos na sombra da marginalidade.

O Programa "Uma Praça em cada Bairro", é mais uma iniciativa que corrobora estas estratégias de regeneração do espaço público, sob a Direcção Municipal de Planeamento, Reabilitação e Gestão Urbanística, da CML. Integrado no conceito Lisboa Cidade de Bairros, constitui um dos Eixos do Programa para o Governo da Cidade 2013/2017, apresentado em Maio de 2014, em colaboração com as 24 Juntas de Freguesia de Lisboa e contando também com a participação e contributos da população.

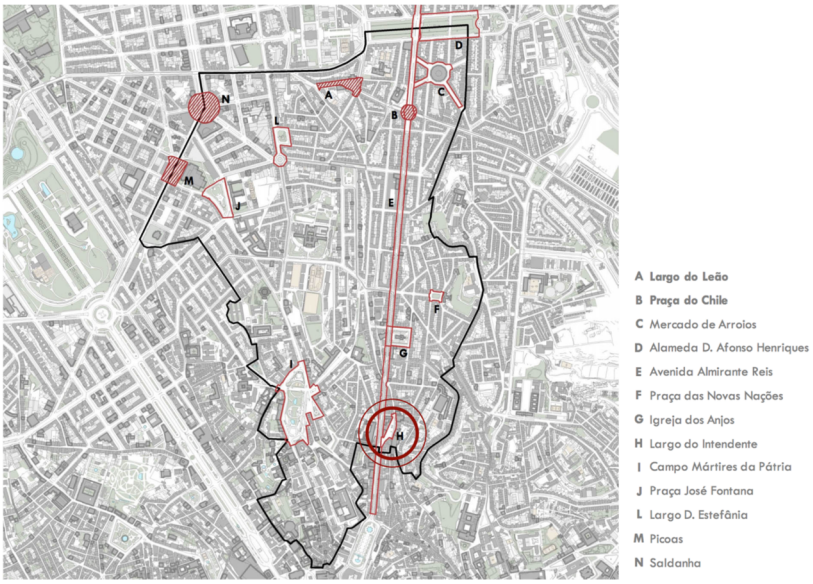
O programa pretende oferecer um ponto de encontro da comunidade local, uma microcentralidade que concentre actividade e emprego, que se consagre como espaço público de excelência e local de estar, a partir de uma praça, de uma rua, de uma zona comercial, do jardim

12 Portas 2003 citado por Madalena Lemos

do bairro ou de um equipamento colectivo existente ou projectado (fig. 5).

Outro objectivo primordial é privilegiar os modos suaves de locomoção, marcha a pé e bicicletas, melhorando as acessibilidades e circulações pedonais, de modo a desenvolver uma rede pedonal continua, segura e eficaz, de acordo com o Plano de Acessibilidade Pedonal, aumentando os pontos dos transportes públicos e condicionando o trânsito automóvel nestes lugares.

A CML preconiza a requalificação/realização de 150 praças/ruas, replicando a experiência de requalificação da Av. Duque d'Ávila, que revolucionou as Avenidas Novas.



5. Mapa de intervenções do programa "uma praça em cada bairro" na freguesia de Arroios. Em destaque encontra-se o Largo do Intendente.

A qualificação do espaço público, no caso particular de Lisboa, revela-se como um impulsionador na reabilitação do parque edificado, responsável pela valorização de ruas e bairros, originando fenómenos de "gentrificação".[13]

13 A expressão da língua Inglesa "gentrification" foi usada pela primeira vez pela socióloga

2.2.2 Estratégias de reabilitação social e urbana na Mouraria

Como referido anteriormente, a Mouraria permaneceu no esquecimento e à margem do resto da cidade, provocando uma gradual decadência social. O Programa de Reabilitação Urbana (PRU) é criado em 1985, com o intuito de apoiar financeiramente as autarquias na realização de processos de reabilitação urbana. É montado, então, o Gabinete Técnico Local de apoio aos moradores – Unidade de Projecto do Bairro da Mouraria – cujas principais missões eram travar a degradação da área urbana do bairro, intervir nos edifícios com maiores riscos de segurança, restituir fogos à sua função habitacional (promovendo a reabilitação de edifícios, e não a sua destruição, tornando-os habitáveis), aumentar a oferta de formação profissional e de espaços públicos, garantindo mais segurança e melhores condições para a população local (principalmente a idosa e jovem), atraindo ao mesmo tempo novos moradores. A sua escala de actuação era somente local, essencialmente física, para dar respostas às necessidades de forma quase imediata.

A Associação Renovar a Mouraria é criada em 2008, com o objectivo de revitalizar o bairro histórico a nível social, cultural, económico e turístico, actuando em três eixos: promoção cultural, integração social e apoio comunitário. É uma das associações mais actuantes no bairro, parceiro estratégico da CML na candidatura ao Quadro Estratégico de Referência Nacional (QREN) em 2012. Presta serviços de apoio especializado e gratuitos à comunidade emigrante residente, como processos de legalização, traduções, preenchimento de IRS, por exemplo. Promove acções de dinamização, acolhimento e integração social entre habitantes locais, emigrantes e visitantes, através dos atributos socioculturais que o bairro oferece.[14]

britânica Ruth Glass em 1964, ao analisar as transformações imobiliárias em determinados distritos de Londres, num estudo intitulado “London: Aspects of Change”.

14 Sítio Renovar a Mouraria https://www.renovaramouraria.pt/associacao/

O recurso ao QREN possibilitou a requalificação do espaço público e a reabilitação de edifícios de interesse histórico e cultural, impulsionando também eventos e actividades artísticas através de projectos de acção social que promovam a inclusão e a participação na vida publica do bairro, como se verá adiante.

Em 2009, surgiu o "Programa de Acção da Mouraria", no âmbito do QREN, e que tem como principal aposta a requalificação do espaço público e do ambiente urbano, nomeadamente a área compreendida entre o Largo do Intendente e o Largo Adelino Amaro da Costa, programados até 2013. Apesar de o Intendente e o restante bairro pertencerem a áreas administrativas distintas – freguesias de Arroios e de Santa Maria Maior respectivamente – ambas pertencem à mesma Unidade Operativa de Planeamento e Gestão, definida em PDM.

Um pouco mais tarde, no mesmo ano, foi celebrado o protocolo de financiamento que deu início ao programa "As Cidades dentro da Cidade". A Câmara ficou, assim, responsável por cinco operações: requalificação do espaço público e do ambiente urbano, re-funcionalização e reabilitação do Quarteirão dos Lagares para a criação do Centro de Inovação da Mouraria, Valorização das Artes e dos Ofícios, Valorização Sócio – Cultural e turística (entre eles o Sítio do Fado na Casa da Severa, o restauro do troço da Cerca Fernandina, a reabilitação da Igreja de São Lourenço e o Corredor Intercultural), e o Plano de Divulgação e Comunicação do Programa de Acção.



6. Mapa de estratégias do QREN para o bairro da Mouraria

Em 2010 iniciam-se, então, as operações urbanas, com a colaboração de Juntas de Freguesia, moradores, paróquias e outros parceiros. As primeiras missões de carácter urbano passam pela repavimentação de ruas e largos, instalação de mobiliário urbano, colocação de iluminação e de vegetação no Largo do Intendente, Largo Adelino Amaro da Costa e no Largo da Severa.

Um outro instrumento de destaque que se aliou às profundas operações de requalificação dos espaços foi o Programa BIP-ZIP – Bairros e Zonas de Intervenção Prioritária de Lisboa. Criado em 2011, visa dinamizar parcerias e pequenas intervenções locais de melhoria dos "habitats" abrangidos, através do apoio a projectos levados a cabo por juntas de freguesia, associações locais, colectividades e organizações não-governamentais, contribuindo para o reforço da coesão socio-territorial no município.

A dinamização de projectos pensados para e pelas comunidades locais, suprindo as suas necessidades a diversos níveis e pondo a concorrer, para isso, as forças locais e a própria comunidade, é o objectivo deste programa, com consequências directas em termos de empregabilidade, formação, actuação, nos domínios da saúde, educação, junto dos idosos, jovens desempregados, ou de grupos

vulneráveis.[15] O programa BIP-ZIP resume-se a uma iniciativa de investimento público e gestão privada.

Actualmente, existem na Mouraria diversas associações e entidades que actuam em diferentes planos do território. Algumas lutam contra a exclusão social, com acções de prevenção de fenómenos de risco e marginalidade, nomeadamente nas camadas mais idosas e jovens, promovendo actividades lúdicas e culturais. Outras entidades preocupam-se em valorizar o património cultural, destacando-o como ponto forte do bairro, dando a conhecer todo o seu valor histórico do bairro. Estas iniciativas e programas têm como lógica a eliminação do estigma de insegurança que acompanhou o bairro e o largo durante décadas, contribuindo para uma mudança de atitude.

2.2.3 As directrizes do Plano Directo Municipal

A área do Largo do Intende e a Rua do Benformoso localiza-se entre duas freguesias: a dos Anjos e a de Santa Maria Maior, e insere-se na Área Crítica de Recuperação e Reconversão Urbanística da Unidade de Projecto da Mouraria. Nos termos do PDM, a área de estudo "corresponde a traçados orgânicos ou regulares que abrangem essencialmente o centro da formação da cidade, as frentes ribeirinhas e os antigos núcleos rurais. Os traçados orgânicos caracterizam-se por um traçado de carácter espontâneo adequado às condições e topografia do terreno com ruas estreitas e sinuosas: Castelo, Alfama, Mouraria; (CML, 2012: 78).

Esta área é considerada globalmente "como área histórica habitacional dotada de infra-estruturas urbanísticas consolidadas, de formação pré-pombalina, em geral configurada até final do século XVIII" (AML, 2014).

O Plano de Urbanização do Núcleo Histórico da Mouraria define que para esta área sejam aplicados os princípios da conservação e

15 CML 2018

reabilitação do edificado existente garantindo “a preservação dos elementos arquitectónicos e patrimoniais, evitando - se a sua substituição, potenciando e reforçando a imagem singular desta área histórica” (AML, 2014). Relativamente aos materiais e acabamentos, fica defino no Artigo 11º em Diário da República:[16]

1 — Os elementos da construção só podem ser substituídos em caso de degradação irreversível, devendo as zonas afectadas por perda das características originais dos materiais ser colmatadas com materiais idênticos ou compatíveis, sendo preferível utilizar materiais com composição semelhante a partir de zonas em bom estado, do que substituir integralmente os elementos.

2 — A remoção de azulejos de fachada de qualquer edificação, assim como a demolição de fachadas revestidas a azulejos é interdita.

5 — Quando da aplicação de rebocos em paramentos devem destacar-se todos os elementos de composição das fachadas, nomeadamente cantarias, cunhais, molduras e lápides.

16 Regulamento do Plano de Urbanização do Núcleo Histórico da Mouraria (alterações ao Regulamento do PUNHM de 1997, publicado no Diário da República, 2ª série nº 83 de 30 Abril de 2014).

2.2.4 O processo de requalificação do espaço público



6. Evolução física do Largo do Intendente entre os anos 2001, 2011, 2016.

Desde 2011 que a Mouraria tem vindo a sofrer alterações profundas no seu tecido social e arquitectónico, de forma a restaurar e reorganizar o seu território, até aqui bastante degradado, inseguro, e fortemente limitador da felicidade, liberdade e mobilidade dos habitantes.

As operações de requalificação do Largo do Intendente e Rua do Benformoso marcaram o arranque das operações. As obras tiveram início no final de 2011 terminando no ano seguinte, e são da autoria dos Arquitectos Maria Cristina Neves e Paulo Gonçalves da Direcção Municipal de Projectos e Obras da Câmara Municipal de Lisboa, em colaboração com técnicos de vários departamentos da Câmara Municipal de Lisboa. Para o Largo as intenções eram claras: revitalizar a vivência e a interacção social do bairro, através de um espaço versátil e multifuncional, que favoreça a instalação de esplanadas, restauração, comércio e eventos.

A grande passadeira do Largo é pavimentada em lajetas de pedra lioz e calçada de vidraço branco, que atribui amplitude ao Largo, assim como maior clareza na interpretação do espaço. No que respeita à Rua do Benformoso, as alterações feitas foram ao nível das acessibilidades, reestruturando a circulação automóvel e melhorando a circulação pedonal.









7. Kit Garden de Joana Vasconcelos

8. Pavimento da Rua do Benformoso.

9. Pormenor do pavimento da calçada de vidraço e lajetas de lioz e o mobiliário urbano.

10. O Largo do Intendente actualmente.

No Largo encontra-se também uma peça escultórica da artista plástica Joana Vasconcelos. O ***Kit Garden*** é um equipamento urbano, composto por dois espaços com assentos limitados pela sebe, criando ambientes intimistas de permanência. É simultaneamente uma peça escultórica e um banco de jardim. As suas cores - verde e encarnado do elemento vegetal e o da estrutura em ferro - contrastam entre si, pontuando o Largo e evocando uma ideia de jardim romântico (fig. 7).

Actividades comerciais e culturais, como é o caso das Residências e Café LARGO, o Café das Joanas e a Casa Independente instalaram-se aqui timidamente. Em 2013/2014 ocorre a mudança do gabinete do presidente da CML para o Largo do Intendente, o que ajudou a criar confiança nestas novas e futuras alterações urbanas e sociais.



2.3 A Rua do Benformoso

A Rua do Benformoso é traçada no seguimento da Rua da Mouraria, que por sua vez parte da Porta da Mouraria na Cerca Fernandina. Sempre foi uma das ruas mais movimentadas da cidade, por onde todo o trânsito era efectuado ao longo dos séculos.

A sua importância está também associada à intensa actividade comercial, especialmente oleira, e lazer que aqui se manifestou durante o século XIV.[17]

Era aqui também que até ao século XIX se podia encontrar estalagens e tabernas que acolhiam os forasteiros para que não tivessem que entrar na cidade muralhada e pagar portagem, e pudessem usufruir do comércio diário que se desenvolvia fora de portas.

Possui dois Imóveis de Interesse Público: edifício nº 101 a 103 cuja construção remonta aos séculos XVI e XVII, característico da denominada "Arquitectura Popular" (fig.11); e o edifício nº 244, construído no século XIX com traços românticos, onde hoje se encontra instalada a Casa dos Amigos do Minho (fig.12).





11. Rua do Benformoso nº101 a 103.

12. Rua do Benformoso nº 244

17 Durante o reinado de D. João I, a colaboração inter-religiosa já se torna habitual fora dos limites da cidade - todos trabalhavam juntos nas várias tendas de olaria que se instalaram para produção e comercialização de cerâmicas, uma vez que o terreno da encosta dos Montes da Graça e de S. Gens era rico em argila. Os cristãos fixam aqui o seu negócio aproveitando o saber dos muçulmanos e completando a sua actividade. Torna-se a actividade manufactureira mais importante do século e graças a isso, inicia-se o processo de expansão do bairro, com tendas comerciais desde a Rua dos Lagares à Rua das Olarias.







13. 14. 15. Fotografias o Largo do Intendente em 1911, 1964, e 1969.

2.4 O Largo do Intendente

Imagine-se agora os edifícios colocados de maneira a permitir o acesso ao interior do conjunto; então o caminhante sentirá que esse espaço delimitado tem uma vida própria, que a sua existência é independente das construções que o originam e envolvem e pensará "Estou aqui" ou "Estou a entrar aqui". [18]

O Largo do Intendente pertence à freguesia de Arroios, na baixa do bairro da Mouraria. É ladeado pela Rua da Palma, Rua do Benformoso, Rua dos Anjos, Travessa do Cidadão João Gonçalves, Travessa da Cruz aos Anjos e Travessa do Maldonado.

O Largo ganha a sua toponímia apenas em 1955, em virtude de Diogo Inácio de Pina Manique (1733-1805), Intendente-geral da polícia durante o reinado de D. José, ali se ter instalado no seu palácio. Também ele foi o fundador da Real Casa Pia de Lisboa, em 1780, e o grande responsável pela construção do Teatro de São Carlos. Importa salientar que neste período ainda não existia a Rua D. Amélia, actual Av. Almirante Reis, apenas a Rua Nova da Palma que terminava aqui no Largo.

O Largo foi também uma grande vítima da decadência que se instaurou no bairro durante os anos 80 e 90 do século passado, principalmente após o desmantelamento do Casal Ventoso, intensificando a concentração de actividades marginais e criminosas no Largo e na sua envolvente. O Intendente torna-se, assim, num dos locais mais inseguros e degradados da cidade, tanto do ponto de vista social como do edificado.

18 Gordon Cullen. (2015). Paisagem Urbana, p. 9

2.4.1 Descrição do edificado

No Largo também se encontram edifícios com elevado valor arquitectónico e importância histórica.

O Palacete do Intendente de Pina Manique

O Palacete do Intendente de Pina Manique, que ocupa os números 48 a 54, possui quatro pisos com águas furtadas, rematado por uma cornija decorada por balaustrada, tem nove portas de arco abatido no piso térreo, nove janelas de cantaria na sobreloja, nove portas de bandeira alpendradas com varandas de ferro, e novamente nove janelas de cantaria. Após a sua função original como edifício de habitação, foi temporariamente ocupado pela Academia das Belas-Artes, em 1785, e em 1890, pelo Liceu Central de Lisboa. Actualmente serve como sede do Sport Clube do Intendente, fundado em 1933, sendo umas das colectividades mais antigas da Freguesia. Funciona como espaço de convívio para todas as pessoas do bairro: promove noites de fado, tem salas de jogos e um salão nobre para ensaios de bandas e outros projectos artísticos. Apesar do seu interior acessível ao público em geral estar em razoável estado de conservação, a sua fachada é ainda a mais degradada do Largo.

Fotografias do antigo palácio de Pina Manique

16. O Palacete de Pina Manique, actual, Sport Club Intendente.

17. Lápide em memória de Diogo Inácio de Pina Manique.

18. Fotografia aérea do Palácio de Pina Manique.







A Casa Independente

Imediatamente ao seu lado, a norte, no nº 45, encontra-se a Casa Independente, instalada num antigo palacete onde funcionou a antiga Associação do Registo Civil, uma instituição anti-maçónica, encerrada em 1938, durante o período do Estado Novo.

A Casa Independente é fruto do programa Bip-Zip, e desde 2012 desenvolve projectos colaborativos com a população local, promovendo a cultura e a integração social, através do desenvolvimento de estratégias colaborativas e de trabalho em rede que mobilizem os cidadãos a tirar partido das tecnologias (materiais e imateriais) disponíveis. Assume-se como "um projecto sustentável e integrado no desenvolvimento cultural e social da cidade a longo prazo". Para além dos projectos sociais, a Casa Independente tem uma programação regular de ***workshops***, exposições, concertos, eventos gastronómicos, recitais e outro tipo de encontros, tanto no período diurno como nocturno. Com esta vasta oferta cultural, torna-se um dos grandes impulsionadores de atracção para a classe criativa.

Fotografias do edifício da Casa Independente

19. Registo Civil em 1911.

20. Associação dos Socorros mútuos Almirante Cândido dos Reis 1964

21. A Casa Independente em 2014







LARGO Residências

No nº19 do Largo está hoje instalado o LARGO Residências Artísticas, que surge em 2011, no âmbito do programa Bip-Zip. O edifício histórico, forrado a azulejos com padrão geométrico, pertence aos herdeiros da Fábrica Viúva Lamego. Esteve encerrado após a transferência das actividades fabris para Sintra e a sua reutilização foi bastante discutida, uma vez que sua estrutura estava bastante fragilizada. Operações de reabilitação foram necessárias, não só por questões de segurança, mas também para responder às necessidades do novo programa de residências que viria a acolher, com a autoria do Ateliermob.

Fotografias do edifício que é hoje o LARGO Residências

22. Frente do edifício LARGO Residências em 1898/1908.

23. Frente do edifício LARGO Residências em 1969.

24. Frente do edifício LARGO Residências actualmente.







Hotel 1908

O edifício do Arq. Adães Bermudes, actual Hotel 1908, é talvez a construção com mais destaque no Largo, não só pela sua arquitectura particular, mas principalmente por ser a sua porta de entrada. Classificado como Imóvel de Interesse Público e galardoado com o Prémio Valmor, foi inicialmente projectado para albergar dupla função - comercial no piso térreo e residencial nos pisos superiores. O seu exterior apresenta vários elementos estilísticos resultando num eclectismo arquitectónico. De planta longitudinal que culmina num corpo semicircular coroado com uma cúpula estilo neobarroco, possui quatro pisos e as suas fachadas, tanto para o Largo como para a Avenida, são completamente forradas a azulejos, com motivos florais e pavões, evocando a memória da indústria azulejar da zona.











25. Edifício de habitação de Adães Bermudes, meados do século XX.

26. Edifício em 1908.

27. Hotel 1908 do lado do Largo do Intendente actualmente

28. O edifício actualmente como Hotel 1908

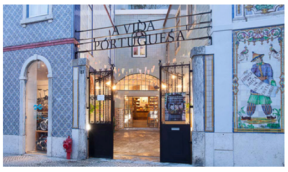
29. Pormenor dos azulejos do edifício de Adães Bermudes.

Fábrica da Viúva Lamego – A Vida Portuguesa

E por falar em indústria azulejar não podia faltar referência à olaria mais importante da época que aqui foi instalada em 1849 (foi no século XIX que a indústria se afirma definitivamente), por António Costa Lamego, embora hoje seja mais conhecida pela Cerâmica Viúva Lamego.

Inicialmente a fábrica produzia artigos de barro vermelho, azulejos de barro branco e alguma faiança, mas foi só no passado século que o azulejo se tornou o principal produto da fábrica, já então virada para os artistas com ***ateliers*** de trabalho à sua disposição. Edifício nº 23 do Largo, é estruturado em dois registos, com duas janelas cada, que no segundo piso ladeiam uma varanda. Tem como remate uma empena, rasgada por um óculo rodeado de grinaldas e pequenas figuras que seguram uma inscrição com a data da construção. O revestimento cerâmico que cobre toda a superfície da fachada para o Largo regista um cromatismo predominantemente verde e amarelo, corroborado por figuras, anjos e motivos vegetais que alegorizam a fábrica.

Também este edifício está classificado como Imóvel do Interesse Público. O espaço da antiga fábrica, onde ainda se encontram azulejos de origem que mantêm o carácter do lugar, passou a albergar, desde 2013, "A Vida Portuguesa", loja de venda de produtos de criação e fabrico nacional.











30. 31. Entrada e interior da loja "A Vida Portuguesa", nas antigas instalações da Cerâmica Viúva Lamego.

32. Pormenor do painel de azulejos que compõe a fachada voltada para o Largo.

33. 34. Fotografias da Fábrica da Viúva Lamego em 1898/1908 e actualmente.



35. Edifício em estudo na primeira década do séc XX.

O objecto de estudo

Um outro edifício de destaque no Largo, contíguo ao palácio de Pina Manique e classificado como Imóvel de Valor Concelhio, é o objecto de estudo deste trabalho. Possui características interessantes não só pela sua localização como pelo desenho e elementos das fachadas.

O conjunto que à partida se identifica como um só edifício, era, na verdade, constituído por dois edifícios distintos, que se apresentam actualmente como um vazio urbano.

Em 2014, a CML aprovou uma proposta para a edificação de uma residência de estudantes, a cargo da Estamo, uma imobiliária do Estado de capitais exclusivamente públicos, que previa 239 camas, que iria permitir "trazer gente nova para a Mouraria".[19] Na memória descritiva do projecto lia-se que haveria lugar à "manutenção da actual fachada, inalterada e recuperada como uma 'memória' do antigo revestimento em azulejo, funcionando como 'grande cenário', atrás do qual se monta um edifício de características bastante regulares, de revestimento em superfícies de vidro e reboco."[20]



36. Largo do Intendente em 1944

19 Manuel Salgado, vereador da Reabilitação Urbana, in Público, 25 Março de 2014.
20 Público, 2014, "Vai nascer uma residência de estudantes no Intendente". Inês Boaventura

Por esse motivo, todo o seu interior foi demolido em 2013, restando apenas duas fachadas. Orientada a poente e de caras para o Largo, uma monumental fachada sustentada por uma estrutura metálica; e orientada a sul, uma fachada lateral, adjacente às Escadinhas das Olarias. Contudo, o projecto das residências foi abandonado, sendo o terreno e a fachada vendidos a uma nova empresa imobiliária privada, que já iniciou a construção de um bloco habitacional com 51 apartamentos para venda.

Relativamente à fachada, o edifício de maior dimensão, um palacete de traça pombalina do século XIX, compreendido entre os números 57 do Largo do Intendente e 278 da Rua do Benformoso, era constituído, numa das partes, por dois pisos (fig. 35). Em 1913, é acrescentado o segundo piso (fig. 37) seguindo o mesmo ritmo dos vãos já existentes, havendo, no entanto entre este e o primeiro, um piso intermédio. Pela análise das plantas encontradas datadas dos anos 80, verifica-se que, a partir do primeiro piso, funcionava uma oficina de loiças com salas para o de corte de vidro e madeira, cromagem, espelhagem, armazém, escritórios e ainda uma sala de exposição, e que o piso térreo e sobreloja eram ocupados por comércio relacionado com a oficina (cromagem, loiças e ferragens), um bar e ervanária (ver anexos).



37. Edifício em estudo fotografado a partir do interior do edifício de Adães Bermudes.



38. Largo do Intendente actualmente, 2015.



39. Fotografia do edifício em estudo, na Rua do Benformoso, em 1902.



41. Escadinhas das Olarias.

42. A fachada principal. As primeiras 3 partes pertenciam ao edifício compreendido entre os números 57 e 75.
A última parte, com um desenho distintamente diferente, pertencia ao edifício compreendido entre os números 278 e 284 da Rua do Benformoso.

Do edifício de menor dimensão, compreendido entre os números 278 e 284 da Rua do Benformoso (fig. 39), sabe-se que foi construído em 1879, para habitação permanente e temporária e para comércio no piso térreo. Constituído inicialmente por três pisos (figura 9), é acrescentado um quarto piso em 1916, colocando-o à mesma cota do terceiro piso do palacete, como se mantém ainda hoje. O seu interior era composto por uma série de quartos, instalações sanitárias e cozinhas comuns. No primeiro piso albergava uma pensão, no segundo piso habitação, e no terceiro piso novamente pensão com usufruto do logradouro no tardoz. O acesso à pensão fazia-se tanto pela Rua do Benformoso 284 (através de um imponente hall de entrada comum à oficina) como pelas Escadinhas das Olarias 14. O piso térreo (números 282 e 280) era ocupado por dois estabelecimentos de bar com sobreloja.

Morfologicamente, é possível dividir este conjunto em 4 partes sensivelmente iguais, e através disso analisar as diferentes relações com o espaço público (fig. 42).

De uma forma geral, no piso térreo existem 14 vãos em que 10 são de arco rebatido – os restantes terão sido adaptados para também servirem como acesso ao interior. No primeiro e segundo pisos do edifício maior, encontram-se em cada um, 10 vãos de porta de bandeira alpendroadas. A fachada mais a sul é composta por 4 pisos com quatro portas de bandeira alpendroadas, com excepção do piso térreo. Todos os vãos possuem cantaria de pedra.



Relação com o Largo

Relativamente às relações diferentes que as fachadas estabelecem com o espaço publico, é o primeiro quarto que tem a sua frente voltada para o Largo e para as actividades sociais que aqui acontecem. Na restante fachada, em direcção a sul, inicia-se a transição para a escala de rua. O novo edifício que se propõe vai, portanto, ser um marco de transição de dois ambientes urbanos totalmente diferentes – do amplo e solarengo Largo à estreita e sombria Rua.



40. Fachada lateral para as Escadinhas das Olarias.





43 e 44. O objecto de estudo e a sua relação com o Largo Fotografia e desenho bidimensional.

Este monumental conjunto de fachadas encontra-se despido de qualquer revestimento, mantendo apenas o friso de azulejos, cornija e balaustrada no topo. Já a fachada a sul, adjacente às Escadinhas, mantem ainda o seu revestimento original em azulejo policromático com motivos geométricos.

01.4.2 Dinâmicas do Largo do Intendente

O Largo do Intendente, é considerado um dos largos mais interessantes do ponto de vista urbanístico e patrimonial, preservando as características da época em que os edifícios que o delimitam foram construídos.[21] É composto por um conjunto de fachadas dinâmicas, todas distintas umas das outras, de diferentes desenhos, ritmos, padrões, dimensões, texturas, revestimentos, cores e estados de conservação, que se equilibram e criam harmonia entre si. Todos estes elementos permitem o reconhecimento deste ambiente, imprimindo uma diversidade muito própria e característica ao Largo. Compõem um espaço público ímpar na cidade de Lisboa, com diversos usos e apropriações ao longo dos séculos.

"(...) As fachadas urbanas são sempre significantes dos espaços internos do edifício que encerram no seu interior, mas também correspondem, elas próprias, à determinação de um novo significado. Ou seja, as fachadas urbanas concorrem para a definição de um novo tipo de espaço, também com características de um "interior", mas a uma diferente e muito maior escala: a amplitude do espaço urbano. Nesse sentido, as fachadas são como que as "paredes interiores" do espaço urbano, pelo que são, no mesmo momento, significantes e

21 Madalena Lemos, 2014, p. 70

significado." [22]

Para além da componente artística, o Largo é também palco de uma agitada vida nocturna, dentro e fora de portas, preenchida com eventos culturais, musicais, dança, teatro, cinema, a maioria promovidos pela associação Renovar a Mouraria, pela Câmara de Lisboa, pelas associações, bares e cafés que existem no Largo, e até mesmo por empresas de eventos privados que aqui encontram um espaço de promoção e sensibilização que envolve a comunidade.

As dinâmicas no Largo iniciaram-se com o Festival TODOS – Caminhada de Culturas que aconteceu pela primeira vez em 2009, levando mais de 12000 pessoas ao Martim Moniz para uma viagem por parte do bairro da Mouraria incluindo a Rua do Benformoso e o Largo do Intendente, com o objectivo de celebrar a cidade de Lisboa, estimulando o convívio entre residentes, trabalhadores e visitante, de forma a combater o preconceito, medo e exclusão social. Outras dinamizações sociais aconteceram após as obras de requalificação do Largo, como o MEO Out Jazz, festas de Santos Populares e o festival Bairro Intendente em Festa.

A dimensão da vida nocturna do Largo tornou-o num dos novos pólos de diversão da cidade. Os diferentes ambientes distribuídos pelo Largo atraem muitas gentes, de várias idades, profissões, interesses, nacionalidades. O Largo permanece vivo de dia e de noite.











45. a 49. Actividades culturais e animações no Largo do Intendente.

22 José Aguiar, 2002, p.137

3. INDÚSTRIAS CRIATIVAS

3.1 As Cidades e a Cultura

3.1.1 Conceito de Cultura

3.2 Economia, Ambientes e Indústrias Criativas

3.3 A Cidade Criativa

3.4 Ambientes Criativos em Lisboa

3.5 Novas tipologias de espaços culturais e de criação

3. INDÚSTRIAS CRIATIVAS

3.1 As Cidades e a Cultura

As cidades devem potenciar as suas especificidades como uma mais-valia para contribuir para as economias nacionais. Devem-se construir com ambientes em que o conhecimento e o lazer se fundam com espaços públicos de qualidade, promovendo a criatividade. Procura-se, cada vez mais, que as cidades ofereçam oportunidades e interacções para resolver os problemas actuais, mas que não prescindam de sua qualidade arquitectónica enquanto base de qualidade de vida dos seus habitantes e visitantes. Os bens culturais devem ser vistos como activos urbanos e vantagens económicas. O desenvolvimento das cidades está, portanto, estritamente dependente da sua história, arquitectura, cultura e criatividade.

3.1.1 Conceito de Cultura

O conceito de Cultura, segundo Edward Tylor, é tudo aquilo que é produzido pelo homem, seja no plano material ou imaterial, desde artefactos e objectos, a ideias e crenças, e que fornece um contexto e um conteúdo à vida. É o conjunto de conhecimentos e toda a habilidade humana empregada socialmente.

Alfredo Bosi afirma que cultura é o conjunto de práticas, de técnicas, de símbolos e de valores que devem ser transmitidos às novas gerações para garantir a convivência social. É produção social de transmissão de identidades, significados, conhecimentos, crenças, valores, memórias, formas de vida de um grupo particular de seres humanos.[23] É, no fundo, tudo o que uma sociedade ensina e transmite aos seus descendentes para comunicar e garantir a sua sobrevivência. De uma forma mais comum, a cultura está associada

23 Lerner, E. M. R., 2005.

à produção artista e intelectual. É uma estrutura no presente, do presente e para o futuro.[24]

A Cultura é utilizada como mecanismo gerador de riqueza, transformação e desenvolvimento económico e social que se verifica na presença crescente das actividades culturais nas estratégias de desenvolvimento das economias. É considerada um elemento catalisador no processo de regeneração e valorização do espaço e um eixo para o desenvolvimento de comunidades saudáveis, felizes e sustentáveis. [25]

Tornou-se no novo veículo de mobilização social face a uma sociedade culturalmente diversa e criativa, num mecanismo para reintegrar grupos anteriormente marginalizados da economia local; descobriu-se uma nova fonte de desenvolvimento económico fundamentada por uma nova necessidade resultando numa procura de actividades e produtos inerentes ao mercado cultural.

3.2 Economia, Ambientes e Indústrias Criativas

"As economias e sociedades mais bem-sucedidas do século XXI vão ser também as mais criativas. A Criatividade vai fazer a diferença – para as empresas que procuram vantagens competitivas, para as sociedades que procuram novas formas de abordar problemas e melhorar a qualidade de vida."[26]

A criatividade é uma condição, uma propriedade, inerente ao ser humano. De forma geral define-se como a capacidade do ser humano em exprimir-se de uma forma original, gerar ideias novas, resolver

24 Coccossis e Nijkamp 1995, citado por Gonçalo Furtado e Sandra Alves.

25 Katie Evans, 2009

26 Chris Smith, Secretário para a Cultura, Média e Desporto do Reino Unido, 2001, citado por Gonçalo Furtado e Sandra Alves.

determinados desafios e obstáculos, criando diversos efeitos e resultados, coisas que possam ser valorizadas.[27]

É identificada como um elemento importante de capital humano, fonte de inovação e crescimento, e desempenha um papel fundamental no desenvolvimento de uma determinada região ou empresa. [28] Não é exclusiva do meio urbano, tendo antes uma dimensão pessoal (ou colectiva) e manifesta-se na cultura e na arte, na indústria e nas empresas, no conhecimento e na investigação científica, na tecnologia, na educação, no limite, em todos os domínios de actuação humana.[29]

Tornou-se, mais recentemente, num valor de câmbio importante nas sociedades ocidentais, principalmente em indústrias e empresas ligadas à cultura, investigação, tecnologia e educação. [30]

A criatividade humana é um factor chave na economia e na sociedade e a classe criativa é a força condutora para a transformação da sociedade.

O conceito de "indústrias criativas" é mais restrito às actividades criativas e consiste num conjunto de sectores e subsectores criativos industriais, que têm por núcleo a criatividade humana – arte, arquitectura, artesanato, moda, design, publicidade, software, etc. É proveniente das tradicionais actividades artísticas e indústrias culturais que foram sendo alvo de evolução, graças ao desenvolvimento tecnológico e à integração das redes de informação e comunicação.

Foi no Reino Unido, em 1997, que o termo ganhou exposição com a publicação *Creative Industries Mapping Document*, em que se refere à criatividade e às indústrias criativas como sendo um factor de crescimento económico. São definidas como "aquelas indústrias que

27 UNCTAD 2013, p. 4

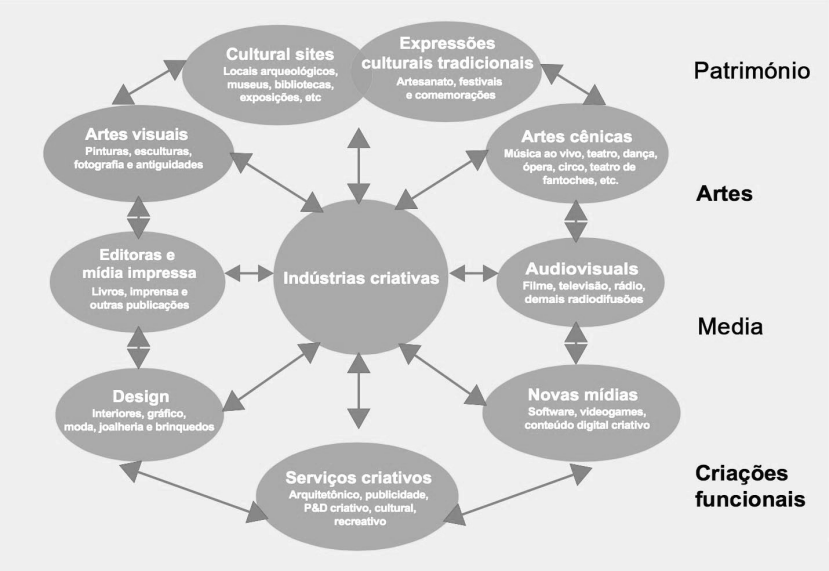
28 Rui Tiago Claro Farlens, 2013

29 CML, Lisboa, Economia Criativa, 2013, p.18

30 Joana Miguel Seabra, 2007

têm a sua origem na criatividade, habilidade e talento individuais e que têm um potencial de criação de riqueza e de emprego através da geração e exploração da propriedade intelectual".[31]

Em 2004, na XI Conferência Ministral, a UNCTAD classifica as indústrias criativas como as actividades que possuem um sólido componente artístico para qualquer actividade económica que produza produtos simbólicos intensamente dependentes da propriedade intelectual, visando o maior mercado possível.[32] Divide as indústrias em quatro grandes sectores – património, artes, media e criações funcionais – que se distribuem em nove subsectores.



50. Esquema elaborado pela UNCTAD demonstrativo das relações das Criativas

A discussão sobre indústrias criativas evolui para "economia criativa", que abrange não só as primeiras, como também os seus impactos nos demais sectores da economia. O termo "economia criativa" surgiu em 2001, por John Howkins, num estudo sobre a relação entre

31 Documento "Creative Industries Mapping Document 2001", Department for Culture Media and Sport, London

32 UNCTAD, Indústrias Criativas e o Desenvolvimento (Documento TD(XI)/BP/13 de junho de 2004)

criatividade e economia, ***The Creative Economy***. Para Howkins, "a criatividade não é uma coisa nova e nem a economia o é, mas o que é novo é a natureza e a extensão da relação entre elas e a forma como combinam para criar extraordinário valor e riqueza".[33] Howkins afirma ainda, que em torno da economia criativa encontram-se 15 indústrias criativas, que vão desde as artes até aos maiores campos da ciência e da tecnologia.
A economia criativa pode, então, definir-se como um conjunto de actividades económicas dependentes das actividades/indústrias criativas, que estimula o aumento de receita, cria empregos e a exportação de ganhos, ao mesmo tempo que promove a inclusão social, diversidade cultural e desenvolvimento humano.

E para que exista uma economia criativa têm que existir actores. Richard Florida na sua obra ***The Rise of the Creative Class*** (2002) destaca a relação entre cidade e criatividade e defende a existência de uma "classe criativa"[34] entendida como recurso determinante para a competitividade territorial. Segundo Florida, a "classe criativa" é constituída por pessoas cujo potencial se baseia na utilização da criatividade como ferramenta laboral, que procuram e valorizam um espaço com características muito específicas como a diversidade e incentivos culturais. Esta nova classe criativa é constituída por uma variedade de colectivos. Geralmente são tolerantes face a diversidade étnica e de género e são compostos por colectivos boémios, artistas, escritores, músicos, designers, informáticos, assessores financeiros, arquitectos, artesãos, etc, ou seja, pessoas cujo potencial se baseia na criatividade e sobretudo que procuram um espaço com características muito especificas para desenvolver um meio ambiente distinto.

33 Nações Unidas (2010) Relatório de Economia Criativa 2010, Economia Criativa: Uma Opção de Desenvolvimento Viável, p. 9, versão brasileira.

34 *"I define the Creative Class to include people in science and engineering, architecture and design, education, arts, music and entertainment whose economic function is to create new ideas, new technology, and new creative content."* (Florida, 2002:8).

A atracção e fixação de talento profissional apresentam-se como estratégia para desenvolver e manter a qualidade de vida de um território, para o crescimento e desenvolvimento económico.[35]

3.3 A Cidade Criativa

Um ambiente altamente cultural pode ser uma estufa para a criação de novas ideias num rico ambiente criativo. Ambientes criativos associados a um complexo urbano em que vários tipos de actividades culturais constituem um componente integral do funcionamento económico e social, levou ao surgimento do conceito de "Cidade Criativa".

Estas cidades tendem a ser construídas sobre uma sólida infra-estrutura social e cultural, a ter concentrações de emprego criativo relativamente altas e a ser atractivas ao investimento estrangeiro devido às suas facilidades culturais bem estabelecidas. São espaços físicos, orgânicos e em constante transformação e movimento, povoados por pessoas e actores concretos, onde se podem conceber e implementar projectos no terreno. A cidade tem de ser capaz de transformar continuamente a sua estrutura socioeconómica, com base na criatividade dos seus habitantes. Charles Landry aponta que *"actualmente muitas cidades do mundo enfrentam períodos de transição que são amplamente conduzidos pelo vigor da globalização renovada. Estas transições variam de acordo com a região. (...) as indústrias antigas estão a desaparecer e o valor agregado das cidades é criado não tanto por o que é fabricado, mas pelo capital intelectual aplicado aos produtos, processos e serviços."*[36]

35 Lerner, 2005.

36 Charles Landry, 2000, The Creative City: A toolkit for urban innovators



51. Imagem realizada pelo artista norueguês Torhild EideTorgersen durante uma palestra de Richard Florida em Larvik, 2008

O sucesso das cidades contemporâneas passa pela capacidade de atrair capital humano qualificado, com vista à criação e aplicação de conhecimento em "clusters urbanos" e "indústrias criativas", que por sua vez poderão traduzir-se numa economia mais sólida e numa cidade mais competitiva.

A cidade criativa poderá desempenhar um papel importantíssimo na revitalização das cidades se existir uma boa liderança democrática capaz de aplicar práticas em benefício das comunidades.

Este paradigma promete inverter uma tendência de decadência urbana fruto de más práticas governamentais da era pós-industrial (e em algumas cidades do pós-guerra), e trazer vitalidade e identidade às cidades, promovendo o retorno e fixação da população e da "classe criativa".

Devido à forte identidade cultural e local, os centros históricos, antigas zonas industriais e frentes ribeirinhas, são os locais ideais à implementação de práticas consonantes com a abordagem da "cidade criativa", através de recuperações urbanas profundas, dotando-as de novas infra-estruturas, convertendo-as em polos de inovação dirigidos para indústrias criativas. Estas reconversões acrescentam, ainda, valor e qualidade ao espaço urbano em zonas obsoletas, reforçando igualmente a identidade das cidades – revitalizando as áreas envolventes, trazendo mais vitalidade à cidade, mais pessoas, diferentes culturas, diferentes projectos.

A abordagem das “cidades criativas” pressupõe que as cidades explorem as suas características que as diferenciam das outras, que encontre a sua personalidade própria, e que seja capaz de planear o seu futuro de uma forma sustentável.

Antigas cidades industriais britânicas como Manchester, Liverpool ou Sheffield são testemunhas de um processo característico das sociedades pós-industriais: o da revitalização através do processo de reutilização dos seus equipamentos industriais abandonados e a sua regeneração urbana e tecido económico e social pela introdução de indústrias criativas e das artes nestes espaços.

Paralelamente a estes e muitos outros autores, várias instituições nacionais e internacionais, têm igualmente adoptado e desenvolvido tais ideias, criando projectos relevantes na temática, como é o caso da OCDE e da UNESCO por exemplo, que em 2004 criou a Rede de Cidades Criativas. Este projecto procura desenvolver a cooperação internacional entre cidades que identificarem a criatividade como um factor estratégico para o desenvolvimento sustentável, desenvolvendo parcerias entre sectores públicos e privados, organizações profissionais, comunidades, sociedade civil e instituições culturais, enquadrando os sete temas: literatura, cinema, música, artesanato e arte popular, design, artes e média, gastronomia. O objectivo é formar uma rede de cidades que partilhem experiências, impulsionem o potencial criativo conjunto e desenvolvam eventualmente projectos comuns, de forma a promover a economia local e o desenvolvimento social através de indústrias criativas.

Tudo isto, se implementado segundo os princípios da criatividade, poderá trazer grandes benefícios à cidade, tanto a nível económico, como a nível sociocultural. Os bens culturais devem ser vistos como activos urbanos e vantagens económicas.

3.4 Ambientes Criativos em Lisboa

A economia criativa é entendida como sector económico que acrescenta valor às cidades, que potencia o crescimento da economia, e o futuro da cidade de Lisboa. Como já se viu anteriormente, estes ambientes revelam-se uma oportunidade de estimular o potencial criativo existente ou adormecido nas cidades, impulsionando a competitividade e sustentabilidade.

As cidades representam hoje o espaço óptimo para o desenvolvimento de programas e iniciativas que promovam a economia criativa, pois possuem uma dimensão e características que permitem simultaneamente pensar estrategicamente, mobilizar parceiros e executar projectos. São espaços físicos, orgânicos em constante transformação e movimento, povoados por pessoas e actores concretos. [37]



52. Esquema dos sectores da Economia Criativa em Lisboa.

37 CML, Lisboa Cidade Criativa, 2013, p. 27



53. Esquema dos 3 T's indispensáveis para a afirmação de uma cidade criativa.

Lisboa é uma cidade que reúne todas as condições para concretizar ambição de se assumir como uma cidade criativa, não apenas a uma escala nacional, mas principalmente a uma escala europeia e global. Foi apontada por Richard Florida como uma capital e motor económico de entre 40 mega regiões em todo o mundo. Este anuncia que para uma cidade criativa se afirmar deve, antes de mais, reunir os 3 T's: Talento, Tolerância e Tecnologia.

Segundo o documento "Lisboa Economia Criativa" elaborado em 2013, a Cidade reúne estes três factores para que se considere uma potência criativa. É Tolerante, no sentido em que a cidade coloca em prática politicas de acolhimento e integração de populações provenientes de diversas culturas, e prova disso foi a sua adesão à Rede das Cidades Interculturais em 2011-2012. Relativamente ao Talento, na Região de Lisboa localizam-se mais de 100 instituições de ensino superior, onde anualmente estão inscritos cerca de 140 mil estudantes, e nas áreas criativas e artísticas licenciam-se por ano mais de 1800 alunos. Acresce que Lisboa tem vindo a ser cada vez mais procurada por estudantes estrangeiros, tanto no âmbito de programas de intercâmbio como em inscrições em licenciaturas, mestrados e doutoramentos.

A Cidade tem, ainda, as infraestruturas tecnológicas, redes de telecomunicações e banda larga de elevada qualidade necessárias para a dinamização de um cluster criativo, afirmando-se assim, o terceiro factor, o Tecnológico.

Outro factor é o investimento da autarquia em reabilitar áreas abandonadas e degradadas da cidade, com a intenção de satisfazer a procura por parte de jovens empreendedores criativos que as privilegiam como espaços de eleição para a locais de trabalho. Por último, a expansão de espaços criativos, por iniciativa privada, em bairros tradicionais, como é o caso do Lx Factory em Alcântara, ou o Santos Design District no bairro de Santos. [38]

O documento *LX-Europa 2020: Lisboa no quadro do próximo período*

38 CML, Lisboa Cidade Criativa 2013, p.31.

de programação comunitário surge durante a discussão acerca do novo ciclo de programação comunitária 2014-2020, em Parlamento Europeu, e foca-se no reforço do papel das cidades na promoção do desenvolvimento sustentável da União Europeia. O documento define as prioridades e áreas de intervenção estratégicas e defender assim os interesses nacionais e "identifica questões que são consideradas como fundamentais para promover o desenvolvimento de Lisboa, e, pelo papel que esta assume, contribuir para o desenvolvimento de Portugal".[39]

Os objectivos para o futuro da cidade de Lisboa são "uma Melhor Cidade, com Mais Pessoas e Mais Emprego"[40], com "um crescimento inteligente associado ao desenvolvimento de uma economia baseada no conhecimento e na inovação"[41]. Estes três objectivos são indissociáveis uns dos outros, no sentido em que o sucesso alcançado não pode ser encarado isoladamente. No objectivo "Mais Pessoas" desenharam-se linhas de acção orientados para manter a atrair população, através da criação de oportunidades de emprego qualificado e ao mesmo tempo tornar Lisboa uma melhor cidade para viver e trabalhar. O objetivo "Mais Emprego" pretende reforçar o tecido econômico e afirmar Lisboa na economia global, tornando-a competitiva e atractiva para a localização de novos sectores competitivos à escala global. O objetivo "Melhor Cidade" prende-se com a vontade de melhorar a qualidade de vida, valorizar a interculturalidade e promover a cidadania e melhorar o funcionamento da cidade. Estes três factores são preponderantes para a tornar numa cidade boa para se viver, trabalhar e visitar.[42]

"Assegurar a qualidade de vida a todos os seus habitantes e do ambiente urbano na totalidade do seu território" para garantir condições de vida plena para as gerações presentes e vindouras, é alcançável sob a premissa da reabilitação da cidade, tanto do

39 LX Europa 2020, Lisboa no quadro do próximo período de programação comunitário, 2012, p. 2
40 Idem, p. 16
41 idem, p. 4
42 Idem, p. 18

edificado como das áreas urbanas degradadas, reforçando a coesão social e promovendo a cultura e a criatividade. Este último ponto visa promover Lisboa como um lugar onde a cultura é viva, a identidade é forte e o ambiente é propenso ao desenvolvimento da criatividade.[43]

Em 2008 abriu em Alcântara o projecto urbano que se transformou numa espécie de Lisboa ***underground***, o Lx Factory. Localizado numa antiga área industrial do século XIX (a Companhia de Fiação e Tecidos Lisbonenses), com cerca de 23 mil metros quadrados, este pedaço de cidade, que durante anos permaneceu escondido, é devolvido à cidade em forma de ilha criativa, constituído por onze edifícios, hoje ocupados por empresas e profissionais da indústria, cenário de um diverso leque de acontecimentos culturais de moda, publicidade, música, arte, arquitectura e gastronomia, gerando uma dinâmica que tem atraído inúmeros visitantes.

O Lx Factory é o grande marco de transição na promoção de bairros culturais e espaços criativos na cidade, tornando-se numa referência neste quadro e um exemplo de sucesso, com forte ligação aos bairros tradicionais. Considerando apenas a cidade de Lisboa, outros casos se seguiram com igual sucesso, também pioneiros e referências em ambientes criativos, como sejam a Fábrica do Braço de Prata, Village Underground, o Pólo de Santa Clara, o Mercado do Forno do Tijolo, Santos Design District, ou Hub Criativo do Beato.



54. StarUp Lisboa

StartUp Lisboa

Inaugurada em 2012, tem como missão fomentar o desenvolvimento da iniciativa empresarial e a criação de emprego, através da combinação de infraestruturas e serviços de apoio especializados, apoiando projetos inovadores e com potencial de internacionalização. Nasceu da vontade dos cidadãos, ao ter sido uma das idéias mais votadas no Orçamento Participativo de Lisboa.

43 Idem, p. 29

Sediada na Rua da Prata, na Baixa de Lisboa, é constituída por três espaços de incubação de empresas em dois edifícios reabilitados: a Startup Lisboa Tech, uma incubadora de empresas tecnológicas, e a Startup Lisboa Commerce, uma incubadora de empresas especializada em acolher projetos nas áreas comércio, serviços e turismo. Conta ainda com um espaço de acolhimento temporário a jovens empreendedores que visitem a cidade para desenvolver ou apresentar projectos, frequentar formações ou encontrar patrocinadores. É uma associação privada sem fins lucrativos que conta com a parceria da CML, IPLMEI e Montepio.

Fábrica Braço de Prata

Centro cultural privado inaugurado em 2007, encontra-se instalado no que resta da antiga fábrica de armamento, no Poço do Bispo, zona oriental de Lisboa.



Village Underground

Projecto irmão de mesmo nome em Londres, chegou a Portugal em 2014, e caracteriza-se por ser uma plataforma internacional de apoio e divulgação da cultura e criatividade. O centro deste conceito divide-se em espaço de trabalho/***co-working*** e espaço cultural. Localizado nos terrenos do museu da Carris, tão próximo do Lx Factory, é um projecto criado de raiz, utilizando uma estrutura arquitectónica original com contentores marítimos transformados em escritórios e autocarros convertidos em cafetaria e sala de reuniões. O VU é palco de eventos sociais, exposições, palestras, concertos – é um projecto inserido numa rede europeia que promove a produção cultural e a criatividade contemporânea.



55. Fábrica Braço de Prata.
56. Village Undergound



Pólo Criativo no Palácio Sinel de Cordes (Trienal de Arquitectura)

Cedido pela Câmara Municipal de Lisboa, este palácio, localizado no Campo de Santa Clara, sofre operações de reabilitação para a instalação da Trienal de Arquitectura de Lisboa e de um ***cluster*** criativo (Pólo de Santa Clara) em 2012. Tem como disciplina central e mobilizadora a arquitectura onde se desenvolvem ***workshops***, ***ateliers***, oficinas e palestras durante todo o ano. Trata-se de mais um pólo de inovação e criatividade integrado na estratégia da autarquia de criação de novos espaços para a promoção de empreendedorismo.



Fab Lab (Mercado do Forno de Tijolo)

Localizado no Mercado do Forno do Tijolo em Arroios, o Fab Lab é um laboratório de fabricação digital e prototipagem com o objectivo de apoiar a criatividade e o desenvolvimento de novos projectos colaborativos através de acesso a equipamentos e conhecimentos. Equipado com um conjunto de aparelhos bastante acessível e seguro, como fresadoras, máquinas de corte a laser e de vinil, impressoras 3D, e computadores com ***software*** adequado. Está incluída na rede internacional de Fab Labs que visa disponibilizar estas ferramentas a todo o público. Para um futuro próximo, as restantes instalações do mercado serão objecto de reabilitação, dando lugar a espaços de ***co-working*** de baixo custo.

57. Fábrica Braço de Prata.
58. Fab Lab Lisboa

Centro de Inovação Mouraria Creative Hub

Situado na travessa dos Lagares numa antiga residência senhorial dos séculos XV-XVI, assente em ruinas árabes, o Centro de Inovação da Mouraria / Mouraria Creative Hub é a primeira incubadora de Lisboa a apoiar projectos e ideias de negócio das industrias criativas, em especial nas áreas de Design, Media, Moda, Música, Azulejaria,

Joalharia, entre outras. Disponibiliza espaços de trabalho totalmente equipados, uma rede de mentores, formação e consultoria à medida, acesso a soluções de financiamento e apoio à comercialização dos produtos e serviços.



Santos Design District

Iniciado no fim de 2006, Santos Design District é uma iniciativa promovida pela Associação Empresarial do Bairro de Santos, fundada por um conjunto de importantes agentes económicos da zona. Tem como objectivo a melhoria e reconversão dos espaços públicos, a dinamização cultural, a criação de infra-estruturas para o lazer e diversão, para além de que pretende aprofundar e consolidar actividades ligadas ao ***design***, desde o seu ensino e produção até à sua comercialização e divulgação, demarcando assim esta zona como o principal destino associado ao ***Design*** e Criatividade em Lisboa, com projecção nacional e internacional.



Hub Criativo do Beato

O Hub Criativo do Beato está a nascer num antigo complexo fabril do exército, a Manutenção Militar, na zona ribeirinha oriental da cidade. São 20 edifícios de reconhecido valor industrial e arquitectónico, que estão a ser reconvertidos para receber um conjunto de entidades nacionais e internacionais nas áreas da tecnologia, inovação e indústrias criativas que posicionam Lisboa como uma cidade aberta empreendedora e de referência mundial.



59. CIM Creative Hub

60. Rua Nova do Carvalho, actual "rua Cor-de-Rosa", Santos Design District.

61. Hub Creativo do Beato, Manutenção Militar.

Como se vê, a cidade de Lisboa começa gradualmente a adquirir uma nova dinâmica, com actividade intensa capaz de reter e atrair recursos humanos qualificados, investindo na qualidade de vida, ambiente urbano e segurança dos seus habitantes e visitantes.[44]

A CML, como estratégia para uma Lisboa Co-criativa para o ano de 2020, compromete-se a criar um processo participativo e interactivo

44 Carta Estratégica de Lisboa 2010/2024, 2014, p.4

com uma atitude prospectiva, atribuindo um papel central aos actores no desenvolvimento da economia criativa de Lisboa, assumindo-se como um elemento federador e dinamizador do ***cluster***. Fazer da economia criativa um instrumento de inovação, qualificação, empreendedorismo, de regeneração urbana, de promoção de bairros culturais e espaços criativos, factores que são cada vez mais decisivos para a atracção de investimento, empresas e pessoas, e contribuindo para a internacionalização da "marca" Lisboa.[45]





62. Arte urbana de Vhils e de Bordalo II

Lisboa é também palco de uma poderosa arte urbana, que a faz distinguir de outras cidades europeias. Artistas como Vhils, Bordalo II, Aka Corleone, Mário Belém. A plataforma cultural Underdogs, em colaboração com artistas portugueses e estrangeiros, visa criar uma nova linguagem visual da arte urbana, para as aproximar do público. A plataforma foi criada em 2010, e em 2013 abriu a Underdogs Gallery onde é oferecida a oportunidade a vários artistas, de desenvolver e exibir trabalho em Lisboa – "na cidade, com a cidade e para a cidade". Esta plataforma ainda oferece um serviço de visitas guiadas pelas várias cenas de arte urbana na Cidade.

3.5 Novas tipologias de espaços Culturais e de criação

São muitos os espaços culturais e criativos têm surgido após as obras de requalificação do Largo do Intendente, num perímetro que se estende por Arroios, Anjos, Martim Moniz, até à Graça. Exemplo disso são associações culturais como a Feira das Almas, Anjos 70, BUS Paragem Cultural, o Crew Hassan, e outros espaços que futuramente irão fazer parte deste círculo artístico e cultural, como o antigo hospital do Desterro, que dará lugar a um novo pólo criativo, com outras valências como unidades de alojamento local e comércio de produtos locais, e as Oficinas de São Lázaro, espaço projectado para se tornar

45 CML, Lisboa Cidade Criativa, 2013, p. 85

num novo espaço cultural, ao fim de anos esquecido após um incêndio em 2002.

O melhor exemplo de sucesso é, talvez, O LARGO Residências, que dá continuidade à associação SOU fundada em 2004, nos Anjos, e que tem vindo constantemente a crescer e a desenvolver eventos culturais, ampliando vertentes formativas, de criação, produção e programação artística. Em 2011, a associação decide expandir-se e desenvolver junto da população actividades culturais na zona do Intendente, organizando um grupo de trabalho à luz do programa BIP/ZIP. Surge então, no ano seguinte, no Largo do Intendente nº19 a Cooperativa Cultural SOU LARGO com o novo projecto LARGO Residências, cuja missão é criar uma profunda relação com a comunidade local, de forma a contribuir para o desenvolvimento através da concretização de actividades culturais e negócios sociais, impulsionadores da criação e dinamização artísticas e do envolvimento e integração comunitários, e "que ampliem outros mundos para dentro do LARGO e para o largo, sempre numa lógica de envolvimento e assumindo um papel regenerador do tecido social".[46] Tem como objectivo principal promover a cultura, a criatividade e o conhecimento, em distintas áreas artísticas em particular, e do sector cultural e criativo em geral, bem como projectos de investigação e trabalhos académicos.

São garantidos os meios técnicos e financeiros necessários, assim como acompanhamento do projecto, sendo que a base da criação das intervenções propostas deve contemplar preocupações como o bairro, o património físico ou o património humano do bairro, as comunidades e as instituições. "a ideia central deste projecto é alimentar um edifício onde se vive em permanente criação".[47]

O formato do LARGO Residências funciona com base em três negócios sociais – o alojamento, o café e a loja – garantindo a sua própria sustentabilidade e criando um "ciclo em que quem vem de fora – o turístico – alimenta o que está dentro – o artístico e vice-









63. LARGO Residêncas

64. Entrada da cafetaria do LARGO Residências.

65. Esplanada do Largo Residências.

66. Exemplar de um quarto no LARGO Residências.

46 Sitio do LARGO Residências
47 Idem

versa"[48], tornando possível todos os projectos, permitindo uma coexistência permanente de artistas, residentes, turistas e visitantes. É no piso térreo que se situa o LARGO Café-Estúdio, que se subdivide nas duas vertentes. É neste estúdio onde os artistas da residência trabalham e podem expor as suas criações, embora o principal lugar para o efeito seja o próprio Largo. O LARGO Café estende-se numa esplanada, aberta a todos os envolvidos nos projectos da associação, e ao público geral, acabando por ser mais um ponto de contacto e interacção entre os vários agentes. Nos pisos superiores estão, então, situados os alojamentos, com quartos de ***hostel*** e apartamentos para arrendar.

Tem sido distinguido, pela Comissão Europeia para a Cultura (2011-2014), como modelo de vanguarda pela abordagem que utiliza para proporcionar a sua sustentabilidade económica em harmonia com as várias dimensões da sustentabilidade social, quer do projecto ***per se***, quer em articulação com a área na qual está implementado.[49]

O LARGO Residências é um excelente exemplo de modelo de Residências Artísticas em Lisboa, não só pela sua missão e objectivos, mas também como veículo de atracção de uma classe criativa, tanto nacional como internacional.

Residências artísticas definem-se como espaços temporários de alojamento e trabalho, com acesso a instalações de apoio, ***network,*** e com visitas abertas para promover o trabalho de artistas, académicos, curadores. Genericamente, pertencem ou são apoiadas por organizações ou agências culturais. Existem vários formatos do programa de residências, mas, de um modo geral, os artistas participam por meio de convite da instituição ou por candidatura e podem, ou não, ser remuneradas. Combinam uma oportunidade de passar o tempo em estúdio, com foco no novo trabalho, com a oportunidade de se posicionarem numa nova cena artística.

48 Idem
49 Idem

As cidades beneficiam da vinda dos criativos, e estes com a permanência e envolvência na cidade. Proporciona ao artista uma envolvência e colaboração com a cultura local que de outra forma não seria possível.

É um programa que não é recente, mas tem vindo a ser amplamente utilizado e praticado em tantas outras cidades com forte índice cultural e criativo, com cenas de arte vibrante e activas (embora não tenha necessariamente que acontecer num ambiente citadino), de forma a colaborar com as indústrias locais, promovendo o intercambio internacional, trazendo espírito novo, jovem, com outras ideias, posicionando as cidades no circuito cultural e artístico através da prática artística, abrindo portas para um novo tipo de turismo – o turismo criativo – em que os turistas participam numa actividade criativa ao visitar um destino.

Lisboa é um dos principais destinos de estadias curtas para descoberta cultural da cidade, ganhando cada vez mais expressão no turismo em geral. As residências artísticas são assim um modelo de auto-sustentabilidade do ponto de vista interno do projecto e do externo, com o desenvolvimento turístico mais consolidado.

São inúmeras as instituições nacionais e internacionais, de iniciativa pública e privada, que abrem portas a estes programas.

Um exemplo relevante, no que toca a instituições públicas, é da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, instituição de ensino público que dispensa apresentações. Tirando partido da sua história e do seu prestigio, a FBAUL tem vindo a transformar-se numa escola de ensino artístico vinculada à arte e ao ***design*** contemporâneos, e com uma permanente preocupação em ocupar um lugar activo na cultura. Atenta ao nosso tempo e aos desafios que a circulação globalizada do saber requer hoje, abre o programa de residências artísticas, dando a oportunidade a artistas de todo o mundo de conhecerem a dinâmica de uma cidade que apela ao desassossego criativo. Precisamente por ser uma escola, reúne todas as condições necessárias para proporcionar aos artistas residentes

uma experiência única e inspiradora, dispondo de oficinas de escultura, de multimédia, som e fotografia, estúdios de trabalho partilhado, biblioteca e espaços expositivos que podem ser utilizados, durante o período de residência, para expor os seus trabalhos – para além de alojamento, em residências da Universidade de Lisboa e alimentação.

4. DIÁLOGO COM A PRÉ-EXISTÊNCIA

4.1 Preservação de uma Identidade

4.2 Ruskin e Viollet-le-Duc

4.3 As Cartas

4. Diálogo com a pré-existência

4.1 Preservação de uma Identidade

Identidade e memória são dois conceitos que andam a par quando nos propomos a analisar a representação formal das cidades. Kevin Lynch refere que todo o cidadão possui muitas relações com algumas partes da sua cidade e a sua imagem está impregnada de memórias e significações.[50] Ou seja, qualquer cidade carrega consigo história, estórias e memórias, e é precisamente através da sua arquitectura que se faz transmitir.

"A vida de uma cidade é um acontecimento contínuo que se manifesta ao longo dos séculos por obras materiais, traçados ou construções que a dota de personalidade própria e dos quais emana pouco a pouco a sua alma. São testemunhos preciosos do passado que serão respeitados, a princípio pelo seu valor histórico ou sentimental, depois, porque alguns trazem em si uma virtude plástica na qual se incorporou o mais alto grau de intensidade do génio humano. Fazem parte do património humano (...)"[51]

Esta temática levanta sempre grandes dúvidas quando nos propomos a intervir no construído. Acções como demolição, construção e reconstrução fazem parte do processo evolutivo da cidade, havendo sempre um confronto de pensamentos sobre qual a intervenção mais adequada para cada caso.

A reabilitação urbana revela-se uma preocupação no século XIX, numa altura em que se toma consciência pelo valor e interesse do património arquitectónico, nesta altura ainda denominado "monumento histórico", segundo Fraçoise Choay na sua obra A Alegoria do Património (1999).

50 Kevin Lynch, 1960, p.9
51 Carta de Atenas, 1933, ponto 65

4.2 Ruskin e Viollet-le-Duc

Na Europa do século XIX, teóricos e arquitectos, começam a desenvolver estudos acerca do restauro e conservação de monumentos históricos, ao mesmo tempo que a história da arquitectura começa a ganhar reconhecimento. Importa referir que até aqui, o termo "monumento histórico" apenas englobava arquitectura erudita caracterizados pelo seu valor estético, complexidade construtiva e escala, como igrejas, castelos e palácios, e a partir daqui, em contexto inglês e italiano, começa a incluir-se novas tipologias de carácter doméstico, vernacular e humilde.[52]

Como consequência desses estudos elaborados, intensificam-se os debates e surgem diferentes correntes de pensamento, convergindo em apenas duas posições opostas – a atitude intervencionista e a anti-intervencionista.[53]

John Ruskin (1819-1900), representante da teoria romântica e do conservadorismo inglês, foi o principal teórico no tema da preservação na Inglaterra do século XIX. Participou activamente no debate, que, no Reino Unido se desenrolou já no final do séc. XVIII. Ruskin foi um defensor acérrimo da intocabilidade do edifício degradado, não admitindo qualquer intervenção, "salvo na medida em que se possa ser necessário consolidá-lo ou protege-lo". Defende que cada edifício deve assumir o seu tempo e o seu passado, porque formulam a sua identidade. Afirma ainda que o edifício deve degradar-se progressivamente até à sua ruína.

No capitulo ***A Lâmpada da Memória***, da sua obra ***As Sete Lâmpadas da Arquitectura*** (1849), Ruskin destaca a relevância que a memória e as recordações carregam na vida humana, sendo a arquitectura o registo mais fiel e duradouro – uma ferramenta de conhecimento e recordação da história. Define o restauro como "uma Mentira do começo ao fim "[54] "(...) significa a mais total destruição que um edifício

52 Emanuel Freitas, 2016, p.33
53 Choay, 2015, As questões do Património p. 32
54 John Ruskin, 1849, Lâmpada da Memória, p 81

possa sofrer: uma destruição no fim da qual não resta nem ao menos um resto autêntico a ser recolhido"[55].

"Nós não temos o mínimo direito de o fazer. Eles não nos pertencem. Eles pertencem, em parte, aos que os edificaram, em parte ao conjunto de gerações humanas que nos seguirão." [56]

Ruskin contribui também para o reconhecimento da arquitectura vernacular e doméstica como relevante e passível de ser preservada, considerando que são a grande parte do tecido urbano e uma fonte de inspiração, contrariando o pensamento dominante, como já referido anteriormente.

"Ainda hoje a qualidade das suas mais belas cidades não depende da riqueza isolada dos seus palácios, mas do cuidado posto no acabamento dos mais pequenos alojamentos das suas épocas gloriosas..." [57]

Do outro lado do debate encontram-se os franceses, defensores da corrente intervencionista, a quem John Ruskin deixa o recado "Tomai convenientemente conta dos vossos monumentos e não tereis de os restaurar de seguida." Deste movimento emerge Viollet-le-Duc (1814-1879), arquitecto, símbolo do progressismo francês, principal referência do restauro, que elabora os primeiros conceitos de restauração. Propõe um ensino prático das técnicas construtivas e dos materiais, extremamente úteis para formar e capacitar profissionais nos trabalhos de restauro. Aponta criticamente a tendência para a demolição e ruina dos edifícios e a descontrolada construção nova que caí em desuso, justificando o reaproveitamento e uso contínuo do edificado existente.

O conceito de Viollet-le-Duc tem por objectivo resgatar a genuinidade da obra primária. Na sua obra ***Dictionnaire Raisonné de l'Achitecture Française du XI au XVI siècle*** explica a origem e o conceito do termo

55 John Ruskin, 1849, Lâmpada da Memória, p. 79
56 John Ruskin, 1849, Lâmpada da Memória, p. 83
57 John Ruskin, 1849, Lâmpada da Memória, citado por F. Choay, 2015, p 160

"Restauração" dizendo "a palavra e o assunto são modernos". Tem consciência que a acção de restauro de um edifício pode mesmo admitir a possibilidade de alterar a identidade do edifício, pois "restaurar um edifício não é mantê-lo, repará-lo ou refazê-lo, é restabelecê-lo num estado completo que pode nunca ter existido num dado momento"[58], e essas alterações são visíveis nas suas obras de restauro, como Françoise Choay identifica "a fachada gótica inventada na catedral de Clermont-Ferrand, coruchéus acrescentados a Notre Dame de Paris e à Sainte-Chapelle, esculturas destruídas ou mutiladas substituídas por cópias, reconstituições fantasistas do castelo de Pierrefonds, reconstituições compósitas das partes superiores da igreja de Saint-Sernin em Toulouse".[59]

Na sua obra, o arquitecto também levanta outras questões pertinentes ao trabalho de restauração, como a utilização do edifício como melhor forma de o conservar, a importância da fotografia nos estudos científicos, de forma a fornecer documentos que possam ser sempre consultados. Aponta para a importância da investigação científica e do perigo das hipóteses, lembrando que é necessário uma análise e exame cuidadosos de todos os fragmentos encontrados que façam parte do edifício, e só depois proceder à obra de restauro.

4.3 As Cartas

O tema da preservação de zonas históricas e patrimoniais ganha especial relevância no século XX (principalmente devido às duas Grandes Guerras), abrindo espaço para o desenvolvimento de estudos e convenções internacionais, para que se definam critérios, princípios e procedimentos cuidadosos a aplicar na operação de preservação.

A Carta de Atenas, resultante do quarto CIAM (Congresso Internacional da Arquitectura Moderna) de 1933, sintetiza o conteúdo

58 Viollet-le-Duc, citado por Choay (2000), p. 131
59 Choay, 2000, p. 134

do Urbanismo Racionalista/Funcionalista, debruçando-se, também, sobre a problemática do património histórico, estipulando os princípios gerais e doutrinas relativas à protecção dos monumentos. No documento redigido por Le Corbusier, a identidade da cidade é o resultado da história que por ela passou, bem visível nas suas obras arquitectónicas e na sua malha urbana, construídas ao longo dos séculos, e que as torna únicas, e, por conseguinte, defende-se a salvaguarda dos valores arquitectónicos, sejam edifícios isolados ou conjuntos urbanos.[60] No entanto, "nem tudo o que é passado tem, por definição, direito à perenidade, convém escolher, com sabedoria, o que deve ser respeitado" pelo que no caso de haver construções repetidas representativas de uma era, "algumas serão conservadas a título de documentário, as outras demolidas; em outros casos poderá ser isolada uma única parte que constituía uma lembrança, (...) o resto será modificado de maneira útil,"[61] Em certos casos, abre-se a possibilidade de se transplantar elementos que merecem ser conservados devido seu valor histórico, mas que se apresentem como um entrave ao desenvolvimento urbano - ou então contornando esse elemento mudando o regime de circulação ou através de um túnel[62], por exemplo.

A Carta estipula ainda que o culto do passado não pode conduzir à injustiça social, principalmente no que respeita à conservação de bairros históricos pitorescos, e se coloca em causa a salubridade dos seus habitantes – a miséria, a promiscuidade e as doenças que estes abrigam.[63] A preocupação com as condições de habitabilidade e higiene é uma questão sempre presente no discurso moderno, em particular com as classes mais desfavorecidas. Diz-nos ainda que, em certas malhas urbanas bastante apertadas, pode-se mesmo recorrer à demolição do redor do monumento, de maneira a introduzir áreas verdes, permitindo que este respire, se destaque, que ganhe uma

60 Carta de Atenas, 1933, ponto 65
61 Carta de Atenas, 1933, ponto 66
62 Carta de Atenas, 1933, ponto 68
63 Carta de Atenas, 1933, ponto 67

ambiência nova, beneficiando, amplamente, a população local.[64]

Os autores da carta condenam fortemente o recurso à cópia de estilos do passado, pois nunca o homem retrocedeu no tempo. Os edifícios, os monumentos, são representativos de uma época, maneiras de pensar, recursos técnicos e imaginação próprias, e não devem de modo algum ser reproduzidas posteriormente, misturando o falso e o verdadeiro – é contar uma mentira.

"O emprego de estilos do passado, sob pretextos estéticos, nas construções novas erigidas nas zonas históricas, tem consequências nefastas. (...) Tais iniciativas não serão toleradas de forma alguma."[65]

Com a maciça devastação provocada pela Segunda Grande Guerra e a consequente necessidade de reconstrução de grande parte do território europeu, Cesare Brandi (1906-1988) - director do Instituto Central de Restauração de Roma de 1939 a 1960 - destaca-se como figura de relevo na discussão sobre as operações de intervenção nas cidades afectadas. Coordena a restauração de inúmeras obras de arte destruídas nos bombardeios e, paralelamente, desenvolve sua ***Teoria da Restauração*** (1963), em que delimita preceitos teóricos que irão servir de base à prática do restauro, aliando suas pesquisas teóricas nos campos da estética e filosofia da arte com as práticas e experiências desenvolvidas no âmbito do ICR.

Na sua obra, Brandi define restauro como "o momento metodológico do reconhecimento da obra de arte, nas sua consistência física e na sua dupla polaridade estética e histórica, com vista à sua transmissão para o futuro"[66] , e que "o restauro deve se dirigir-se ao restabelecimento da unidade potencial da obra de arte, sempre que isso seja possível sem cometer uma falsificação artística ou uma falsificação histórica, e sem apagar pegada alguma do transcurso da obra de arte através do tempo."[67]

64 Carta de Atenas, 1933, ponto 69
65 Carta de Atenas, 1933, ponto 70
66 Césare Brandi, 1963, Teoria da Restauração, p.30, citado no sítio vitruvius.com
67 Idem, p.14

A Carta de Veneza surge como resultado do 2º congresso de Arquitectos e Técnicos de Monumentos Históricos, em 1964, e torna-se, também este, um documento de referência, uma vez que se dedica exclusivamente ao restauro e conservação. Esta Carta permanece como documento-base do ICOMOS (Concelho Internacional de Monumentos e Sítios), criado em 1965 e acolhido pela UNESCO como órgão consultor e de colaboração.

Num documento relativamente curto, com 16 artigos, e de muito fácil compreensão, começa-se por definir monumento histórico como

"A criação arquitectónica isolada, bem como o sítio urbano ou rural que dá testemunho de uma civilização particular, de uma fase significativa da evolução ou de algum acontecimento histórico. Estende-se não só às grandes criações, mas também às obras modestas, que tenham adquirido, com o tempo, uma significação cultural."[68] Refere também que a conservação e o restauro visam salvaguarda tanto da obra de arte quanto o testemunho histórico[69], e requerem a colaboração de todas as ciências e técnicas na operação da intervenção.[70]

O recurso às técnicas de conservação deve ter como finalidade o uso útil à sociedade, sem que seja alterada a disposição ou decoração[71], e não são permitidas construções novas, demolições ou modificações que possam alterar as relações volumétricas e de cromáticas.[72]

Relativamente ao restauro, considera-se uma operação de "carácter excepcional", com o objectivo de "conservar e revelar os valores estéticos e históricos" do monumento, respeitando a sua autenticidade, por isso a necessidade de ser cauteloso na busca por documentos fidedignos. A sua operação termina onde começa a hipótese – devem ser empregadas todas as técnicas de conservação e construção modernas, quando as tradicionais se revelarem

68 Carta de Veneza, 1964, Artigo 1º
69 Carta de Veneza, 1964, Artigo 3º
70 Carta de Veneza, 1964, Artigo 2º
71 Carta de Veneza, 1964, Artigo 5º
72 Carta de Veneza, 1964, Artigo 6º

inadequadas,[73] e onde seja indispensável, por razões estéticas ou técnicas, intervenções ou adições complementares, estas devem estar destacadas do original[74], deixando evidente a diferença, mas integrando-se harmoniosamente no conjunto, a fim de não falsificar o original, respeitando o equilíbrio da composição e a sua relação com o meio ambiente.

Este é um ponto de divergência com a Carta de Atenas, já que esta aponta que no processo de intervenção, devem ser sempre usadas técnicas modernas uma vez que "as antigas condições de trabalho não podiam ser reconstruídas."[75]

A Carta adverte também para a importância da preservação e manutenção dos monumentos para que as operações de restauro sejam menos necessárias ou menos invasivas. Desta maneira, a sua utilização é o melhor meio para garantir a sua sobrevivência ao longo do tempo. A reutilização após uma intervenção é indispensável. No inicio do processo, devem ser devidamente "analisadas as características a serem respeitadas e conservadas" e somente depois deve-se definir qual a vocação que será compatível, pois o contrário alterará sim a "configuração espacial do edifício". Dar um uso diferente daquele originalmente estabelecido é possível, mas este deverá ser compatível com o monumento e não interferir na esfera urbanística da sua envolvente.

4.4 Françoise Choay

Mais recentemente, Françoise Choay na sua obra ***As questões do Património – antologia para um combate*** (2009), apela para uma diferenciação entre monumento e monumento histórico, sendo que o primeiro se refere às construções que evocam a "memória viva, orgânica e afetiva dos membros, pessoas, acontecimentos, crenças, ritos ou regras sociais constitutivas da sua identidade"[76], e o segundo

73 Carta de Veneza, 1964, Artigo 10º
74 Carta de Veneza, 1964, Artigo 9º
75 Carta de Atenas, ponto 70
76 Choay, As questões do Património, 2009, p. 16

são construções pré-existentes, selecionadas pela sua contribuição para a história e para o conhecimento duma determinada sociedade.

"Foi escolhido um ***corpus*** de edifícios pré-existentes, devido ao seu valor para a história (quer se trate da história de acontecimentos, social, económica ou politica, ou se trate da historia das técnicas ou da historia da arte) e/ou do seu valor estético. (...) refere-se a uma construção intelectual, tem um valor abstracto de saber."[77]

De um modo geral:

"A especificidade do monumento prende-se então, precisamente, com o seu modo de acção sobre a memória. Não só ele a trabalha, como também a mobiliza pela mediação da afectividade, de forma a recordar o passado, fazendo-o vibrar à maneira do presente. Mas esse passado invocado e convocado, de certa forma encantado, não é um passado qualquer: foi localizado e seleccionado para fins vitais, na medida em que pode, directamente, contribuir para manter e preservar a identidade de uma comunidade, étnica ou religiosa, nacional, tribal ou familiar." [78]

Ainda nesta obra, a autora tece uma crítica feroz à exploração pelo turismo mundial dos bens patrimoniais classificados, banalmente considerados como "bens de consumo", congelando-os no tempo e nas cidades:

"Esta cruzada pelo consumo mercantil do património não é somente prejudicial aos visitantes, ao mesmo tempo enganados quanto à natureza do bem a consumir e colocados em condições de amontoamento e ruído totalmente impróprias a qualquer deleite intelectual ou estético. Conduz também frequentemente à destruição dos lugares classificados, tanto pela edificação das necessárias estruturas de recepção, como pela eliminação de actividades criativas ligadas à cultura local e à sua identidade (...)"[79]

77 Choay, As questões do Património, 2009, p. 18
78 Choay, Alegoria do Património, 1992, p. 18
79 Choay, As questões do Património, 2009, p.48

Choay considera que os objectos patrimoniais devem acompanhar os novos tempos, ser parte integrante da nova sociedade, interagir com a contemporaneidade:

"Por outras palavras, devíamos arrancar os locais e edifícios antigos do gueto museológico e financeiro. (...) Dotando os lugares com novos usos adaptados à procura societal contemporânea, renunciar ao dogma da sua intangibilidade e ao formalismo da restauração histórica, saber proceder às transformações necessárias associando o respeito do passado e aplicação das técnicas de ponta contemporâneas."[80]

Ou seja, abre-se espaço para intervir no lugar de forma a adaptar às exigências, usos e necessidades da sociedade actual.

A sociedade contemporânea exige a constante renovação, adaptação e actualização dos edifícios, de forma a responder às necessidades correntes. Numa altura em que a degradação dos centros históricos e a perda sucessiva dos seus habitantes é uma realidade, intervir é cada vez mais urgente.

Perceber o fenómeno em que se insere[81] é o primeiro passo para uma intervenção consciente. É importante definir princípios e saber o que deve ou não ser protegido. Projectar edifícios novos em zonas de valor patrimonial é uma tarefa que exige um especial cuidado e uma extraordinária capacidade de análise do edificado para não perturbar o conjunto e o contexto.

Antes de tomar qualquer decisão, é importante reflectir de que forma se pode transformar estas e outras zonas, e adequá-las à contemporaneidade, sem que perca a sua identidade.

Porém, levanta-se a questão de que qualquer intervenção que se

80 Choay, As questões do Património, 2015, p. 52
81 Souto de Moura (2000), p.32

realize, resultará numa nova criação, descaracterizando sempre o original. Mas permitir que se degradem leva à perda de informação, a que se apague o passado e se perca a identidade. Manter a identidade de um edifício torna-se um problema comum.

E assim coloca-se a questão: como e que tipo de intervenção é a mais adequada, de forma a responder às exigências da sociedade contemporânea, sem ferir a memória colectiva e a história da cidade, e sem perturbar o conjunto arquitectónico?

No caso concreto deste projecto, a fachada, a ruína, a pré-existência apresenta-se como um ponto de partida do desenho arquitectónico. A conservação da fachada (e a demolição do interior de edifício pré-existente) constitui uma prática amplamente utilizada em contexto histórico, sendo mesmo aceite como uma boa solução para preservar a imagem de um edifício de valor reconhecido, e para que uma nova construção que ali nasça não se desarmonize com a sua envolvente. No entanto é uma prática pouco aceite entre os críticos da arquitectura.

Choay defende que é um "procedimento discutível se se trata de preservar a morfologia de um tecido urbano. Procedimento inadmissível quando se resume ao sacrifício de estruturas e da decoração interior do edifício."[82]

Não possuindo valor de monumento, a opção de a manter a fachada do objecto de intervenção deste projecto, vem reforçar os princípios da harmonia do conjunto, do contexto e da envolvente, contribuindo para a preservação da identidade do Largo do Intendente e da Rua do Benformoso.

82 Choay, Alegoria do Património, 2015, p 236, citado por João Ferreira.

5. EVAA – Espaço Experimental de Vivências e das Artes

5.1 Programa

5.2 Descrição do projecto

5. EVAA - Espaço Experimental de Vivências e das Artes

5.1 Programa

Após uma longa e extensa análise do local e à sua envolvente, revendo a sua história, e observando as dinâmicas actuais em vários períodos do dia, é claramente observável que o largo revitalizou um pedaço da cidade que esteve escondida e esquecida para muitos e por muito tempo. O bairro é palco de eventos culturais e artísticos regularmente, seja no seu espaço público, seja nos edifícios que o ladeiam.

Através da informação aqui analisada, espaços de criação artística e tecnológica podem beneficiar as comunidades locais e as cidades, pois são geradores de economia, de indústrias, atraem visitantes, locais e turistas, e ajudam directa e indirectamente na revitalização dos espaços envolventes.

O projecto desenvolvido para a área de intervenção, o Espaço Experimental de Vivências e das Artes (EEVA), pretende alinhar-se com um paradigma que, a par de outras associações culturais, se foca no desenvolvimento de projectos de integração social e educação. É um espaço de experiências que fomenta as vivências artísticas e o trabalho colectivo e colaborativo. Um lugar onde se pode respirar arte, cultura, tecnologias e empreendedorismo, criando uma simbiose entre artistas, residentes, empreendedores, estudantes, locais e visitantes.

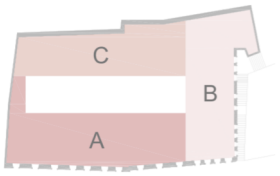
Tem como objectivo principal promover a cultura, a criatividade e o conhecimento, bem como proporcionar condições de inspiração, pesquisa, criação e maturação ao trabalho de artistas e outros profissionais que ali queiram residir, durante dias, semanas ou meses.

O complexo é também aberto a estudantes, investigadores, académicos, empreendedores dos mais diversos campos, que não tendo um local de trabalho fixo, podem encontrar aqui um espaço de trabalho e inspiração.

O EEVA foi pensado como um espaço preparado para acolher e fomentar trabalhos de distintas áreas – como artísticas, de cariz cultural e criativo – com o compromisso de contribuir activamente para a sociedade local e acções sociais no terreno. Um espaço que estimule a criatividade, a paz e a concentração, permitindo que os usuários se concentrem, inspirem e trabalhem no desenvolvimento das suas ideias.

Propõe-se uma construção capaz de dialogar com a sua envolvente, respondendo às solicitações da sociedade contemporânea, evidenciando elementos do seu passado. Um espaço híbrido com funções de habitação temporária, com espaços de cafetaria, de convívio, comércio e uma sala de exposições.

No que diz respeito à construção, o conjunto divide-se em três partes, que pretende diferenciar três momentos de construção, apesar de todo o conjunto funcionar como um todo (fig. 67):



67. esquema dos diferentes corpos que constituem a nova proposta.

– O corpo A é longitudinal e diz respeito à construção que nasce da fachada compreendida entre os números 57 e 69 do Largo.

– O corpo B é transversal e diz respeito à construção do edifício compreendido ente os números 278 e 282 da Rua do Benformoso e adjacente à fachada que dá para a Escadinhas das Olarias.

– O corpo C a tardoz do corpo A e encostado ao muro de contenção do terreno. Trata-se de uma construção totalmente nova.

No centro dos três corpos forma-se um vazio. A formalização deste espaço aberto é extremamente necessário pois providencia a iluminação e ventilação natural do conjunto, ao mesmo tempo que se assume como elemento fundamental na organização dos espaços que compõem o edifício, como seja a cafetaria, as salas de trabalho, ou o corredor de distribuição das habitações. Para além disto, este pátio constitui também um espaço social de encontro, descanso, relaxamento, esplanada da cafetaria, área para a realização de pequenos eventos, e tantas outras atividades sociais e culturais.

5.2 Descrição do Projecto

Piso 3
Salas de Exercício Físico
Balneários e I.S.
Sala Polivalente
Terraço

Piso 2
Habitações simplex
Sala de refeições e convívio
Áreas de trabalho para residentes

Piso 1 Intermédio
Habitações duplex e simplex
Sala de refeições e convívio
Áreas de trabalho para residentes
Acesso à cobertura do corpo C

Piso 1
Áreas de trabalho e estudo de acesso público
Habitações duplex

Piso Térreo
Recepção
Cafetaria
Livraria
Auditório
Salas Polivalentes
Sala de Exposições



68. Esquema de pisos do EEVA

O edifício é composto por 5 pisos com diferentes níveis de privacidade, sendo o piso térreo acessível ao público em geral e os pisos superiores de acesso mais condicionado. O acesso público faz-se directamente pelo Largo do Intendente e pela Rua do Benformoso. Existem quatro pontos de entrada. Na entrada do topo norte os visitantes são conduzidos a uma antecâmera que os leva ao elevador e às escadas, para acesso dos residentes, também à recepção e cafetaria. Todo este espaço usufrui de uma volumetria de duplo pé direito de 5 metros. Esta opção prende-se não só com a altura máxima dos vãos do piso térreo da fachada pré-existente, mas também com o intuito de atribuir ao átrio uma espacialidade demarcada.

No que diz respeito ao sistema de circulação do edifício, o conjunto possui três núcleos de circulação vertical – o núcleo do Largo (CV1), o núcleo da Rua do Benformoso (CV2) e o núcleo das Escadinhas das Olarias (CV3) (ver imagem).

No piso térreo as comunicações verticais privadas, exclusivas a residentes, encontram-se nos topos do edifício, nos volumes junto à fachada principal (CV1 e CV2). O primeiro é acessível a partir da entrada principal, no número 57 do Largo, e o segundo é acessível pela Rua do Benformoso número 282. Este torna-se o único acesso à residência assim que o período de abertura ao público encerra, não havendo por aqui nenhuma acessibilidade aos espaços públicos. O núcleo CV3 e o auditório são os acessos públicos de transição entre o piso térreo e o piso 1.



69. Esquema das comunicações verticais públicas e privadas no piso térreo.

Os núcleos **CV1** e **CV2** são de carácter privado e o núcleo **CV3** de carácter público

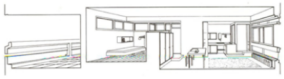
No piso térreo, entre a recepção e a cafetaria encontra-se um espaço de estar, espera e de refeições. Estas três áreas estão em constante comunicação com o exterior, uma vez que o acesso ao pátio pode ser feito em qualquer momento através do vão envidraçado que permite a passagem. A estrutura da cafetaria é partilhada com um espaço comercial idealizado como livraria. Nesta zona, já no corpo B, a volumetria diminui significativamente, passando a 3 metros de altura. Neste extremo encontra-se também um outro espaço equipado para servir de zona de leitura e de apoio à livraria.

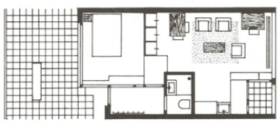
No extremo oposto tardoz, encontram-se duas salas de conferência e um pequeno auditório aberto destinado a palestras, espectáculos, projecção de filmes, ***workshops*** podendo até mesmo servir como espaço de convívio. Ainda no piso térreo, já no corpo C, situa-se o espaço expositivo, encerrado, apenas com entradas de luz zenital.

O piso 1, divide-se em duas partes totalmente distintas, sendo uma de carácter privado e outra de carácter público, estabelecidas pela diferença de cotas. Nos corpos B e C, localizam-se os espaços de estudo e de ***co-working***, de reunião e de leitura, de acesso público. Aqui encontram-se espaços de trabalho com variações entre trabalho individual ou de grupo, com maior ou menor necessidade de silêncio. No corpo A, inicia-se a área habitacional, com o piso inferior das 10 unidades habitacionais dúplex. Esta zona de carácter privado não comunica com a anterior. A sua única acessibilidade é através da primeira comunicação vertical (CV1), sendo que o seu corredor funciona como uma acessibilidade de emergência.

Estes pisos seguem os princípios de organização de uma residência para estudantes. A configuração do sistema distributivo tem como referências o projecto de Residências para Estudantes de Weesperstraat, em Amesterdão, da autoria de Herman Hertzberger em 1959/66, e as habitações de emergência de Shigeru Ban, em Onagawa, 2011. Em ambos os exemplos, o sistema de circulação é feito através de um corredor, com os núcleos de elevador e de escadas nos topos e apenas uma banda de apartamentos/habitações.









70. Fotografia das residências para estudantes de Weeperstraat, Amesterdão, da autoria de Herman Herzberger, 1959/66.

71. Corte e planta de um apartamento.



PLATTEGROND 4E VERDIEPING MET TERASSEN







72. Modos de apropriação dos corredores de distribuição.

Fotografias do corredor de distribuição das residências para estudantes de Weeperstraat, 1959/66.

73. Planta com esquema de circulações do Primeiro Piso das Residências.

74. Esquema de circulação das plantas do piso 1, 2 e 3 das habitações de emergências em Onagawa de Shigeru Ban, 2011.

É importante reforçar que tanto os espaços partilhados como os espaços de circulação, devem ter um papel preponderante nas relações sociais, devem estimular as relações entre os habitantes, ter a capacidade de criar laços e ligações. Corredores de distribuição, por exemplo, podem convidar à permanência e à conversação.

No piso intermédio, as habitações que se desenvolvem ao longo do corpo A são tipo duplex e é neste piso que se faz a entrada principal às mesmas. Existem ainda três habitações de apenas um andar (duas destas voltadas para o pátio interior), o espaço colectivo de refeições e de convívio, duas salas de trabalho e instalações sanitárias de apoio às salas de trabalho, juntamente com uma estação de tratamento de roupa. Neste piso, entre as duas salas de trabalho é possível aceder

à cobertura plana do corpo C.

O segundo piso é em quase tudo idêntico ao anterior, com a excepção de que as habitações de frente para o Largo já não são duplex, e em vez de duas salas de trabalho passa a haver uma.

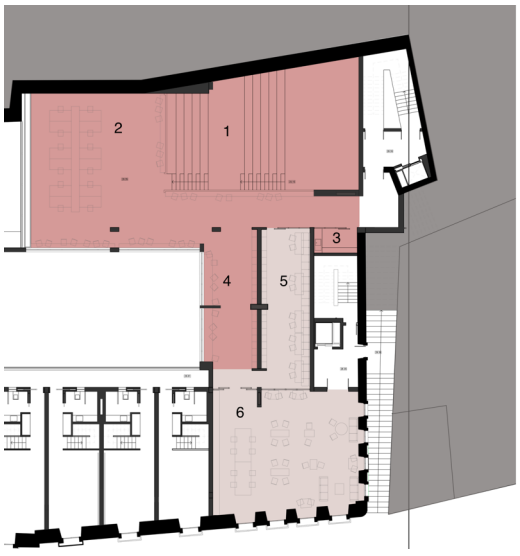
O último piso é destinado a actividades lúdicas exclusivamente para os residentes: salas de exercício físico devidamente equipadas, balneários, uma sala de convívio e de jogos, equipada para preparação de refeições, e ainda um terraço.

Os espaços colectivos de trabalho

Estes espaços, como indicado, desenvolvem-se entre o piso térreo e o primeiro piso e funcionam em hierarquia – do mais ruidoso ao mais silencioso. O auditório aberto apresenta-se como o espaço de transição entre pisos, assumindo-se com área de maior ruído.

Logo no topo do auditório encontra-se uma área com apenas quatro mesas de trabalho. Pela sua proximidade com o auditório-escadaria, este configura-se como espaço com um nível sono ainda elevado. Junto ao átrio das comunicações verticais publicas (CV3), encontra-se uma pequena copa para que os utilizadores do EEVA possam armazenar e aquecer refeições quando desejarem.

Imediatamente a seguir, encontra-se um espaço longitudinal dividido em dois corredores, que definem duas áreas distintas de trabalho individual ou em grupo. O ambiente mais ruidoso encontra-se do lado do vão do pátio interior, sendo também este um espaço de transição para a sala de leitura. O outro corredor, ao seu lado, dividido por uma estrutura de arrumação de livros, publicações e periódicos (ver anexo 2), constitui um ambiente mais silencioso, encerrado num dos seus topos com uma estrutura de vidro. Por último, encontra-se a sala de trabalho individual ou de leitura, concebida como local mais silencioso, equipado com mesas de trabalho idealmente individual.



75. Piso 1 - Áreas colectivas de trabalho, esquema das áreas destinadas a trabalho em grupo, logo mais ruidosas, e áreas de trabalho individual e silenciosas

Área Ruidosa (grupos)
Área Silenciosa (individual)

1 – escadaria/auditório.
2 – mesas de trabalho.
3 – copa.
4 – corredor de transição/área de trabalho ruidosa.
5 – área de trabalho menos ruidosa.
6 – sala de leitura/sala de silêncio.

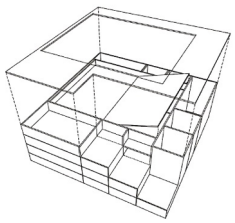
As Habitações

No total, o EEVA alberga 26 unidades habitacionais com quatro tipologias diferentes – tipologia A, B e C e C1, podendo acolher um máximo de 60 pessoas.

A área habitacional distribui-se por três pisos. Inicia-se no piso intermédio e neste piso e no primeiro piso a maioria das habitações são duplex.

A tipologia duplex com ***mezanine*** (tipologia A) é a que possui maior área e foi pensada para funcionar de dois modos distintos:

- Alberga uma pessoa ou um casal, e a ***mezanine*** funciona como local de trabalho. A escolha desta tipologia pode ser bastante útil se os residentes não pretenderem desenvolver o seu trabalho nas salas de trabalho comuns, por questões que se prendem à natureza do seu projecto.



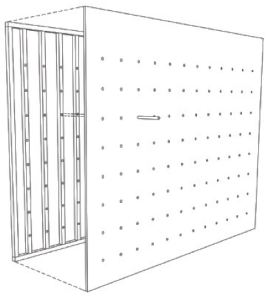
76. Esquema em axonometria da estrutura da cama.

- Alberga uma pessoa ou casal, e a ***mezanine*** funciona como mais um espaço de dormida para um terceiro elemento.

Para que exista esta ambivalência da ***mezanine***, foi criado um sistema de mesa de trabalho e cama rebatíveis.

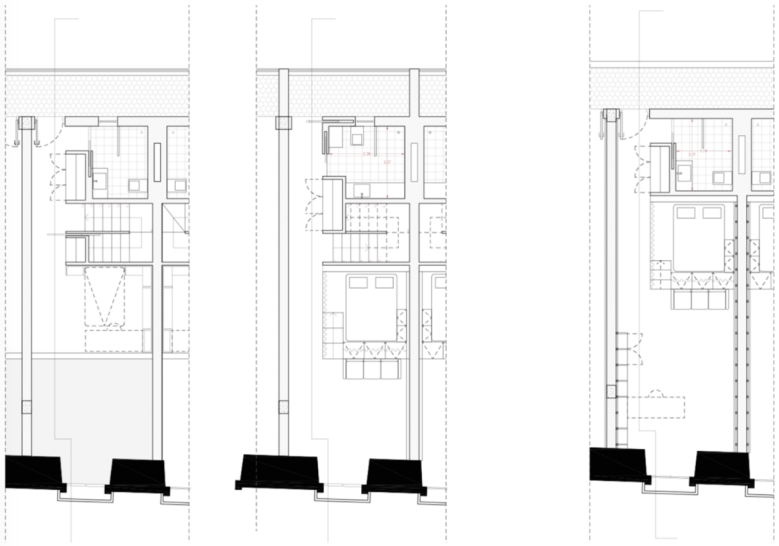
A tipologia B localizada maioritariamente no piso 2, é de apenas um piso, está preparada para albergar uma pessoa ou um casal e não inclui área de trabalho.

A tipologia C e C+1 têm uma área bastante inferior às anteriores. Estas já não se encontram de frente para o Largo ou par a Rua do Benformoso, mas sim para o pátio interior. Ambas as tipologias possuem um pequeno balcão para o pátio que permite simultaneamente a ventilação natural da instalação sanitária, bem como o usufruto de um pequeno espaço exterior privativo. A tipologia C+1, localiza-se no piso 3, é em tudo semelhante à tipologia C, no entanto, a sua volumetria é maior, podendo albergar mais um residente.



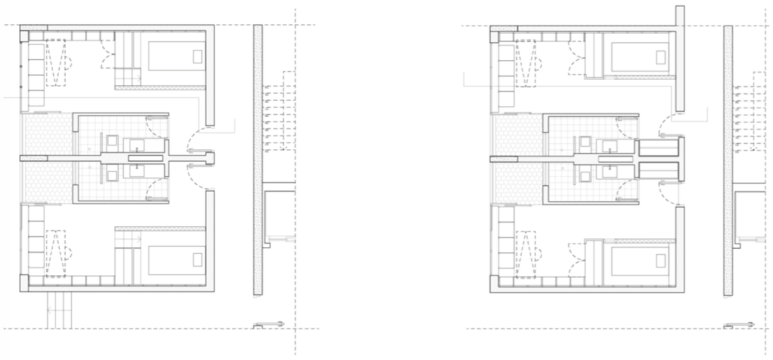
77. Revestimento das paredes interiores das habitações, com perfurações para a colocação de estantes de arrumação.

Em todas as habitações, os compartimentos de dormir são semelhantes, seguindo uma lógica de poder oferecer o máximo de arrumação possível ao residente. Neste contexto foi criada uma estrutura que eleva a cama permitindo que todo o seu volume inferior seja ocupado com arrumação pessoal (fig 76), bem como as paredes possuem uma estrutura em madeira que as reveste permitindo a colocação de estantes para arrumação à medida do utilizador (fig. 77 e anexos 8 e 9).



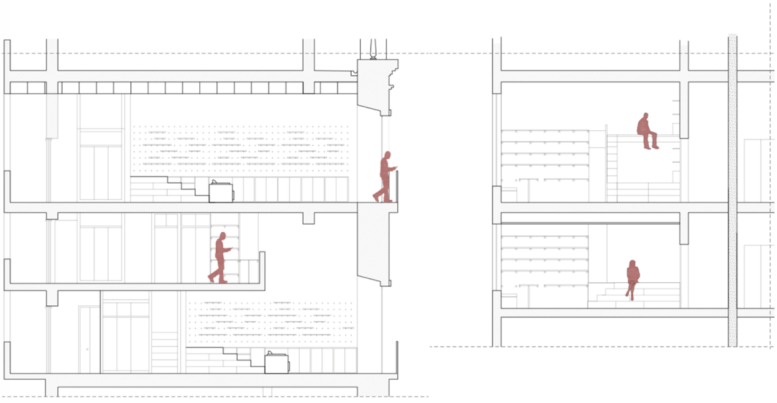
Tipologia A (duplex)
Piso Superior
Piso Inferior

Tipologia B



Tipologia C

Tipologia C+1



Corte Longitudinal A e B

Corte longitudinal das tipologias C e C+1

78. Desenhos das quatro tipologias diferentes

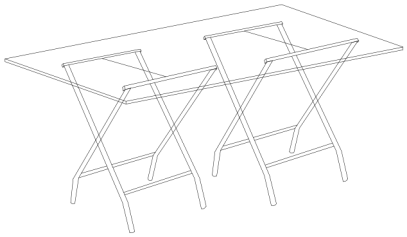
As salas de trabalho dos residentes

As salas de trabalho partilhadas apresentam-se nos pisos das habitações, voltadas para o interior do conjunto tirando partido da luz natural trazida pelo vazio. No piso intermédio o espaço de trabalho é quebrado por uma passagem que conduz a uma zona exterior, a cobertura do corpo C. Esta divisão permite criar uma diferenciação entre os dois espaços de trabalho. No segundo piso esta divisão já não existe, formando-se um único espaço amplo. Neste piso é particularmente importante a dimensão da sala, uma vez que as suas habitações não estão configuradas para albergar as atividades de trabalho.

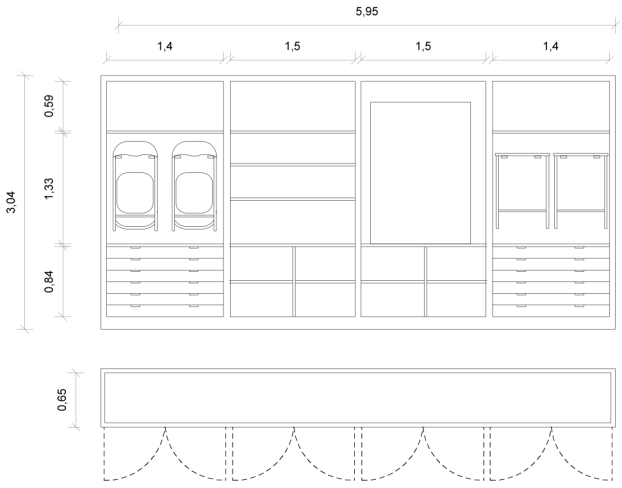
No terceiro piso existe ainda uma sala destinada a acolher várias actividades – refeições, convívio e jogos – também preparada para seja usada como sala de trabalho.

O conceito destes espaços é “monte você mesmo” – deste modo os utilizadores podem montar o seu lugar de trabalho adaptado às suas necessidades, com as ferramentas e materiais fornecidos. Os armários embutidos foram desenhados para se poder guardar assentos articulados, cavaletes e tampos de mesa, bem como os vários materiais e ferramentas dos utilizadores (ver anexo 3).

79. Exemplar de mesa de trabalho montada com dois cavaletes e um tampo.

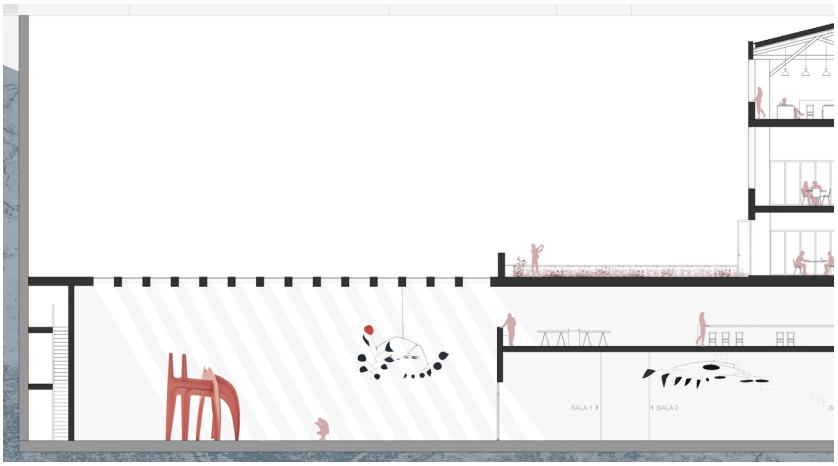


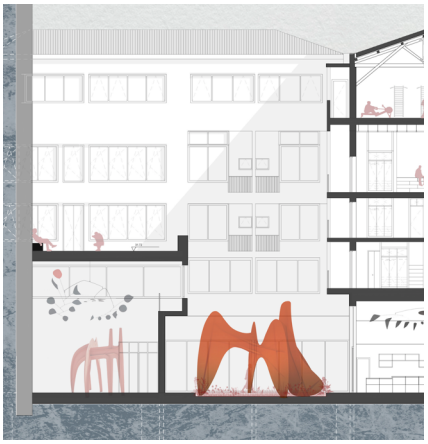
80. Estrutura de arrumos do material e ferramentas das salas de trabalho dos residentes.



A Sala de Exposições

A sala de exposições constitui grande parte do corpo C. Tem 200 metros quadrados, e 8 metros de altura. Este espaço foi concebido para acolher os mais diversos tipos de projectos em exposição, e por isso não apresenta qualquer compartimentação. Este espaço não possui vãos para o exterior, com o intuito de conferir privacidade às exposições futuras, e a sua luz natural é feita unicamente pela cobertura: uma vez que o corpo A e B têm uma altura bastante superior, a luz solar não incide directamente no corpo C, sendo uma luz zenital difusa a que se atravessa pelo topo do edifício.





81. Cortes longitudinal e transversal da sala de exposições.

6. Considerações Finais

Actualmente, Lisboa vive uma época em que a reabilitação da cidade e a valorização do seu património, sobretudo nos centros históricos, tem ganhado cada vez maior relevância. Paralelamente, a massificação turística que se verifica, poderá trazer consigo alguns dissabores no contexto do território mas principalmente no contexto social, gerando fenómenos de "gentrificação". Assim, torna-se importante reflectir acerca das estratégias adoptadas até aqui e pensar em novos modelos de atracção para a população local e visitantes.

A Classe Criativa pode apresenta-se no seio das cidades como potenciadora de novas dinâmicas sociais e de apropriação do espaço. Estas comunidades são geradores de indústrias que fomentam o desenvolvimento da economia local. Contribuem também para o despertar de um lado artístico, muitas vezes desvalorizado, intensificando a cultura nas áreas onde se inserem.

O Largo do Intendente, após a sua reabilitação, passou a albergar novos espaços com uma vasta oferta de actividades, que o tornaram num dos principais focos culturais da cidade.

É neste contexto que se insere o projecto do EEVA, que através das soluções propostas, procura dialogar com a sua envolvente e contribuir para a expansão das práticas artísticas na Mouraria, integrando as estratégias de desenvolvimento estabelecidas pela CML para a cidade.

Deste modo, o EEVA é desenvolvido como resposta aos objectivos proposto inicialmente. Um "Hotel do Futuro" que, através da sua oferta programática, pretende consolidar a instalação de uma Classe Criativa, constituída por visitantes e por habitantes locais, com vista a dinamizar esta zona da cidade. Ao mesmo tempo, ambiciona contribuir para a inversão do fenómeno de "gentrificação" que se tem verificado na Mouraria, procurando uma aproximação com a comunidade local.

7. Bibliografia e Fontes Documentais

ALMEIDA, Ana Rita, Mouraria: história e forma urbana, Lisboa: FAUL, 2016. Dissertação Final de Mestrado

AGUIAR, José, Cor e cidade histórica: estudos cromáticos e conservação do património. Porto: FAUP publicações. 2002.

BIANCHINI, Franco (1999). Cultural planning for urban sustainability. International cultural planning and policy unit. Facult of Humanities, Montfort Univiersity.

CHOAY, F., A Alegoria do Património, Lisboa: Edições 70, 2000

CHOAY, Françoise – As Questões do Património: Antologia para um combate. Lisboa: Edições 70, 2011.

CULLEN, Gordon. Paisagem urbana. Lisboa: Edições 70, 1996 (1961).

CORREIA, Maria Antónia Carvalho, Modos de habitar – Habitação temporária, Lisboa: Universidade Lusíada, 2017. Dissertação de Mestrado.

EVANS, Katie, Competição pelo espaço-patrimônio – o conflito entre residentes e turistas do Cairo, 2001. In: FILIPE, Carla, Andanças do turismo criativo, Departamento de Economia e Gestão Industrial, Universidade de Aveiro, 2009

FARLENS, Rui Tiago Claro, Creative Class in the Portuguese Economy, Lisboa: IST, 2013. Dissertação Final de Mestrado

FREITAS, Emanuel, Visões e Revisões do Património, Lisboa: ISCTE, 2016, Dissertação Final de Mestrado

FREITAS, Ricardo Mendes, Identidade, Tempo e Memória. Reflexão sobre processos de reabilitação em edificação de valor patrimonial, Porto: FAUP, 2012, Dissertação de Mestrado.

FURTADO, Gonçalo, ALVES, Sandra, Cidades criativas em Portugal e o papel da Arquitectura: Mais uma estratégia a concertar, Revista Crítica de Ciências Sociais, 2012 (online).

HAWKINS, David, Sel-sufficiency and the Creative economy, Times and Transcript, part 2, 2008

KÜHL, Beatriz Mugayar, Concervação e Restauro, Notas sobre a Carta de Veneza. São Paulo: Anais do Museu Paulista, v18, n2, 2010.

LANDRY, Charles. Creativity, Culture and the City. A question of interconnection. State of North Rhine-Westphalia: Ministry of Family, Children, Youth, Culture and Sport of the State of North Rhine-Westphalia, 2010

LERNER, E. M. R., El valor de la cultura en los processos de desarrollo urbano sustentable. Catalunha, Gabinet Tècnic del Departament de Cultura de la Generalitat de Catalunya, 2005.

LYNCH, Kevin, A imagem da cidade, Lisboa: Edições 70, 1960

MENDES, Maria Manuela, Bairro da Mouraria, território de diversidade: entre a tradição e o cosmopolitismo Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto Número temático: Imigração, Diversidade e Convivência Cultural, 2012, pág. 15-41.

RUSKIN, John, Lâmpada da Memória, Londres 1849. Disponível em https://pt.scribd.com/document/360712666/177292901-RUSKIN-A-lampada-da-memoria-pdf

RAMALHO, Ana Rita, A Casa e o Método: Concepções de Vivência e Identidade. Lisboa: FAUTL, 2013, Dissertação Final de Mestrado.

SEABRA, Joana Miguel, Criatividade, Coimbra: Faculdade de Psicologia e da Educação da Universidade de Coimbra, 2007. Trabalho de Licenciatura. Disponível em http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0104.pdf

SUST, Xavier, PARICIO**,** Ignacio, La Vivienda Contemporánea: Programa y Tecnologia. Barcelona: Institut de Tecnologia de Construcción de Catalunya - ITeC, 1998.

Documentos electrónicos

Nações Unidas (2010) Relatório de Economia Criativa 2010, Economia Criativa: Uma Opção de Desenvolvimento Viável. Versão brasileira, 2012.

Câmara Municipal de Lisboa (2013). Lisboa Economia Criativa, disponível em http://www.cm-lisboa.pt/investir/setores-estrategicos/economia-criativa

Câmara Municipal de Lisboa (2012). Lx.Europa 2020, Lisboa no quadro do próximo período de programação comunitário. Disponível em http://www.cm-lisboa.pt/fileadmin/MUNICIPIO/Camara_Municipal/Transparencia/LX_UEROPA_2020.pdf

Câmara Municipal de Lisboa (2011), Estratégia de Estratégia de reabilitação urbana de Lisboa, 2011/2024. Disponível em http://www.cm-lisboa.pt/fileadmin/Noticias/ficheiros/Estrategia_Reabilitacao_Urbana_Lisboa_2011-2024.pdf

Câmara Municipal de Lisboa (2012), Rede de Cidades Interculturais. Disponível em http://www.cm-lisboa.pt/municipio/relacoes-internacionais/rede-das-cidades-interculturais

Diário da República, 2.ª série — N.º 83 — 30 de Abril de 2014, disponível em http://www.cm-lisboa.pt/fileadmin/VIVER/Urbanismo/urbanismo/planeamento/termosaprovados/pumouraria/drmouraria.pdf

Páginas Web

cm-lisboa.pt

http://www.cm-lisboa.pt/equipamentos/equipamento/info/fabrica-de-braco-de-prata

http://www.cm-lisboa.pt/en/mouraria-creative-hub

http://www.cm-lisboa.pt/polo-cultural-gaivotas-boavista

Brochura LARGO INTENDENTE 57. Disponível em https://largointendente57.pt/wp-content/uploads/2017/04/Brochura_web_PT_AP.pdf

Mouraria e Largo do Intendente

http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/75026

http://www.viuvalamego.com/pt/handmade/historia/

https://www.avidaportuguesa.com/

Artigos Jornalísticos

ALEMÃO, Samuel. (18.06.2015). Afinal a residência para estudantes poderá não avançar no Largo do Intendente. O Corvo. (online) Disponível em : https://ocorvo.pt/afinal-residencia-para-estudantes-podera-nao-avancar-no-largo-do-intendente/

BOAVENTURA, Inês (25.03.2014). Vai nascer uma residência de estudantes no Intendente. Público (online). Disponível em: https://www.publico.pt/2014/03/25/local/noticia/vai-nascer-uma-residencia-de-estudantes-no-intendente-1629537

Espaços de criação artística

http://vulisboa.com/index.php
https://www.hubcriativobeato.com/pt/#cBJOxtGRad
http://www.largoresidencias.com/quem-somos
http://www.lajunqueira.org/a-b-o-u-t.html
https://hangar.com.pt/residencies/
http://www.lxfactory.com/PT/lxfactory/
https://www.stylepark.com/en/news/workplace-or-playground
http://www.sou.pt/
https://ruadasgaivotas6.pt/
https://www.facebook.com/pg/poloculturalgaivotas/about/?ref=page_internal

Cartas e Teorias do Restauro

http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/04.044/3153

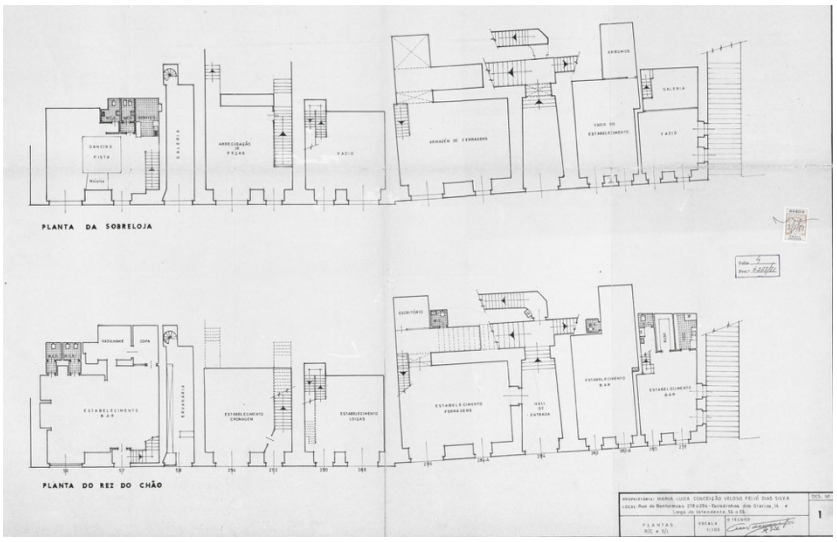
http://professor.pucgoias.edu.br/SiteDocente/admin/arquivosUpload/17497/material/aula%20Le%20Duc%20-%20Ruskin.pdf

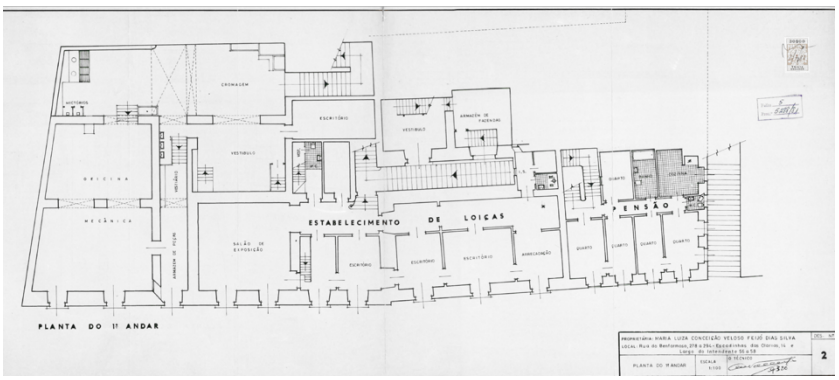
http://www.charta-von-venedig.de/carta-de-veneza_congresso-de-conserva%C3%A7%C3%A3o_s%C3%ADtios-monumentais-escava%C3%A7%C3%B5es_art.14-15_portugu%C3%AAs.html

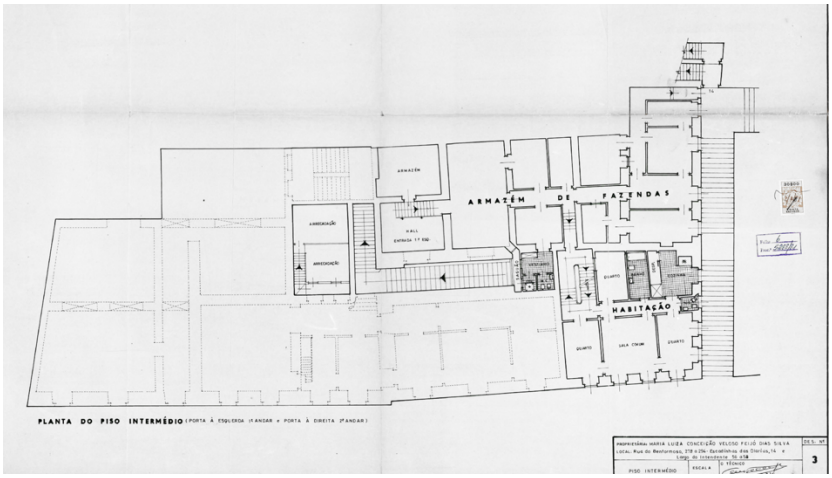
http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/03.032/3181

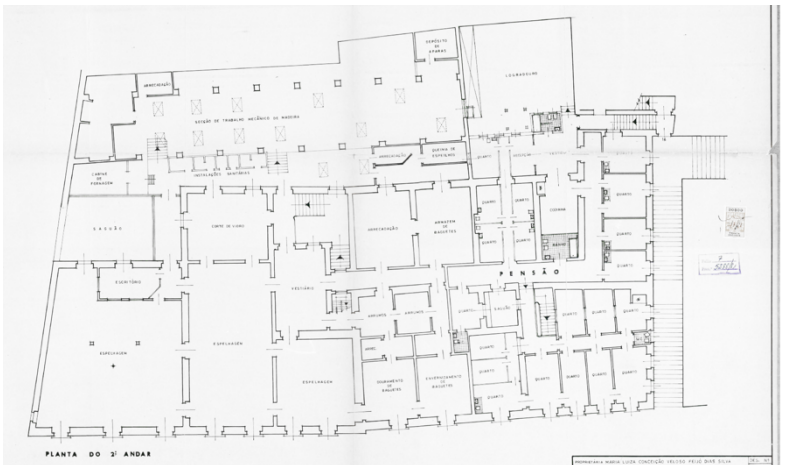
8. Anexos

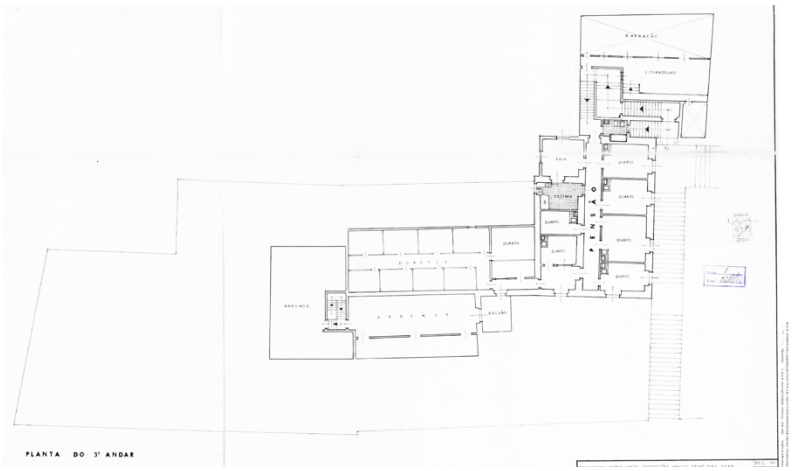
1. Plantas Originais
2. Interiores da sede da empresa Airbnb em Tokyo
3. Espaço de Coworking em Barcelona
4. Espaço de coworking Fesburry and Sons, Antuérpia
5. Museu de Arte e Biblioteca de Longhua, China, de Mecanoo
6. Apartamento modular de Raanan Stern em Tel Aviv.
7. Projecto de habitação mínima, Madrid, Espanha estúdio elii
8. Habitação familiar equipada com mobiliário modular
9. Pequeno apartamento do estúdio Position Collective,
10. Galeria David Zwirner, de Selldorf Architects
11. Residências artísticas RUPERT
12. Serpetine Gallery Pavilion, Peter Zunthor e Piet Oudolf
13. Reconversão de uma estação ferroviária em Tilburg
14. Escadaria – Auditório, vários projectos

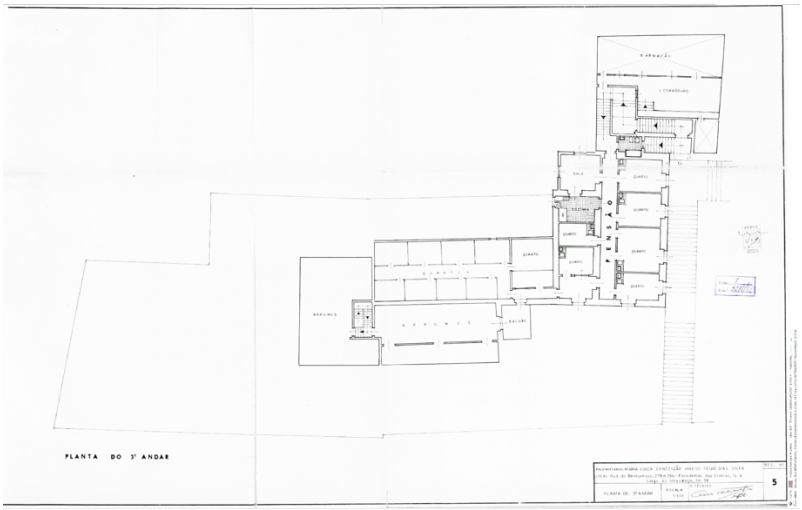

PLANTA DA SOBRELOJA
PLANTA DO REZ DO CHÃO

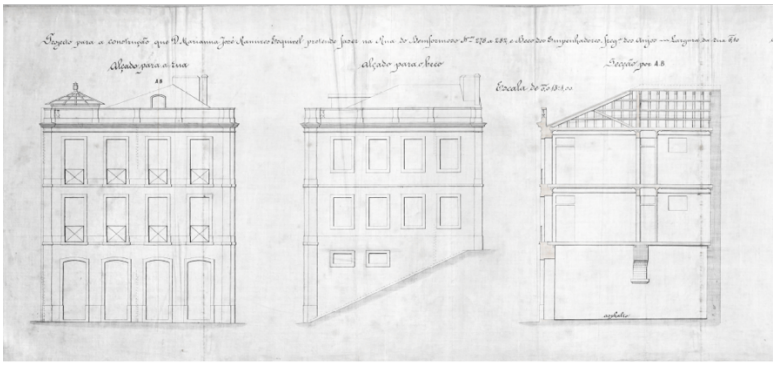

ESTABELECIMENTO DE LOIÇAS
PENSÃO
PLANTA DO 1º ANDAR


ARMAZÉM DE FAZENDAS
HABITAÇÃO
PLANTA DO PISO INTERMÉDIO


PENSÃO
PLANTA DO 3º ANDAR


PENSÃO
PLANTA DO 3º ANDAR


PENSÃO
PLANTA DO 3º ANDAR


Alçado para a rua
Alçado para o beco
Escala de 1:100


PROJECTO PARA AMPLIAÇÃO DE VM ANDAR QVE JOÃO VELLOSO FEIJÓ DESEJA FAZER NA SVA
PROPRIEDADE SITA NA RVA DO BEMFORMOSO Nº282
ALÇADO PRINCIPAL
ALÇADO LATERAL
CÓRTE AB

2. Instalações da empresa Airbnb em Tokyo, Japão.
Obra do estúdio Suppose Design Office, 2016





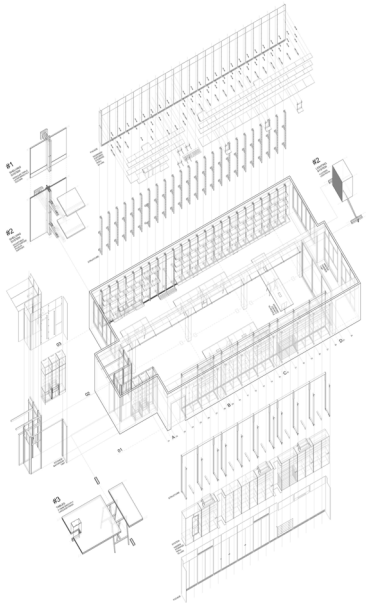




3. Antigo armazém reconvertido em espaço de co-working em Barcelona, Espanha.
Obra do estúdio Apareil.





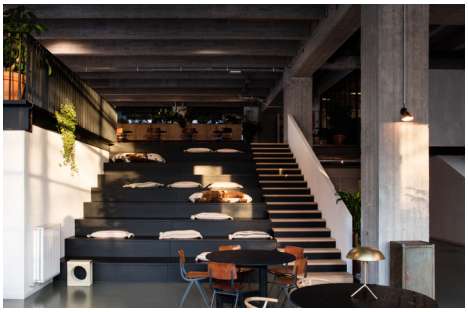




4. Fosbury & Sons Cowork, Antuerpia, Bélgica

Obra do estúdio GOING EAST, 2016

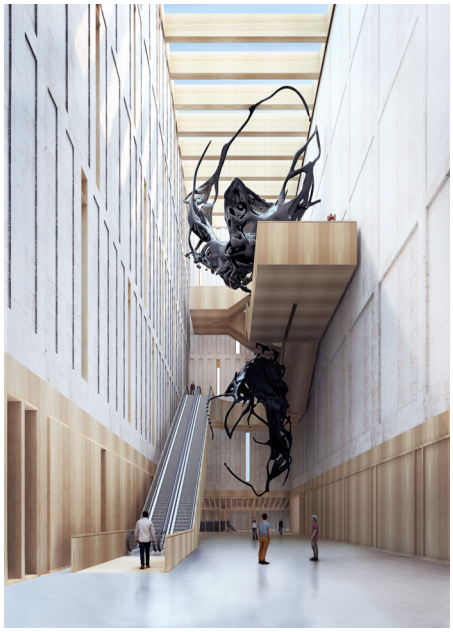








5. Museu de Arte e Biblioteca de Longhua, China.
Proposta de projecto do estúdio Mecanoo, 2015









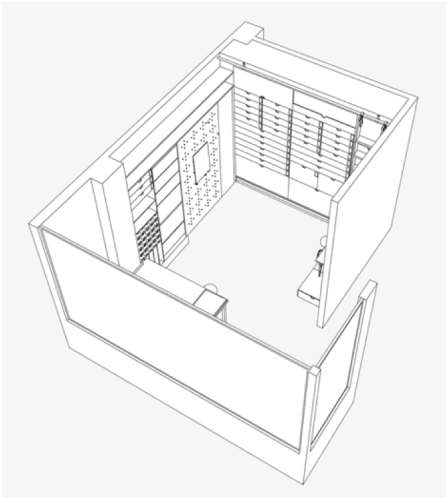
6. Apartamento modular de dimensões mínimas para artistas

Projecto de Raanan Stern, Tel Aviv.









07. Projecto de habitação mínima, Madrid, Espanha

Projecto do estúdio elii e Yojigen Poketto, 2017







8. Habitação familiar equipada com mobiliário modular, Shangai, China.
Projecto do estúdio RIGI Design, 2017/2018



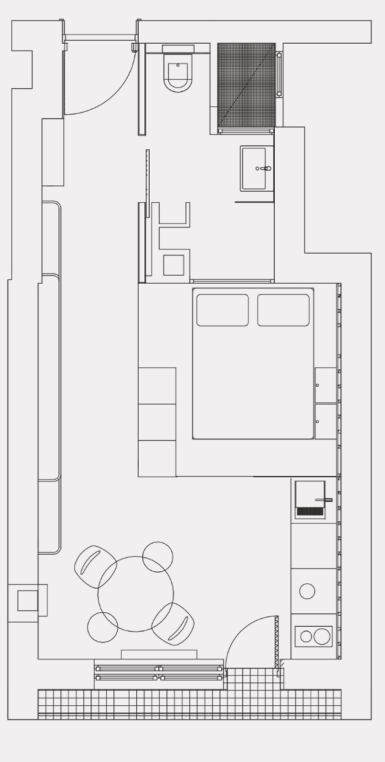






9. Pequeno apartamento AIR B N P, Budapeste, Hungria

Projecto do estúdio Position Collective, 2015

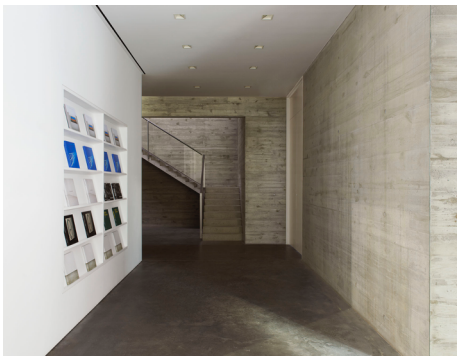






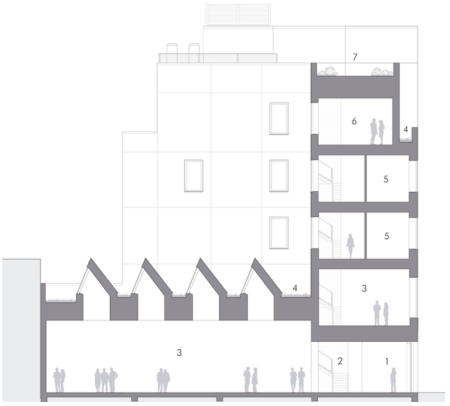
10. Galeria de Arte David Zwirner, Nova York, EUA.
Projecto de Selldorf Architects, 2013.





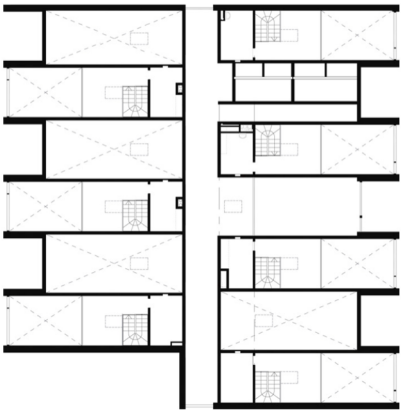




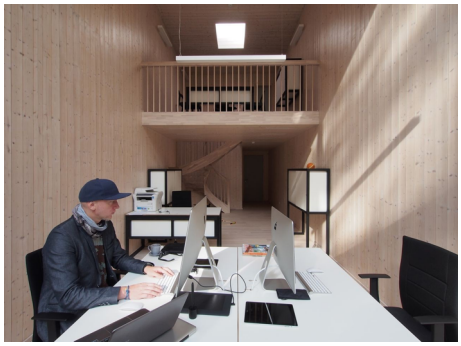


11. Residências Artísticas RUPERT, Vilnius, Lituânia

Projecto de Audrius Ambrasas, 2013.





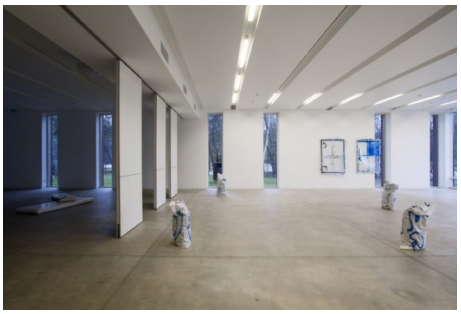




Ground floor

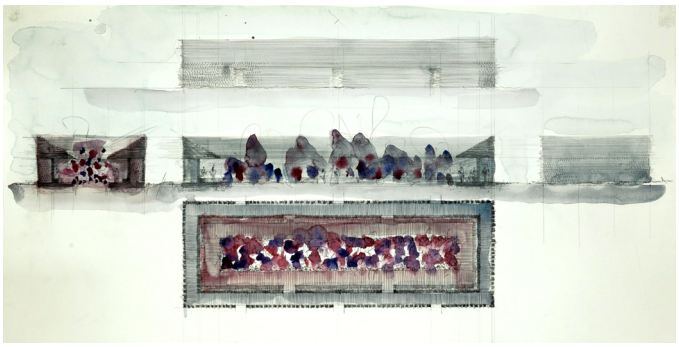


1st floor



12. Serpentine Gallery Pavilion, Londres, Reino Unido, 2011

Instalação provisória de Peter Zumthor com a colaboração do Arquitecto paisagistas Piet Oudolf.

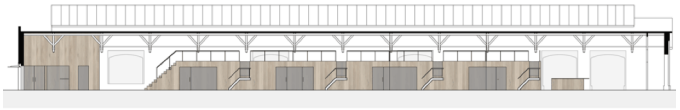


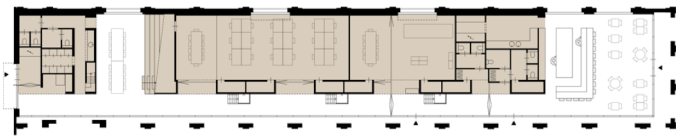




13. Reabilitação de uma antiga estação ferroviária em escritórios, Tilburg, Holanda.
Projecto de Bedaux de Brower, 2016

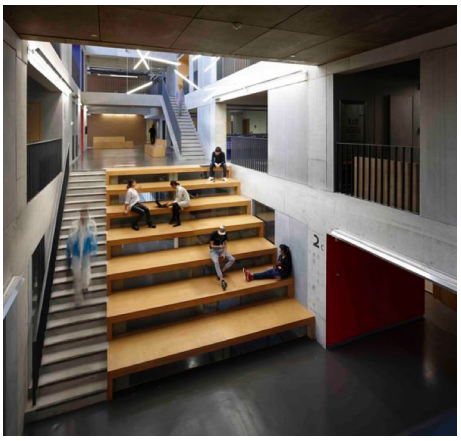






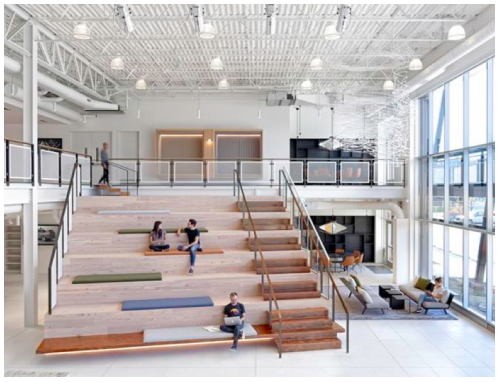


14. Escadaria auditório (diversos)

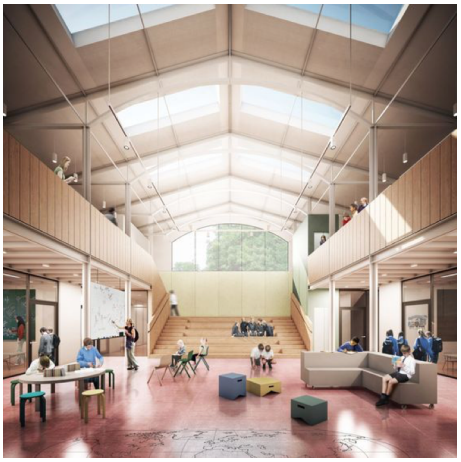


Galeria de Centro Comunitário da Juventude. Projecto de META-Project.





Centro de Tecnologias Avançadas da Uber. Projecto de Assembly Design Studio.



Localização e autor desconhecido.



Universidade VIA, Aarhu, Dinamarca.. Arkitema Architects

08. Desenhos Finais

Planta do território escala 1:2000

Planta de Implantação escala 1:500

Desenho do Alçado principal escala 1:200

Planta da cobertura escala 1:200

Planta do piso térreo escala 1:200

Planta do Piso 1 escala 1:200

Planta do Piso Intermédio escala 1:200

Planta do Piso 2 escala 1:200

Planta Piso 3 escala 1:200

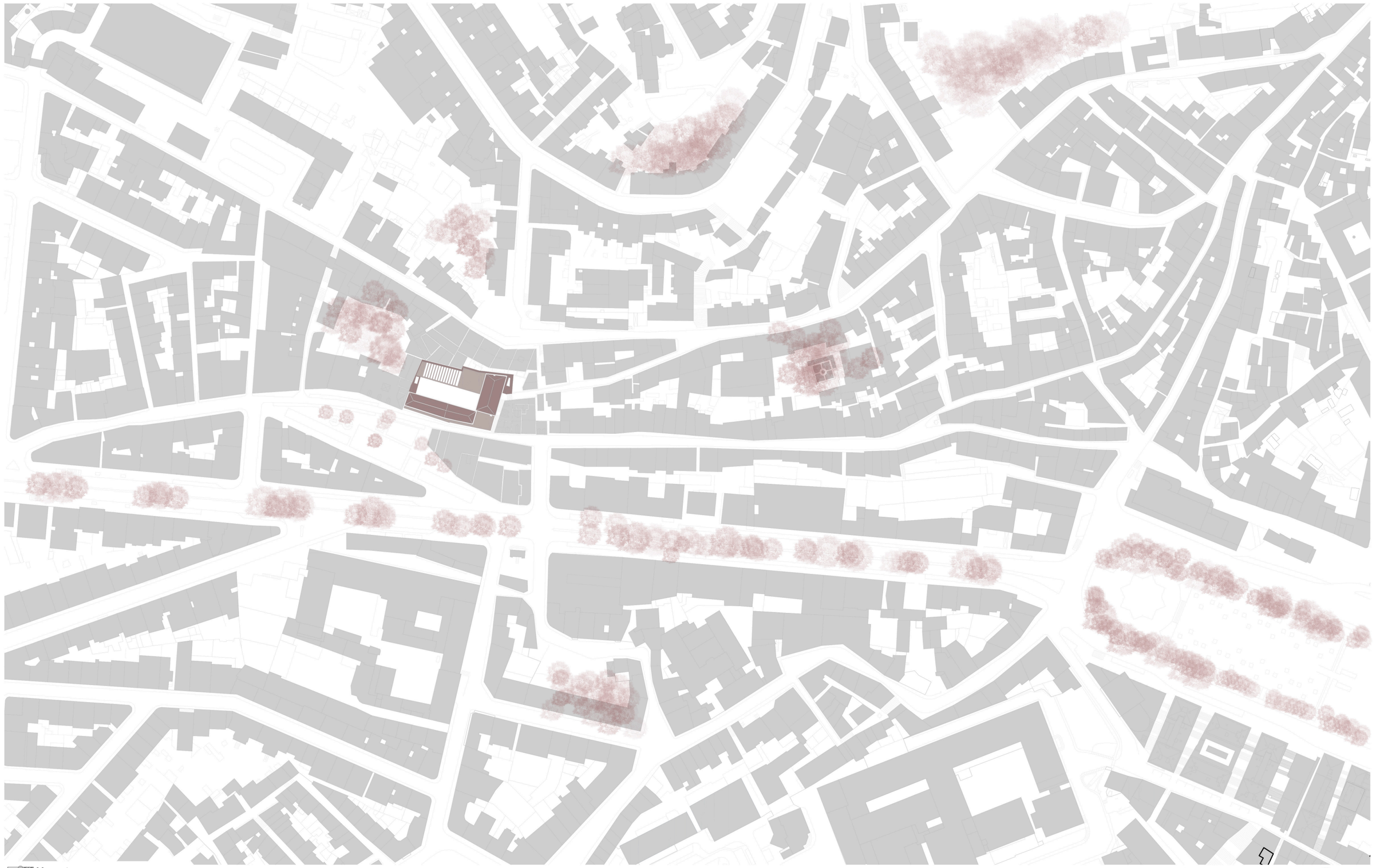
Corte AA' escala 1:200

Corte BB' escala 1:200

Corte CC' escala 1:200

Corte DD' escala 1:200

Corte EE' escala 1:100



U LISBOA | UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE ARQUITETURA
MIARQINT&REAB

ANO 2017/2018 - PROJECTO FINAL DE MESTRADO ORIENTADOR - PROF. DRA MARIA DULCE LOUÇÃO

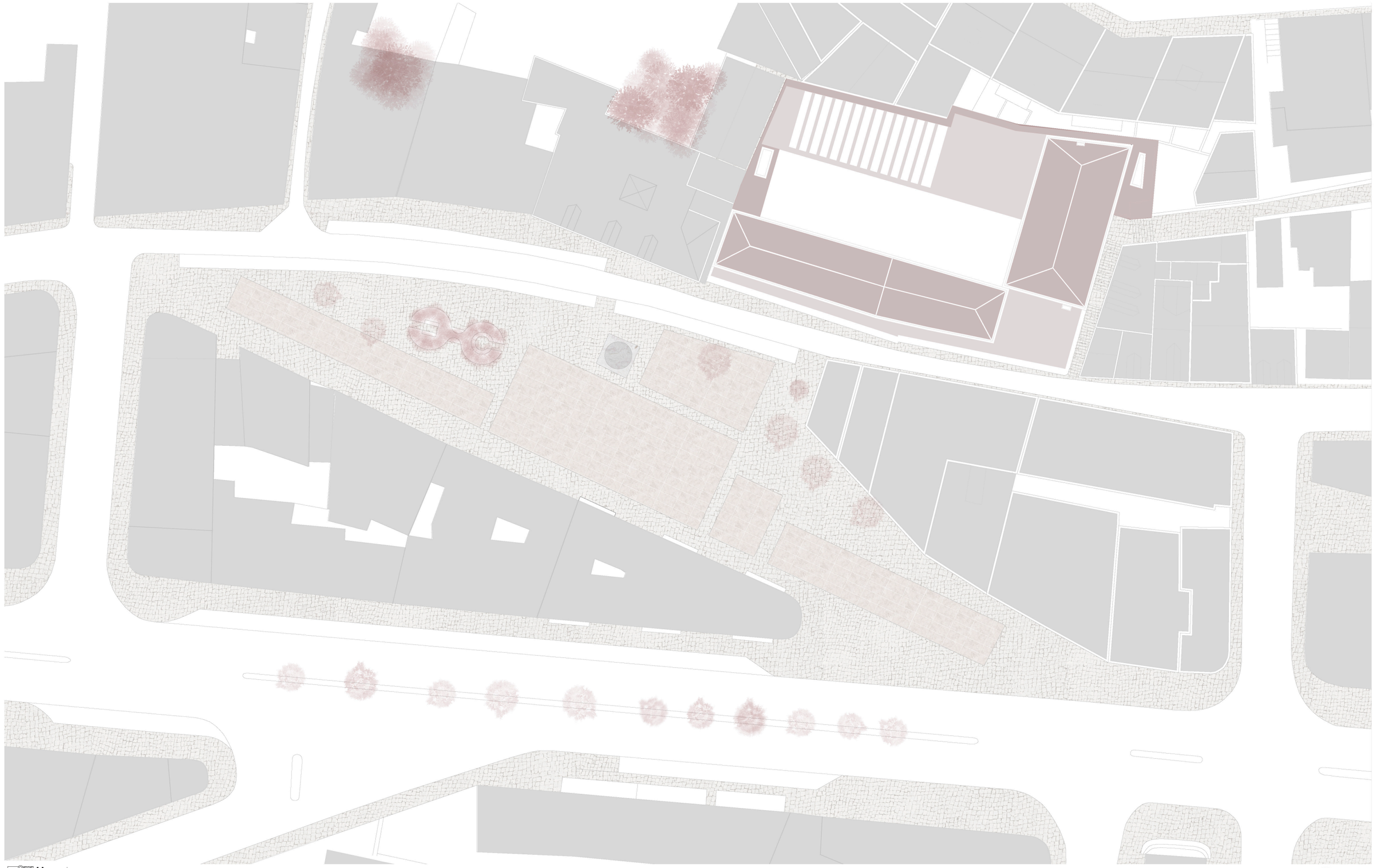
MARIA BURT MAGRO 2009/1003

INTERVENÇÃO NO LARGO DO INTENDENTE, LISBOA

ESPAÇO EXPERIMENTAL DE VIVÊNCIAS E DAS ARTES

PLANTA DE LOCALIZAÇÃO

1:2000



U LISBOA | UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE ARQUITECTURA
MIARQINT&REAB

ANO 2017/2018 - PROJECTO FINAL DE MESTRADO ORIENTADOR - PROF. DRA MARIA DULCE LOUÇÃO

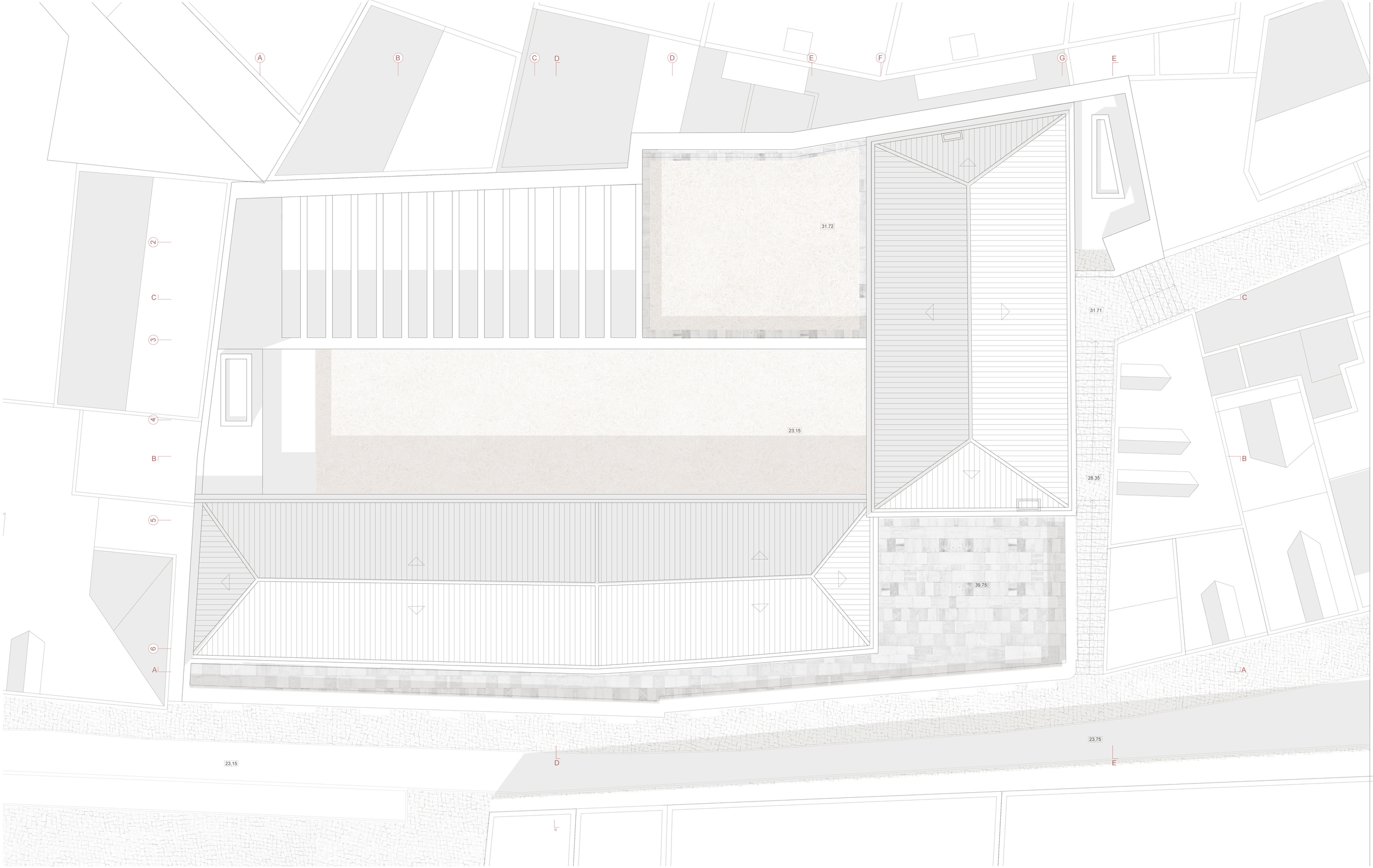
MARIA BURT MAGRO 2009/1003

INTERVENÇÃO NO LARGO DO INTENDENTE, LISBOA

ESPAÇO EXPERIMENTAL DE VIVÊNCIAS E DAS ARTES

PLANTA DE LOCALIZAÇÃO

1:500



Planta da Cobertura (+ 39.75) Escala 1/100

Faculdade de Arquitectura Universidade de Lisboa I Maria Magro 20091003
Orientador Científico Prof. Dra Dulce Loução



Fachada Principal Escala 1/100

Faculdade de Arquitectura Universidade de Lisboa | Maria Magro 20091003

Orientador Científico Prof. Dra Dulce Loução

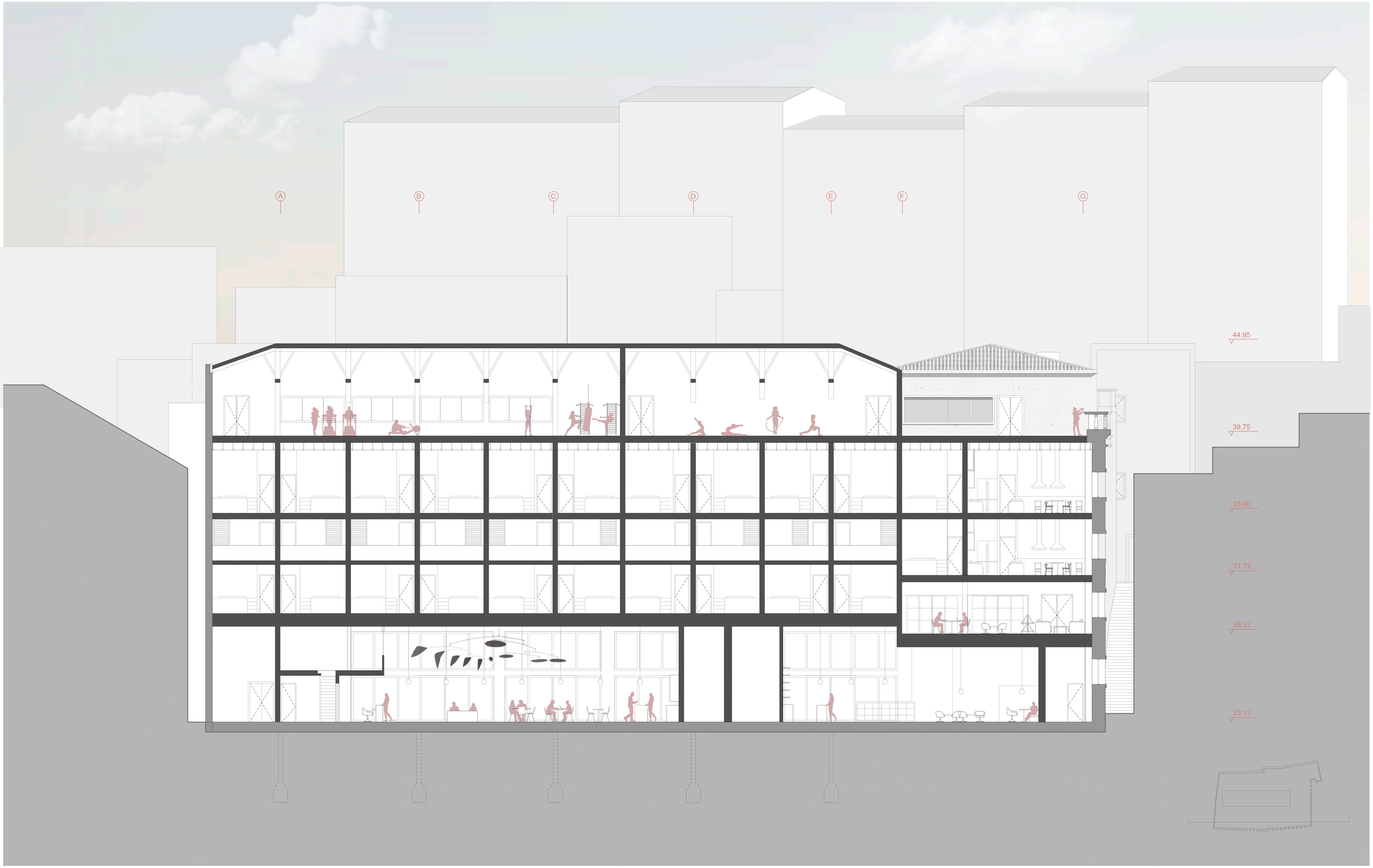
Legenda

A.0.01 - Entrada Principal	B.0.01 - Zona de leitura	
A.0.02 - Acesso vertical restrito	B.0.02 - Acesso vertical restrito	C.0.01 - Sala Polivalente 1
A.0.03 - Recepção/Administração	B.0.03 - Instalções sanitárias	C.0.02 - Sala Polivalente 2
A.0.04 - Cafetaria	B.1.04 - Acesso vertical público	C.0.03 - Sala de Exposições
A.0.05 - Livraria	B.1.05 - Auditório	C.0.04 - Arrumos da sala de exposições

Planta do Piso Térreo (+ 23.15) Escala 1/100

Faculdade de Arquitectura Universidade de Lisboa I Maria Magro 20091003

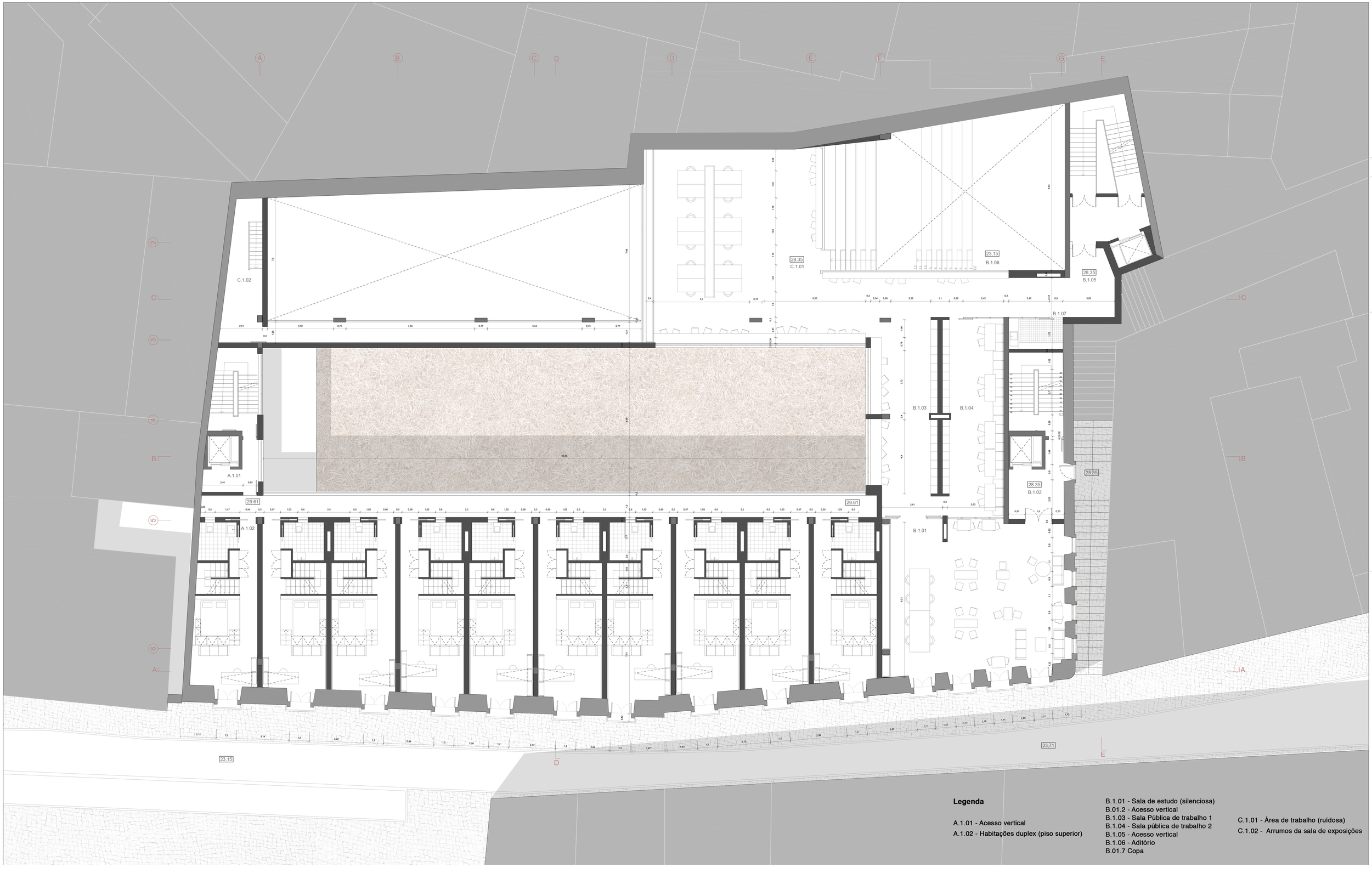
Orientador Científico Prof. Dra Dulce Loução



Corte AA 1/100

Faculdade de Arquitectura Universidade de Lisboa | Maria Magro 20091003

Orientador Científico Prof. Dra Dulce Loução



Legenda

A.1.01 - Acesso vertical
A.1.02 - Habitações duplex (piso superior)

B.1.01 - Sala de estudo (silenciosa)
B.01.2 - Acesso vertical
B.1.03 - Sala Pública de trabalho 1
B.1.04 - Sala pública de trabalho 2
B.1.05 - Acesso vertical
B.1.06 - Aditório
B.01.7 Copa

C.1.01 - Área de trabalho (ruídosa)
C.1.02 - Arrumos da sala de exposições

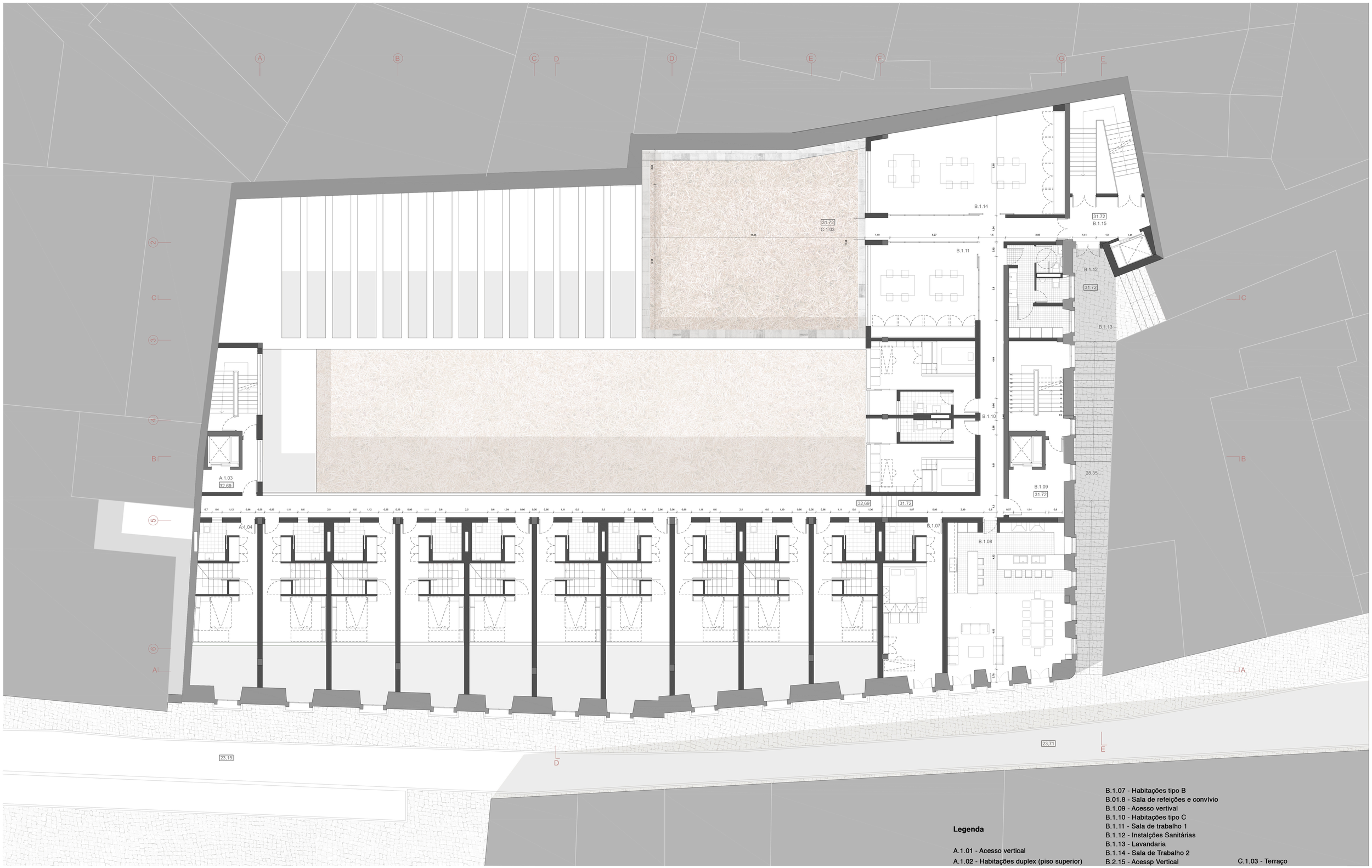
Planta do Piso 1 (+ 28.35) Escala 1/100

Faculdade de Arquitectura Universidade de Lisboa I Maria Magro 20091003
Orientador Científico Prof. Dra Dulce Loução



Corte BB 1/100

Faculdade de Arquitectura Universidade de Lisboa I Maria Magro 20091003
Orientador Científico Prof. Dra Dulce Loução

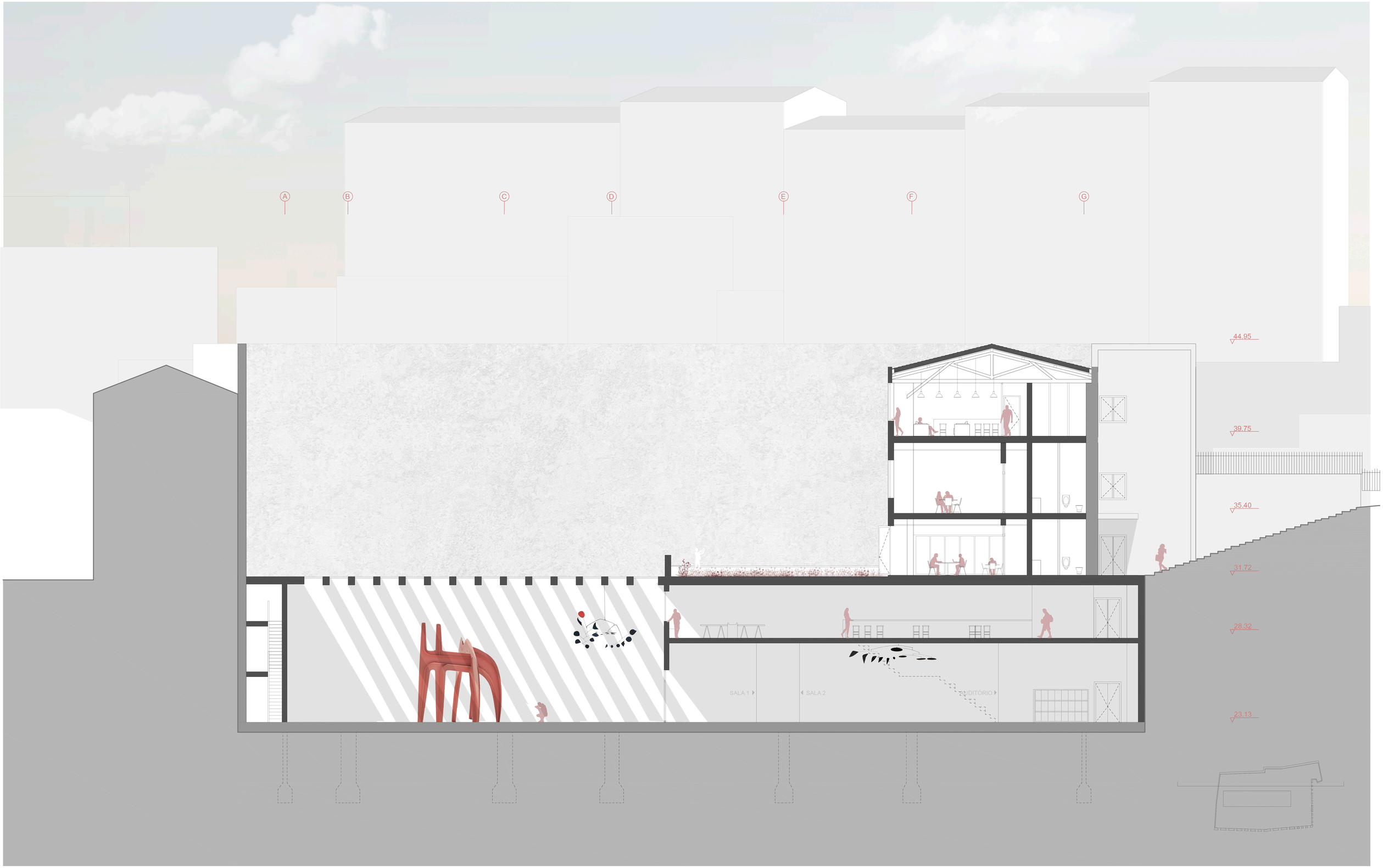


ESPAÇO EXPERIMENTAL DE VIVÊNCIAS E DAS ARTES

Intervenção no Largo do Intentende à luz dos conceitos das Indústrias Criativas

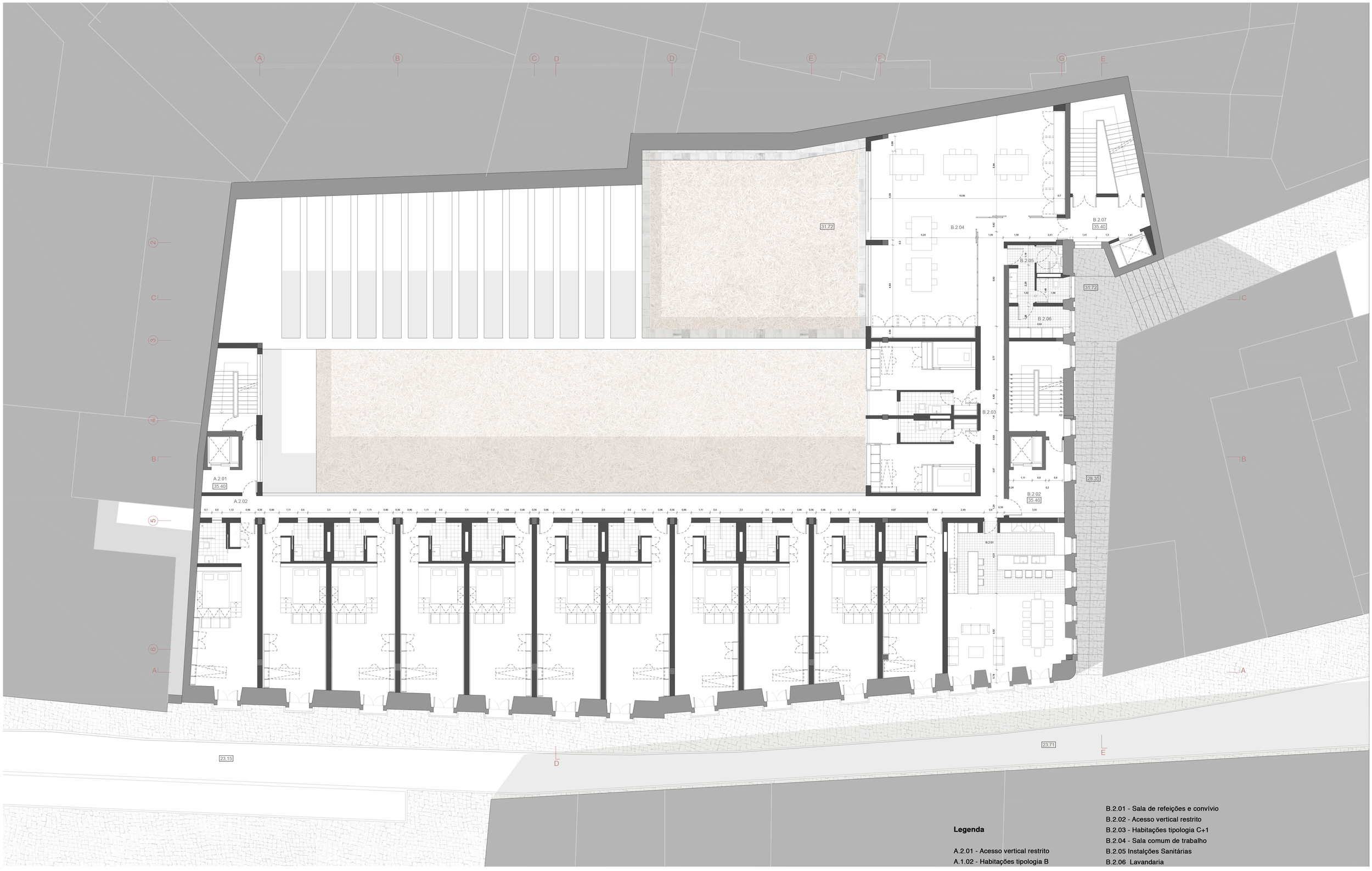
Planta do Piso 1 Intermédio (+ 31.72) Escala 1/100

Faculdade de Arquitectura Universidade de Lisboa I Maria Magro 20091003
Orientador Científico Prof. Dra Dulce Loução



Corte CC 1/100

Faculdade de Arquitectura Universidade de Lisboa I Maria Magro 20091003
Orientador Científico Prof. Dra Dulce Loução



Legenda

A.2.01 - Acesso vertical restrito
A.1.02 - Habitações tipologia B

B.2.01 - Sala de refeições e convívio
B.2.02 - Acesso vertical restrito
B.2.03 - Habitações tipologia C+1
B.2.04 - Sala comum de trabalho
B.2.05 Instalções Sanitárias
B.2.06 Lavandaria

ESPAÇO EXPERIMENTAL DE VIVÊNCIAS E DAS ARTES

Intervenção no Largo do Intentende à luz dos conceitos das Indústrias Criativas

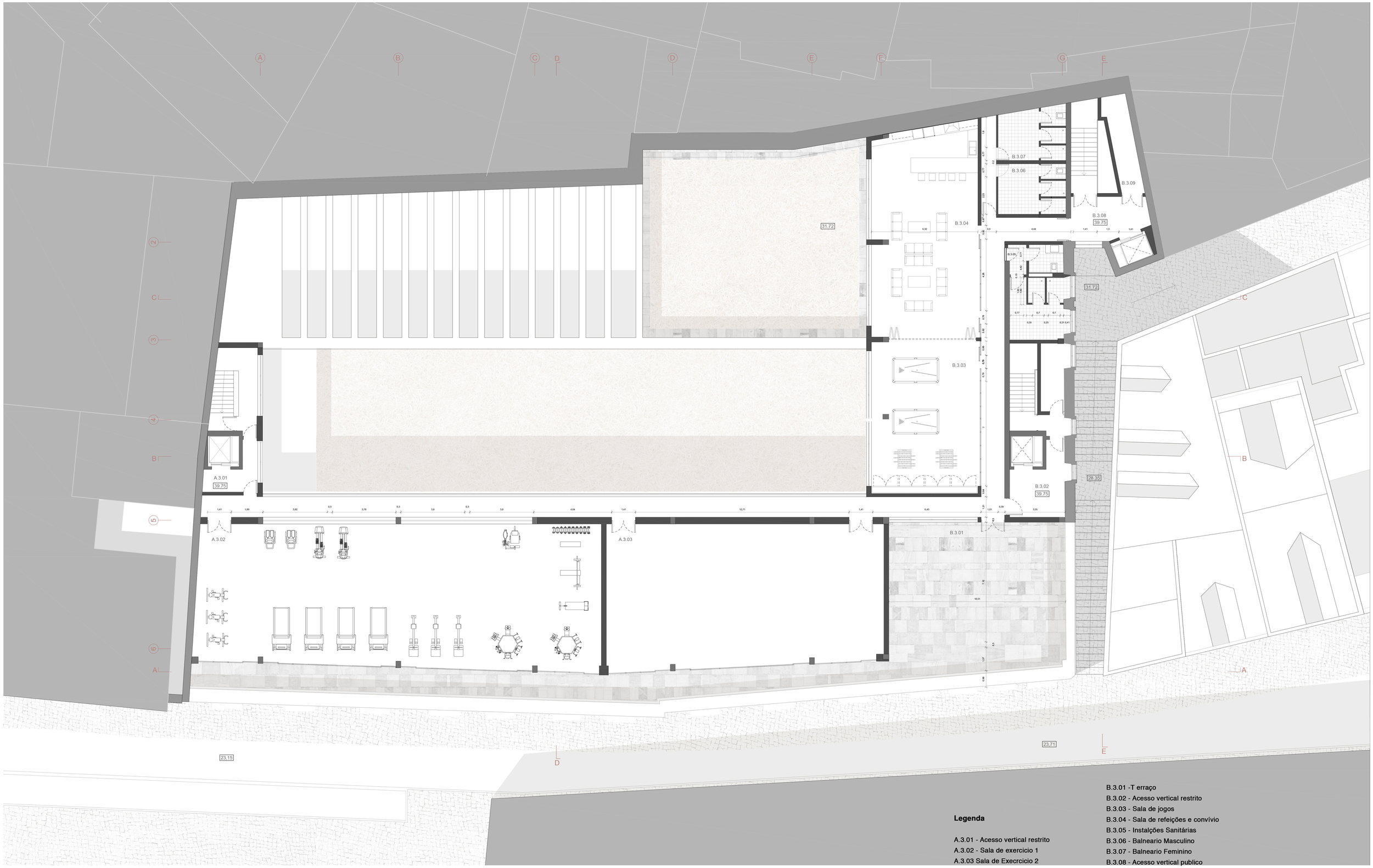
Planta do Piso 2 (+ 35.40) Escala 1/100

Faculdade de Arquitectura Universidade de Lisboa I Maria Magro 20091003
Orientador Científico Prof. Dra Dulce Loução



Corte DD 1/100

Faculdade de Arquitectura Universidade de Lisboa I Maria Magro 20091003
Orientador Científico Prof. Dra Dulce Loução



Legenda

A.3.01 - Acesso vertical restrito
A.3.02 - Sala de exercicio 1
A.3.03 Sala de Execrcicio 2

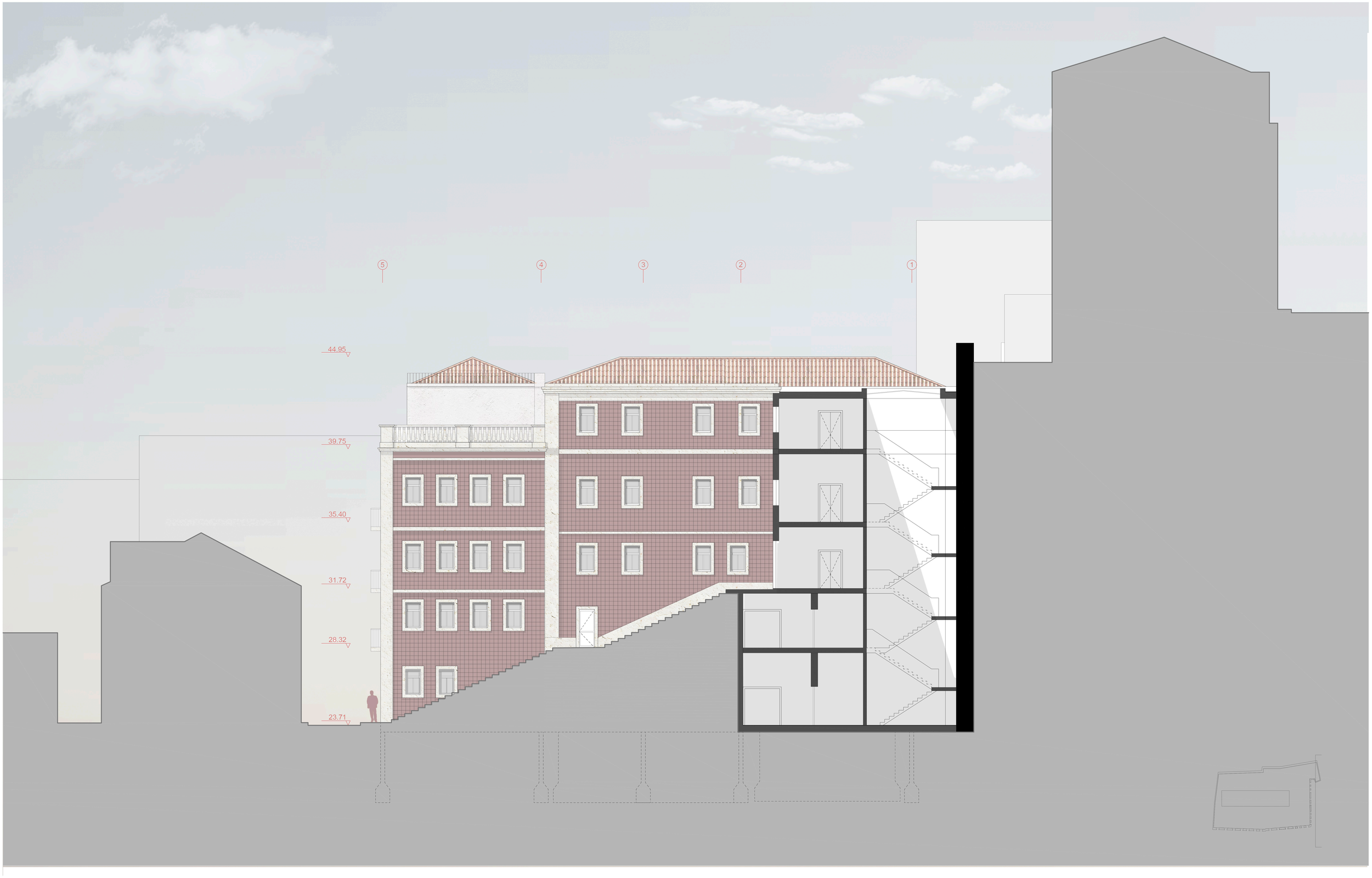
B.3.01 -T erraço
B.3.02 - Acesso vertical restrito
B.3.03 - Sala de jogos
B.3.04 - Sala de refeições e convívio
B.3.05 - Instalções Sanitárias
B.3.06 - Balneario Masculino
B.3.07 - Balneario Feminino
B.3.08 - Acesso vertical publico

ESPAÇO EXPERIMENTAL DE VIVÊNCIAS E DAS ARTES

Intervenção no Largo do Intentende à luz dos conceitos das Indústrias Criativas

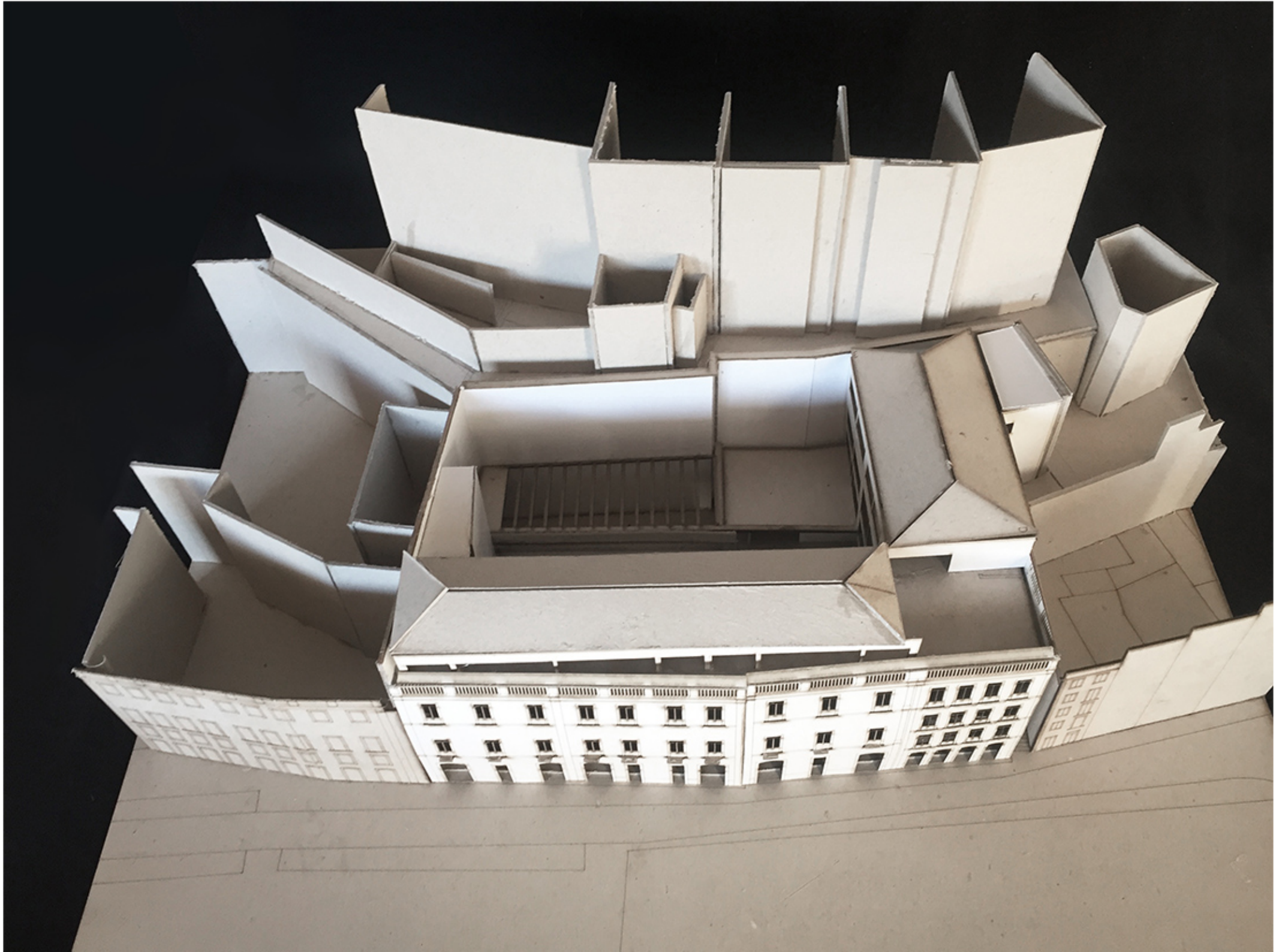
Planta do Piso 3 (+ 39.75) Escala 1/100

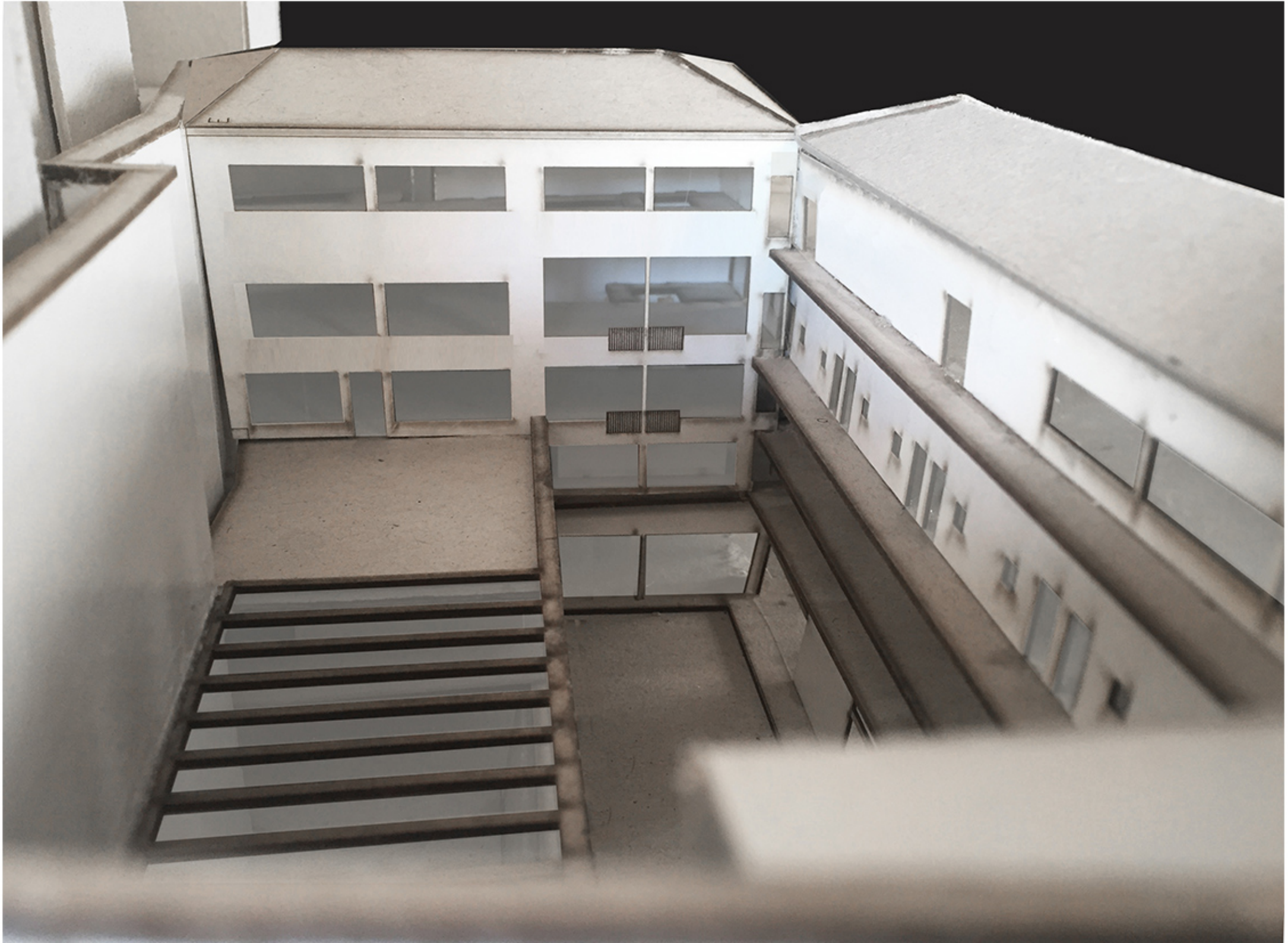
Faculdade de Arquitectura Universidade de Lisboa I Maria Magro 20091003
Orientador Científico Prof. Dra Dulce Loução


5
4
3
2
1
44.95
39.75
35.40
31.72
28.32
23.71













1. **FÁBRICA BRAÇO DE PRATA**

Antiga fábrica de material de guerra, a Fábrica Braço de Prata actualmente dá lugar a ateliers de alguns artistas e funciona como espaços híbridos capazes de albergar concertos, galerias de arte, exposições, oficinas, restauração, livrarias ou simplesmente zonas de estar.

2. **BEATO CRATIVE HUB,**

Antigas instalações da Manutenção Militar. São 20 edifícios, distribuídos por cerca de 35 mil metros quadrados, de reconhecido valor industrial e arquitetónico, que estão a ser reconvertidos para receber um conjunto de entidades nacionais e internacionais nas áreas da tecnologia, inovação e indústrias criativas.

3. **FAB LAB LISBOA - MERCADO DO FORNO DO TIJOLO**

Espaço de co-working e Fab Lab. Reabilitado pela Câmara Municipal de Lisboa, o Mercado do Tijolo será estratégicamente um novo centro, um catalizador de criatividade e empreendedorismo e inovação à cidade.

4. **PÓLO DE SANTA CLARA (Palácio Sinel de Cordes)**

Espaço cedido pela Câmara Municipal de Lisboa para o fincionamento da Trienal de Arquitectura de Lisboa e cluster criativo.

5. **CENTRO DE INOVAÇÃO DA MOURARIA**

O Centro de Inovação da Mouraria / Mouraria Creative Hub é a primeira incubadora de Lisboa a apoiar projetos e ideias de negócio das industrias criativas, em especial nas áreas de Design, Media, Moda, Música, Azulejaria, Joalharia, entre outras. Disponibiliza postos de trabalho totalmente equipados, uma ampla rede de mentores, formação e consultoria.

6. **STARTUP LISBOA**

Incubadora de empresas, inaugurada em 2012, a STARTUP LISBOA tem como missão fomentar o desenvolvimento da iniciativa empresarial e a criação de emprego, através da combinação de infraestruturas e serviços de apoio especializados, apoiando projetos inovadores e com potencial de internacionalização.

7. **SANTOS DESIGN DISCTRICT**

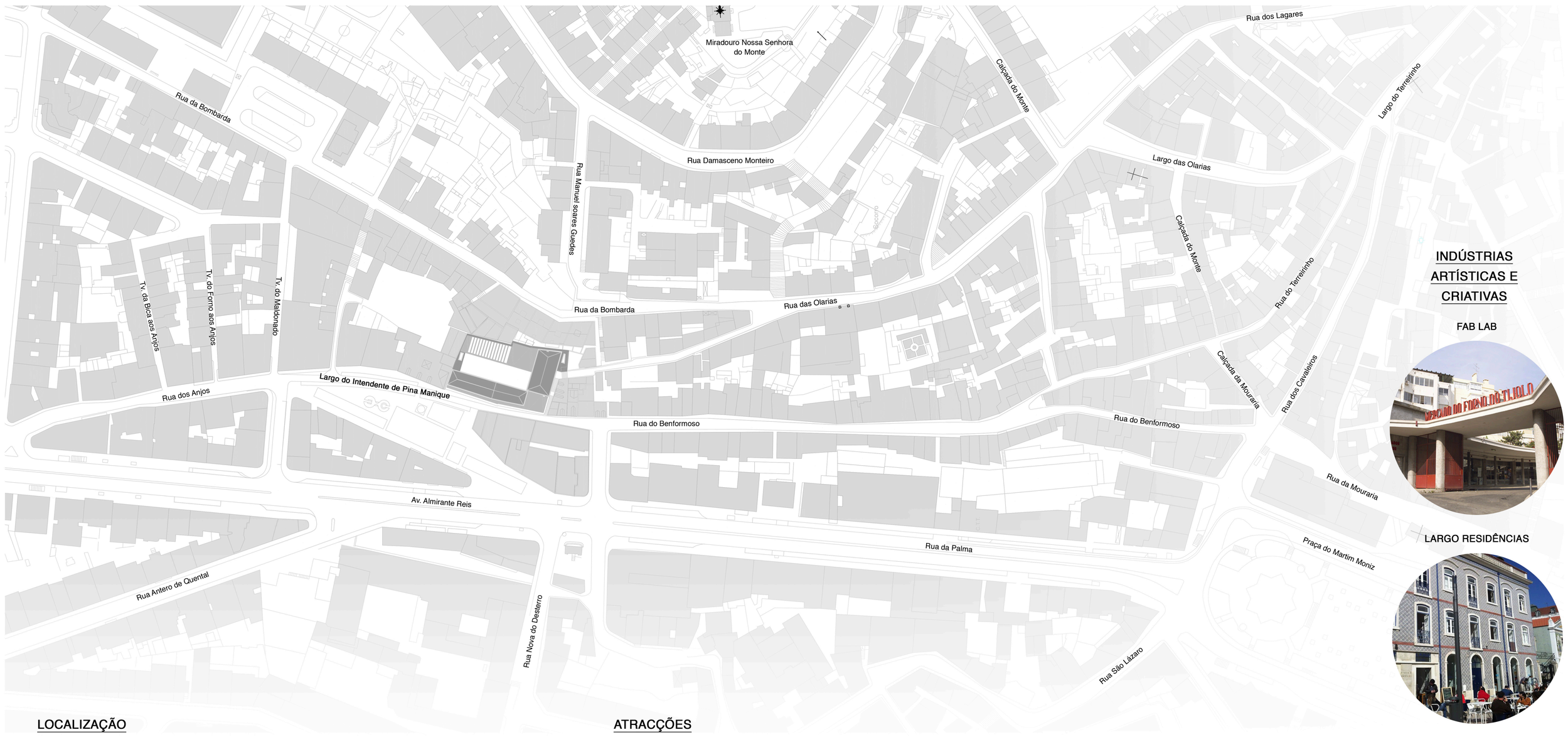
É igualmente mais uma inovadora iniciativa, sendo o seu principal objectivo a requalidifação e dinamização da zona.

8. **LX FACTORY**

Platafroma multidisciplinar, ocupado por espaços do co-working, empresas criativas, de publicidade, image, som, comércio, indústrias de moda, música, deseign e arquitectura. Possui ainda espaços de restauração, conferências, eventos e concertos. É uma das economias criativas mais completas da cidade, considerado uma referência.

9. **VILLAGE UNDERGROUND**

Conceito importado do Reino Unido, o Village Underground é palco de exposições, concertos, eventos culturais e sociais, teatros e palestras.



INDÚSTRIAS ARTÍSTICAS E CRIATIVAS

FAB LAB

LARGO RESIDÊNCIAS

LOCALIZAÇÃO

LARGO DO INTENDENTE



RUA DO BENFORMOSO



ESCADINHAS DAS OLARIAS



ATRACÇÕES

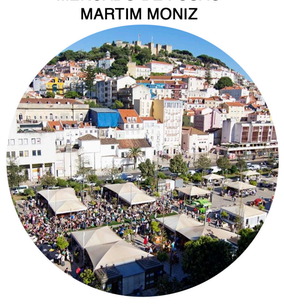
MIRADOURO NOSSA SENHORA DO MONTE



JARDIM DA CERCA DA GRAÇA



MERCADO DE FUSÃO MARTIM MONIZ



MIRADOURO DA GRAÇA



CENTRO DE INOVAÇÃO DA MOURARIA



ESPAÇO EXPERIMENTAL DE VIVÊNCIAS E DAS ARTES

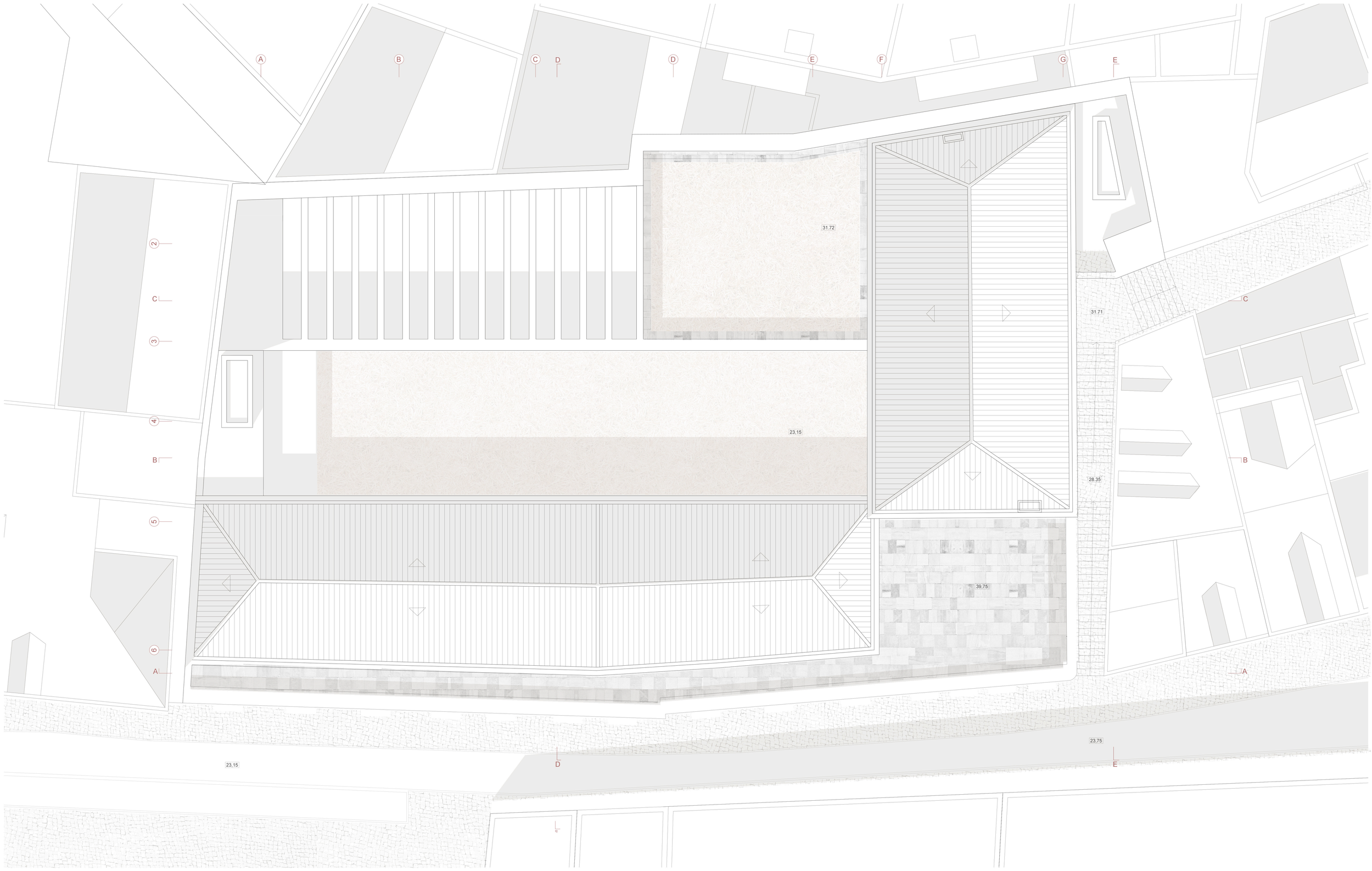
Intervenção no Largo do Intentende à luz dos conceitos das Indústrias Criativas

Planta de Localização (escala 1/2000)

Faculdade de Arquitectura Universidade de Lisboa I Maria Magro 20091003

Orientador Científico Prof. Dra Dulce Loução

P01



Planta da Cobertura (+ 39.75) Escala 1/100

ESPAÇO EXPERIMENTAL DE VIVÊNCIAS E DAS ARTES

Intervenção no Largo do Intentende à luz dos conceitos das Indústrias Criativas

Alçado Principal

Faculdade de Arquitectura Universidade de Lisboa I Maria Magro 20091003

Orientador Científico Prof. Dra Dulce Loução

P02

Legenda

A.0.01 - Entrada Principal
A.0.02 - Acesso vertical restrito
A.0.03 - Recepção/Administração
A.0.04 - Cafetaria
A.0.05 - Livraria

B.0.01 - Zona de leitura
B.0.02 - Acesso vertical restrito
B.0.03 - Instalções sanitárias
B.1.04 - Acesso vertical público
B.1.05 - Auditório

C.0.01 - Sala Polivalente 1
C.0.02 - Sala Polivalente 2
C.0.03 - Sala de Exposições
C.0.04 - Arrumos da sala de exposições

Planta do Piso Térreo (+ 23.15) Escala 1/100

Corte AA 1/100

ESPAÇO EXPERIMENTAL DE VIVÊNCIAS E DAS ARTES

Intervenção no Largo do Intentende à luz dos conceitos das Indústrias Criativas

Faculdade de Arquitectura Universidade de Lisboa I Maria Magro 20091003
Orientador Científico Prof. Dra Dulce Loução

P03

Legenda

A.1.01 - Acesso vertical
A.1.02 - Habitações duplex (piso superior)

B.1.01 - Sala de estudo (silenciosa)
B.01.2 - Acesso vertical
B.1.03 - Sala Pública de trabalho 1
B.1.04 - Sala pública de trabalho 2
B.1.05 - Acesso vertical
B.1.06 - Aditório
B.01.7 Copa

C.1.01 - Área de trabalho (ruídosa)
C.1.02 - Arrumos da sala de exposições

Planta do Piso 1 (+ 28.35) Escala 1/100

44.95
39.75
35.40
31.72
28.32
23.13

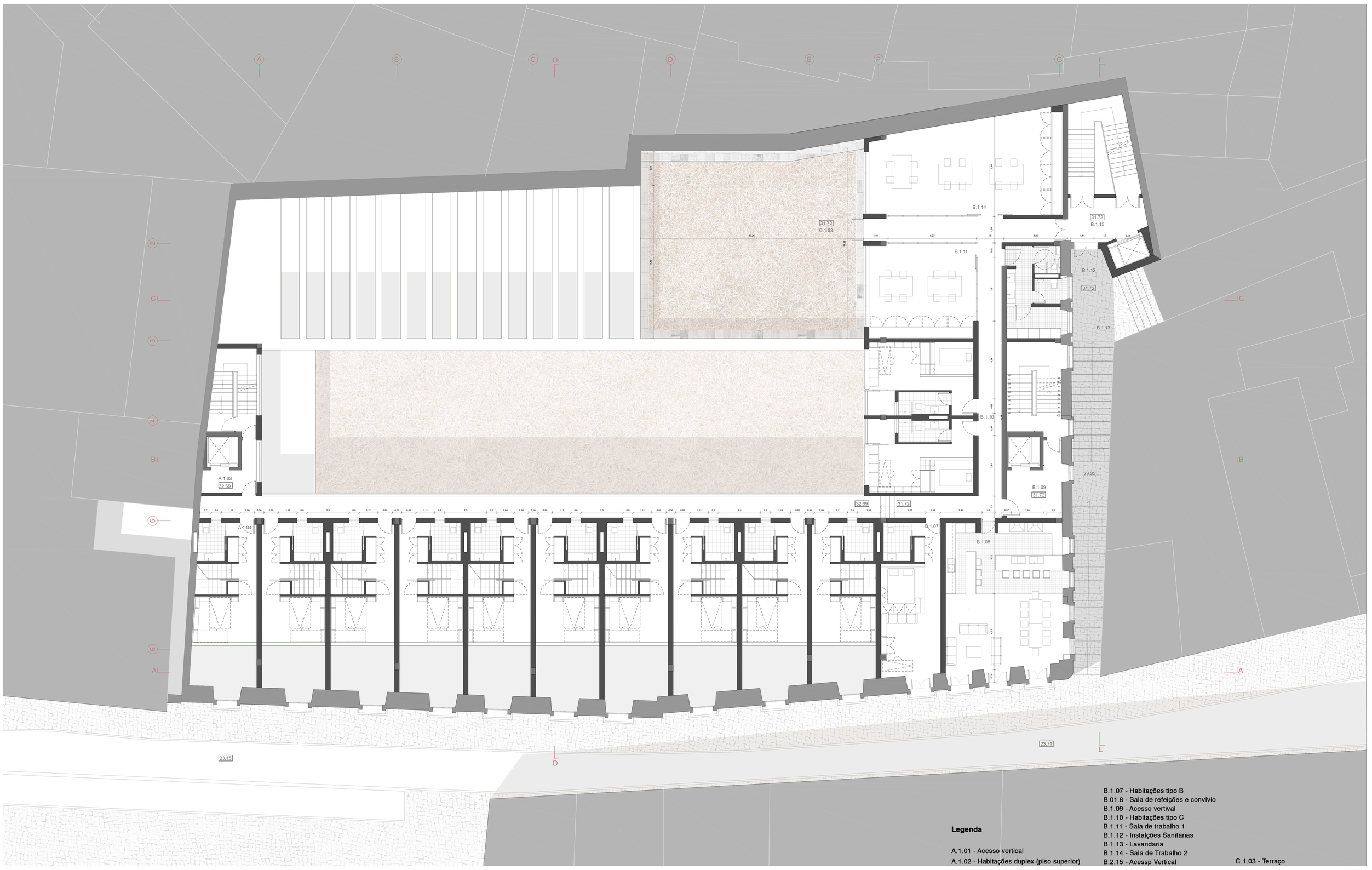
Corte BB 1/100

ESPAÇO EXPERIMENTAL DE VIVÊNCIAS E DAS ARTES

Intervenção no Largo do Intentende à luz dos conceitos das Indústrias Criativas

Faculdade de Arquitectura Universidade de Lisboa I Maria Magro 20091003
Orientador Científico Prof. Dra Dulce Loução

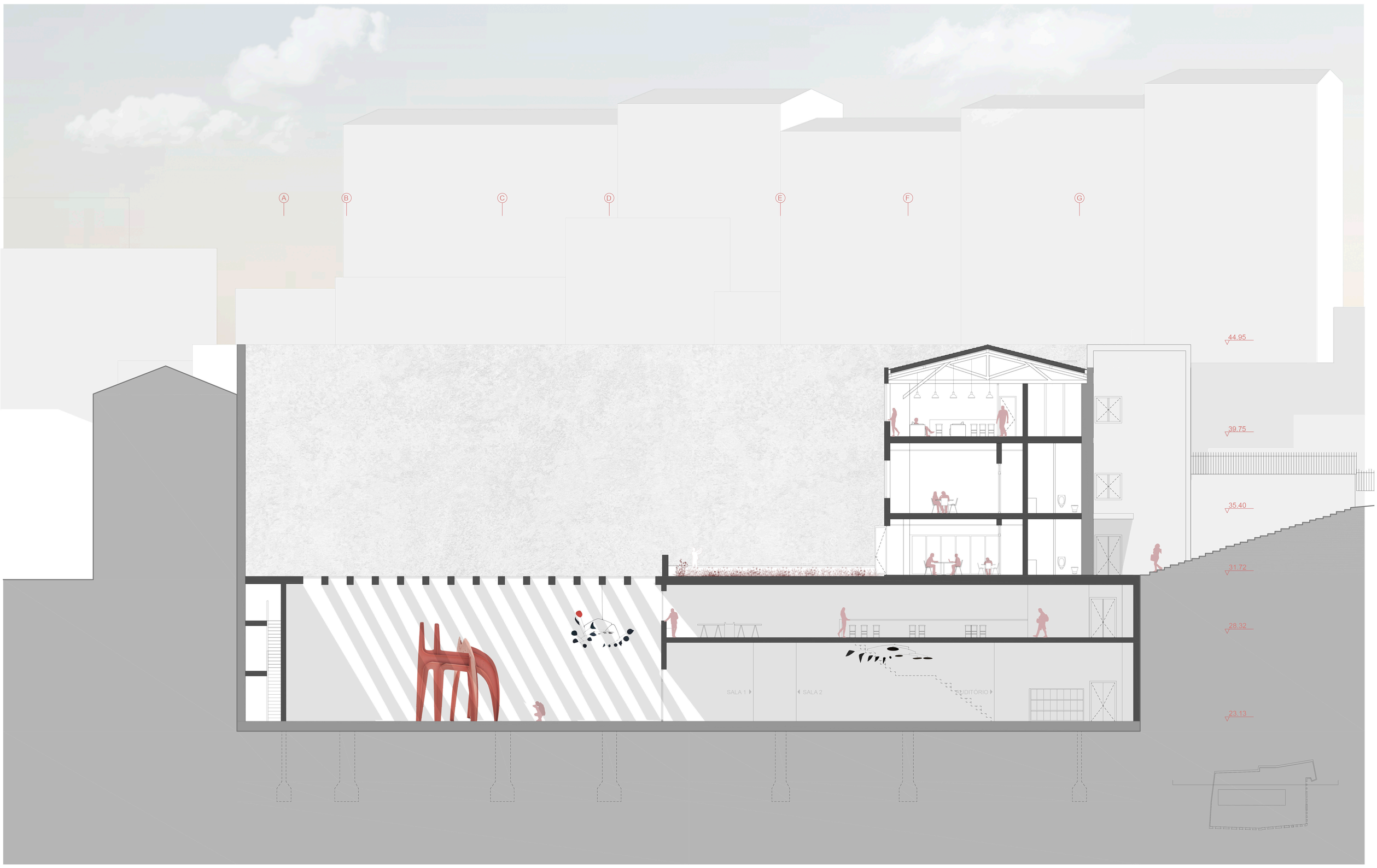
P04



Legenda

A.1.01 - Acesso vertical
A.1.02 - Habitações duplex (piso superior)
B.1.07 - Habitações tipo B
B.01.8 - Sala de refeições e convívio
B.1.09 - Acesso vertival
B.1.10 - Habitações tipo C
B.1.11 - Sala de trabalho 1
B.1.12 - Instalções Sanitárias
B.1.13 - Lavandaria
B.1.14 - Sala de Trabalho 2
B.2.15 - Acessp Vertical
C.1.03 - Terraço

Planta do Piso 1 Intermédio (+ 31.72) Escala 1/100



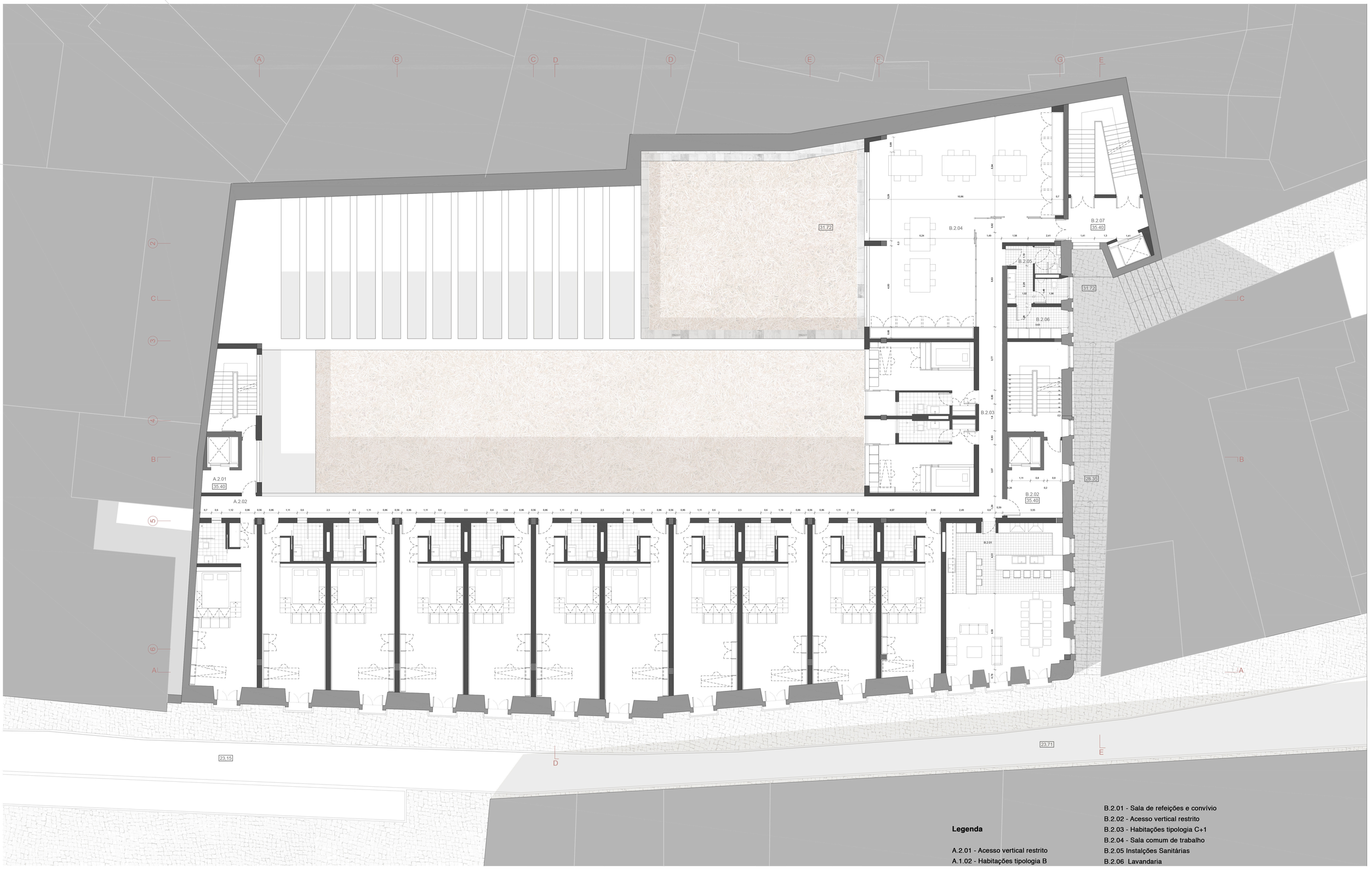
ESPAÇO EXPERIMENTAL DE VIVÊNCIAS E DAS ARTES

Intervenção no Largo do Intentende à luz dos conceitos das Indústrias Criativas

Corte CC 1/100

Faculdade de Arquitectura Universidade de Lisboa I Maria Magro 20091003
Orientador Científico Prof. Dra Dulce Loução

P05



Legenda

A.2.01 - Acesso vertical restrito
A.1.02 - Habitações tipologia B

B.2.01 - Sala de refeições e convívio
B.2.02 - Acesso vertical restrito
B.2.03 - Habitações tipologia C+1
B.2.04 - Sala comum de trabalho
B.2.05 Instalções Sanitárias
B.2.06 Lavandaria

Planta do Piso 2 (+ 35.40) Escala 1/100



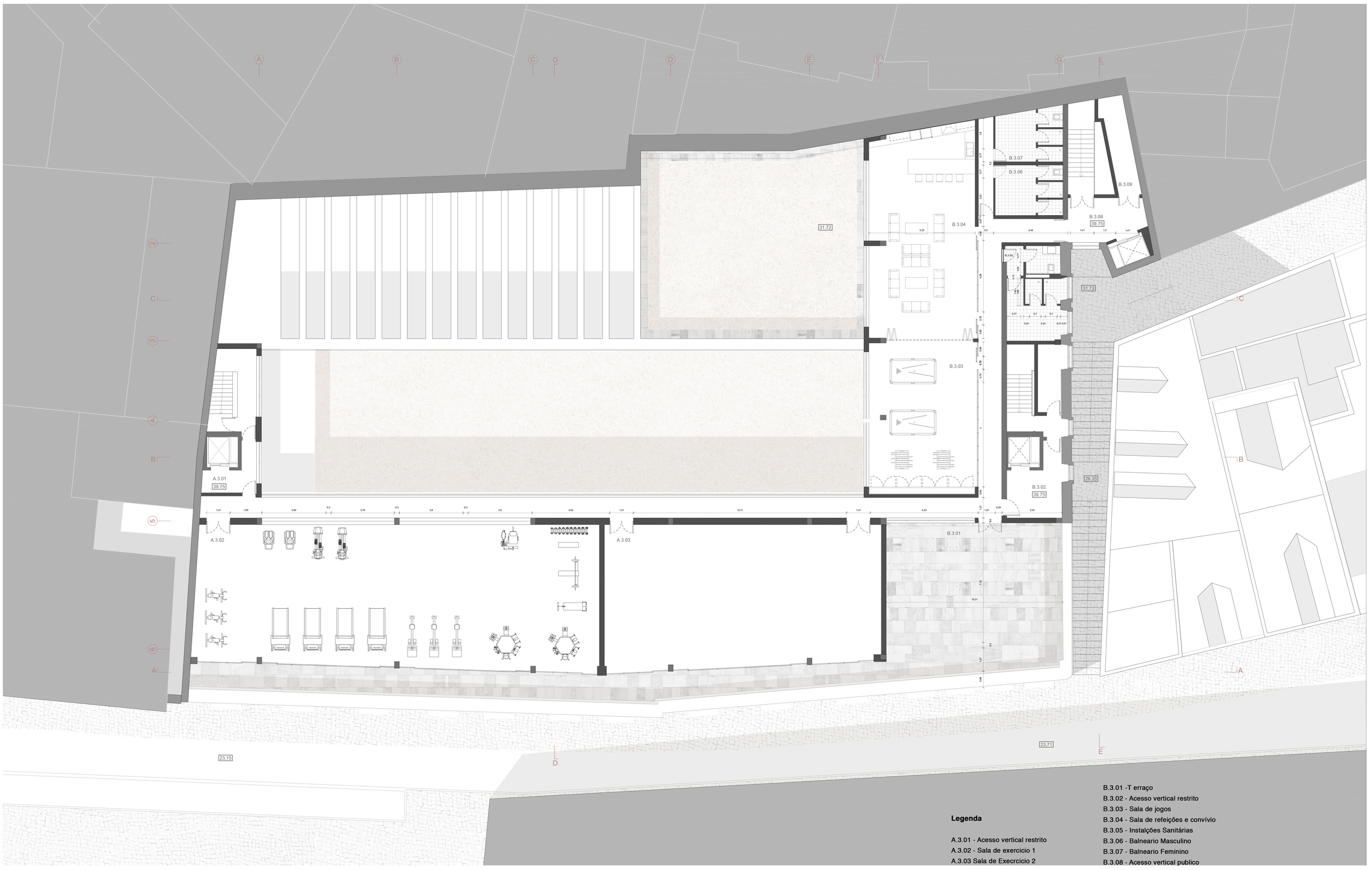
ESPAÇO EXPERIMENTAL DE VIVÊNCIAS E DAS ARTES

Intervenção no Largo do Intentende à luz dos conceitos das Indústrias Criativas

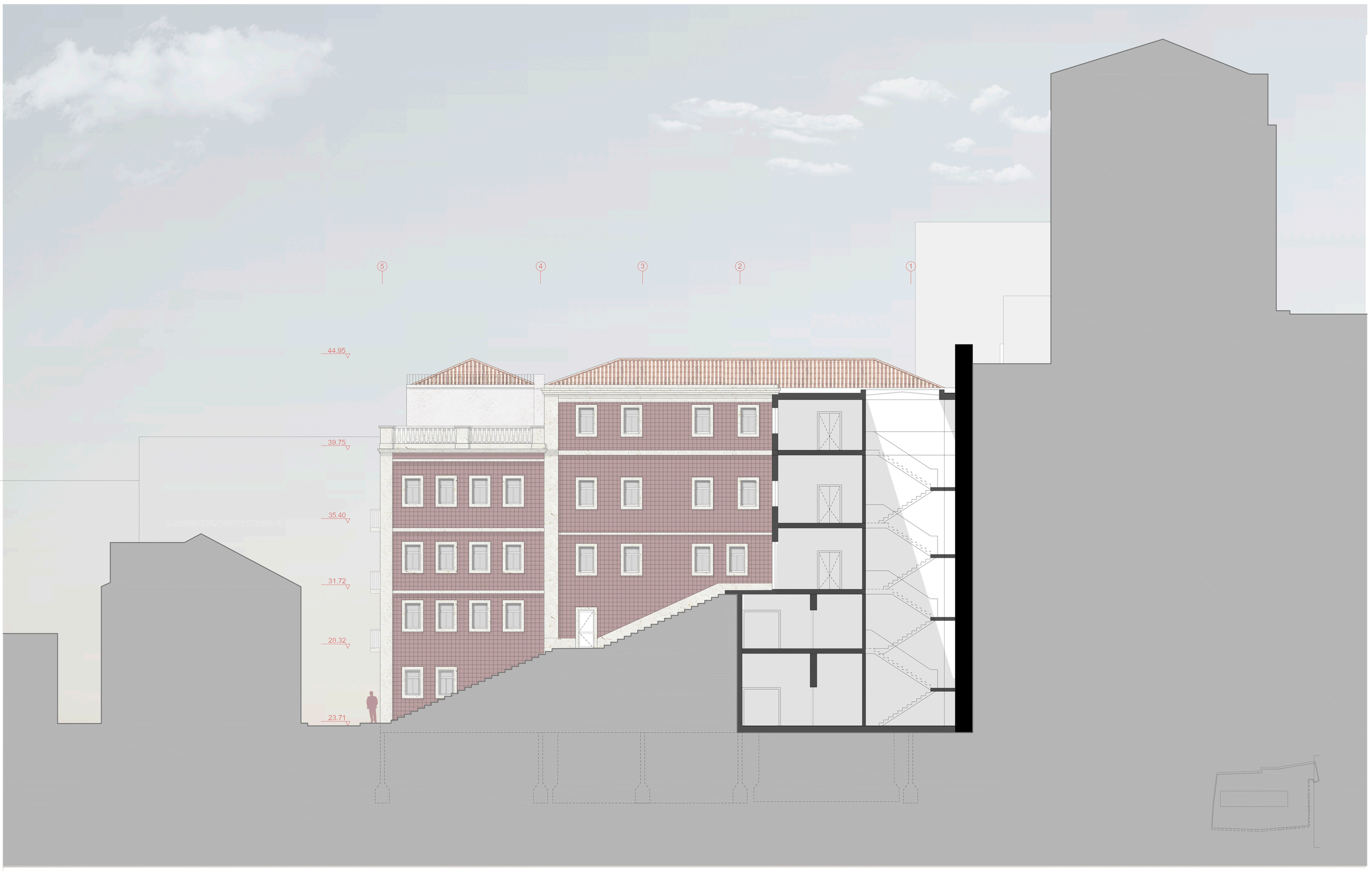
Corte DD 1/100

Faculdade de Arquitectura Universidade de Lisboa I Maria Magro 20091003
Orientador Científico Prof. Dra Dulce Loução

P06



Planta do Piso 3 (+ 39.75) Escala 1/100



Corte EE 1/100

ESPAÇO EXPERIMENTAL DE VIVÊNCIAS E DAS ARTES

Intervenção no Largo do Intentende à luz dos conceitos das Indústrias Criativas

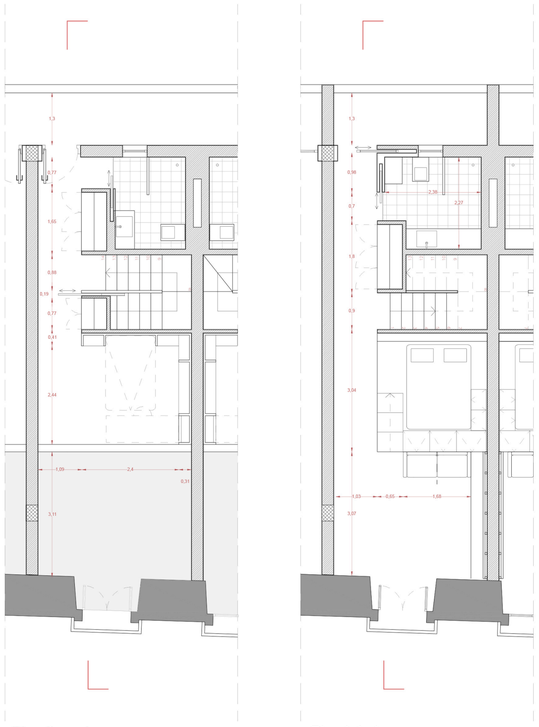
Faculdade de Arquitectura Universidade de Lisboa I Maria Magro 20091003

Orientador Científico Prof. Dra Dulce Loução

P07

ESQUEMATIZAÇÃO DAS TIPOLOGIAS

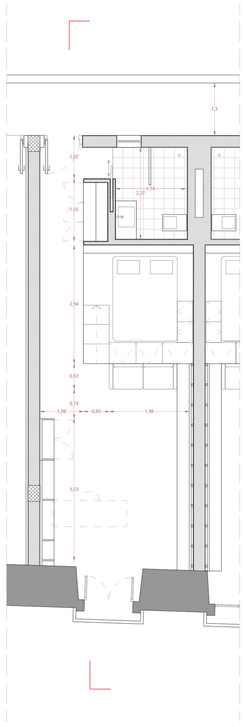
Tipologia A Duplex

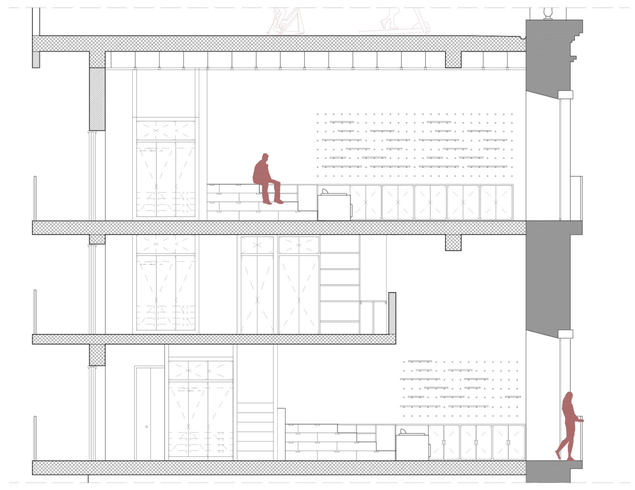


Piso Superior

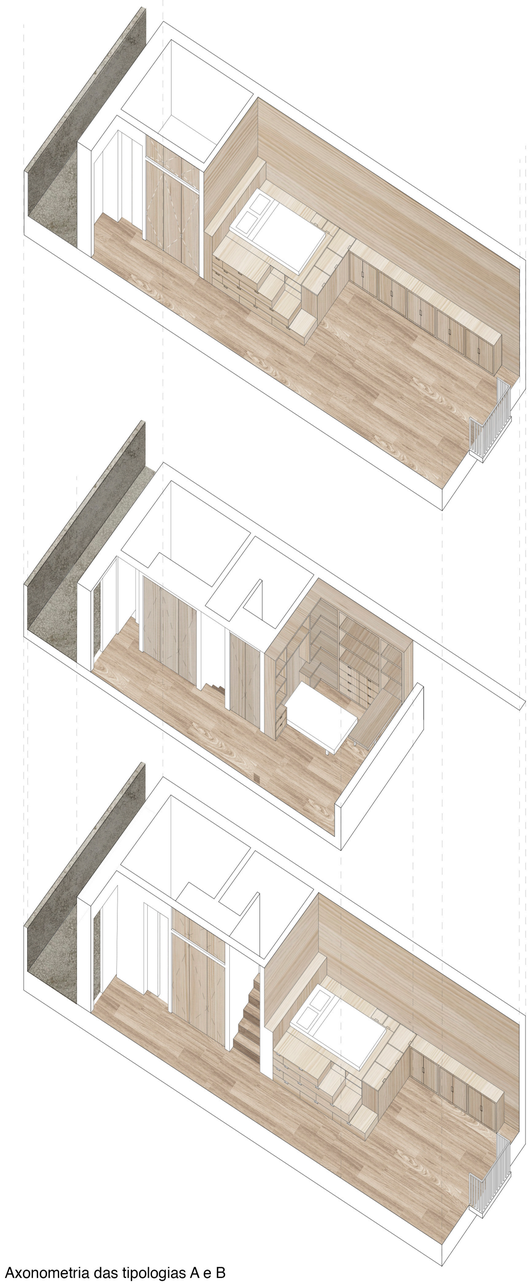
Piso Inferior

Tipologia B



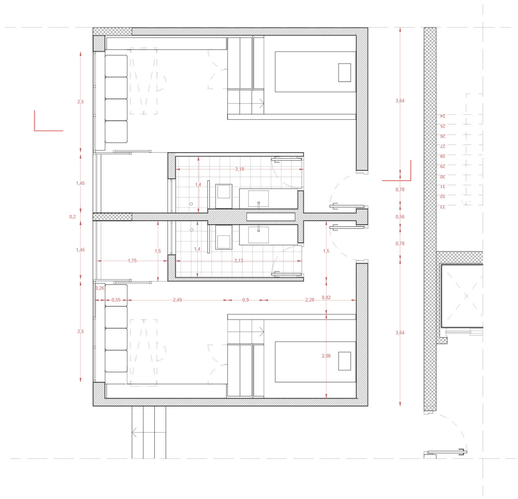


Cortes Longitudinais das tipolgias A e B

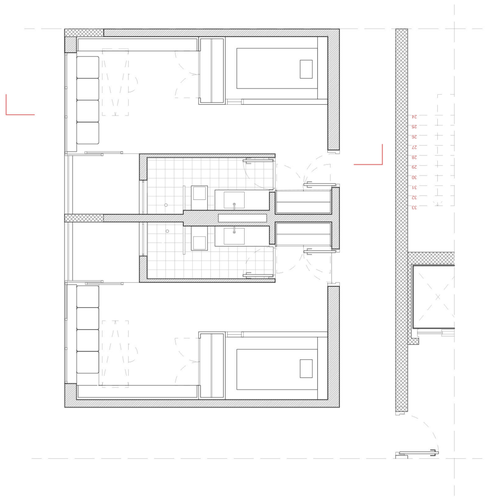


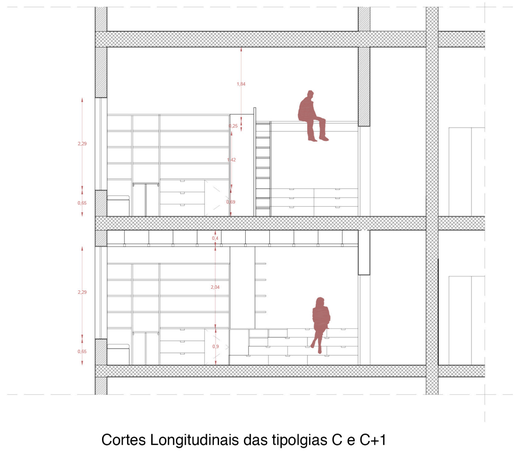
Axonometria das tipologias A e B

Tipologia C



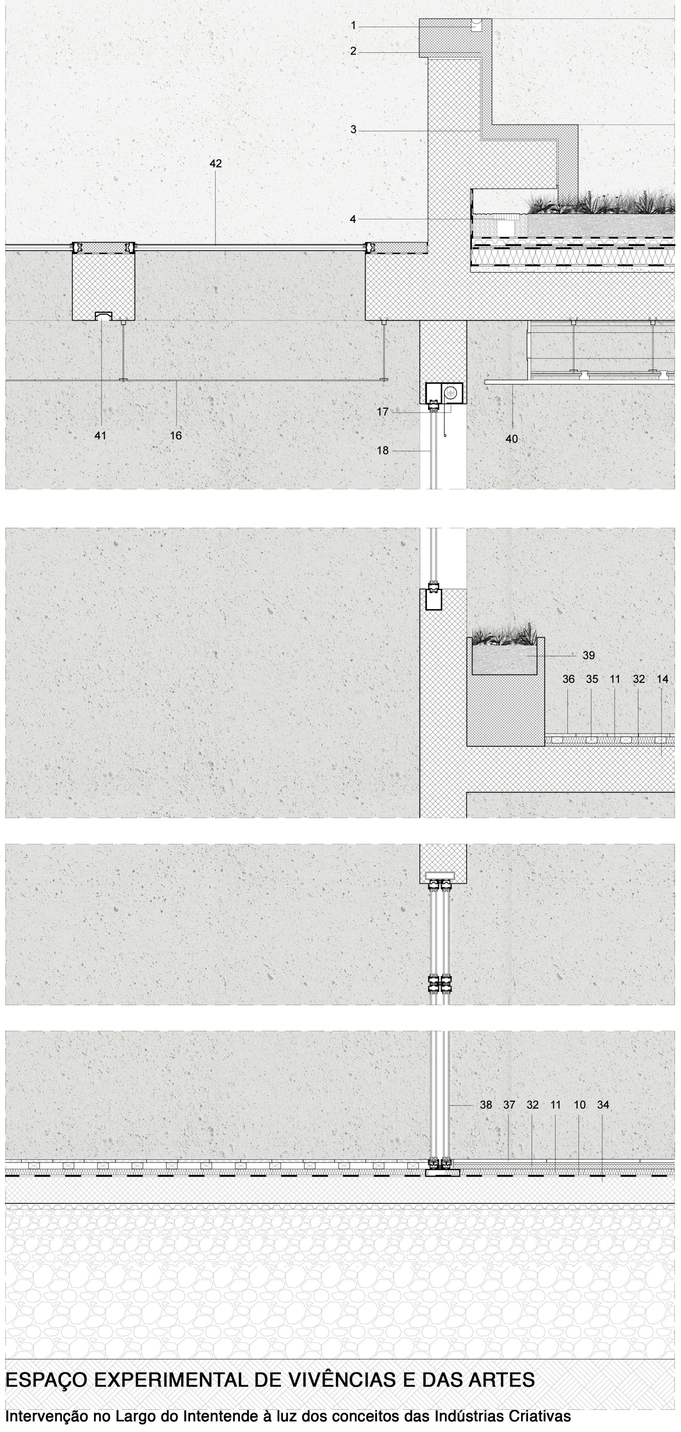
Tipologia C+1

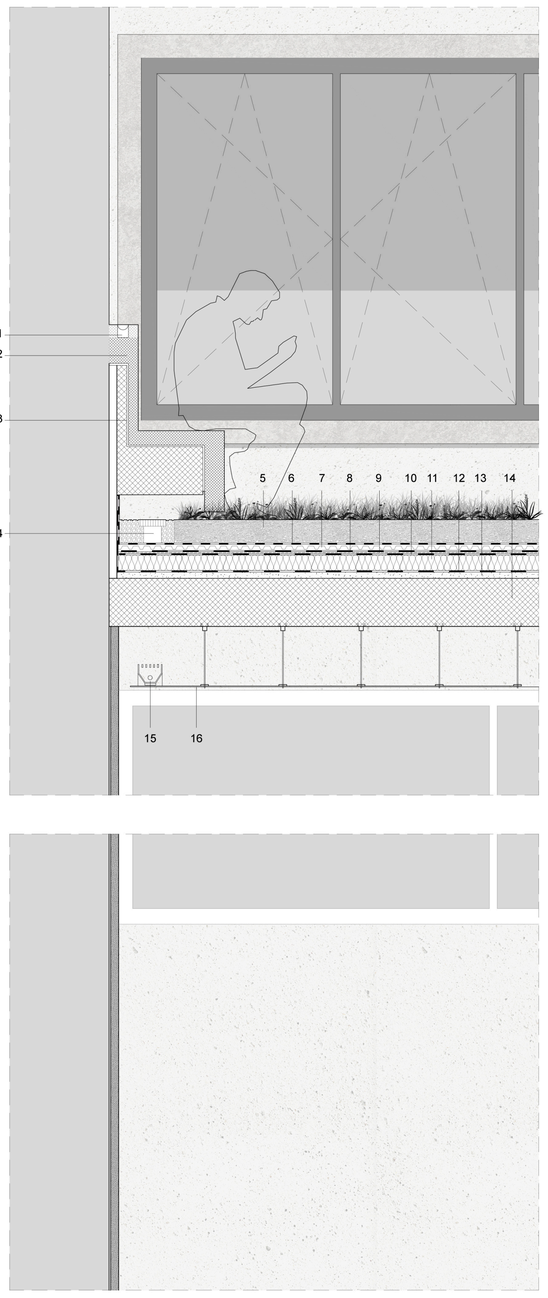


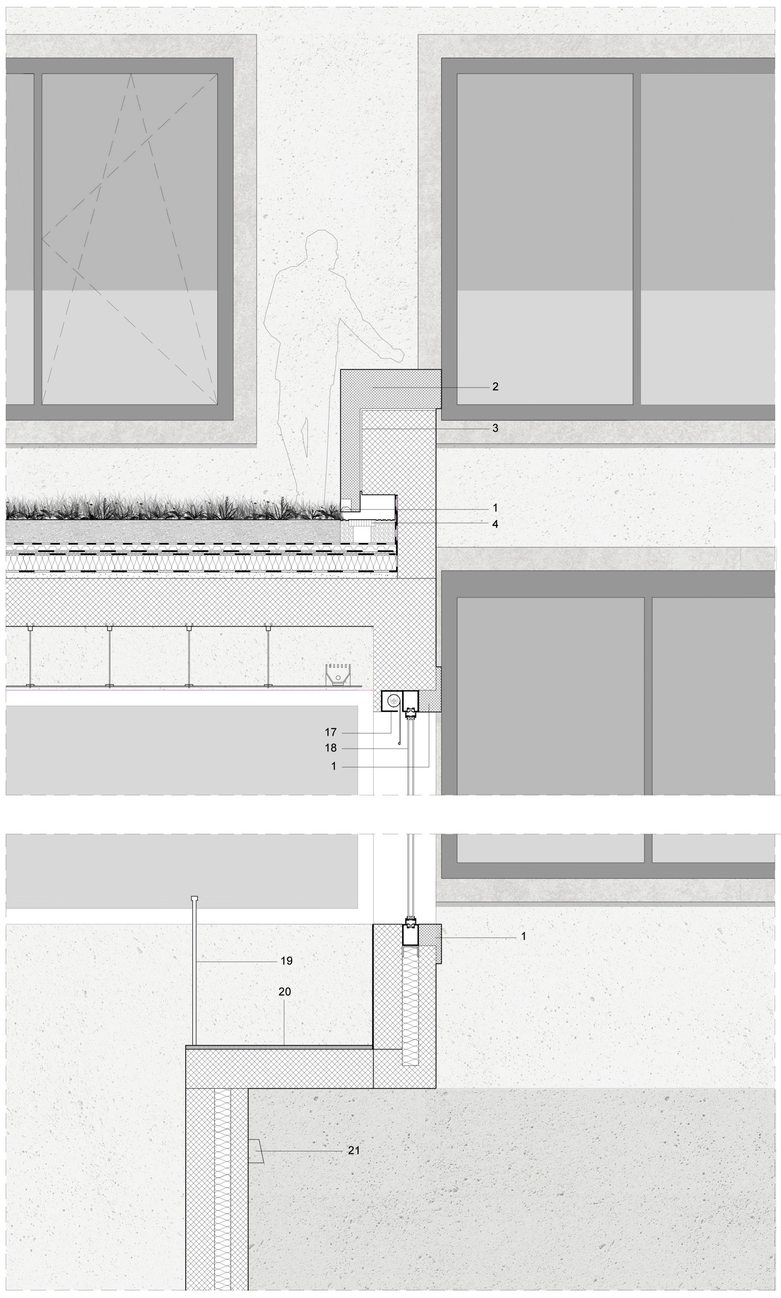


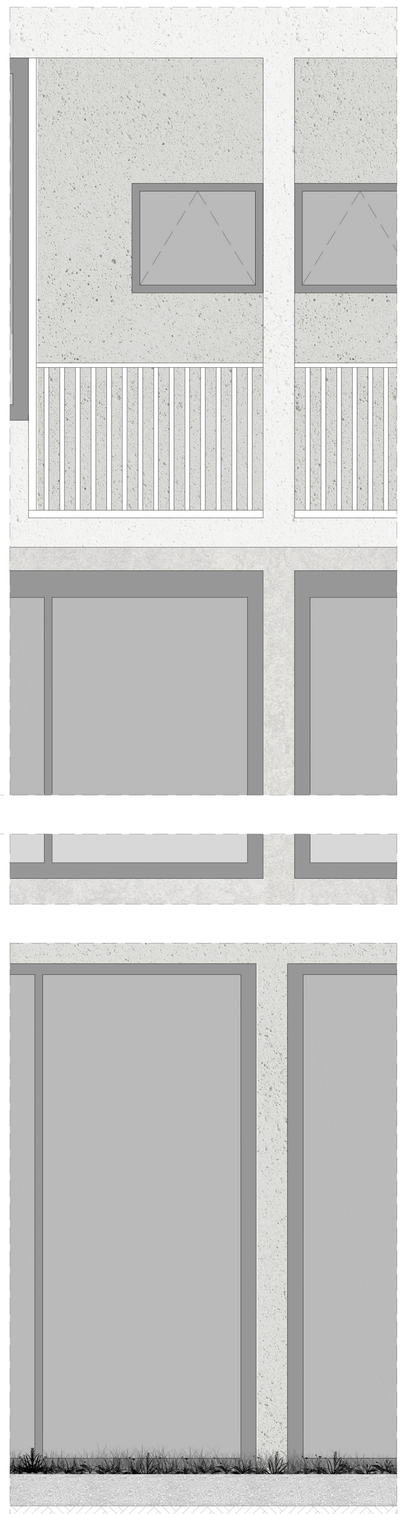
Cortes Longitudinais das tipolgias C e C+1

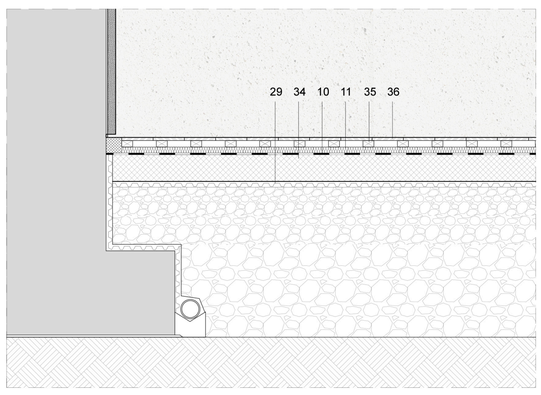
1 Iluminação exterio LED. **2** Elemento pré-moldado de betão. **3** Cimento cola. **4** Caleira. **5** Terra compactada com cobertura vegetal. **6** Manta geotéxtil. **7** Camada drenante. **8** Manta de protecção. **9** Betume polimérico. **10** Tela impermeabilizante. **11** Isolamento térmico EPS. **12** Barreira pára-vapor. **13** Camada de forma de betão. **14** Lage de betão armado. **15** armadura e lâmpada flurescente. **16** Sistema para suspensão de elementos expositivos. **17** Tela protectora semi-opaca. **18** Janela fixa com caixilhos do tipo Vitrocsa. **19** Guarda metálica. **20** Pavimento em microcimento afagado. **21** Iluminação exterior dupla LED, Magma Design. **22** Parede de betão armado exterior descofrado com acabamento a jacto de areia. **23** Isolamento térmico tipo "wallmate". **24** Parede de betão armado interior. **25** Lâmina drenate tipo Deltadrain + filtro geotêxtil. **26** Sapata de betão armado. **27** Geodreno perimetral em PVC. **28** Terreno compacto. **29** Camada geotéxtil 30 Encoramento. **31** Tout-venant para evitar capilaridade. **32** Camada de forma. **33** Pavimento em grés porcelanico esmaltado 45x45 Arizona Bege, Revigres. **34** Lage de fundação em betão armado. **35** Prumos de madeira de pinho tratados para fixação de soalho. **36** Soalho em tábuas de madeira de carvalho afagado tipo Dinesen. **37** Pavimento em grés porcelanico esmaltado Arizona Antracite 45x45 Revigres. **38** Janela de vidro duplo em caixilho de aluminio "duplo rail" do tipo Vitrocsa. **39** Canteiro pré-moldado em betão. **40** Sistema de tecto falso com placas de gesso cartonado para pintar (branco) com iluminação embutida. **41** Luminária em LED. **42** Clarabóia.

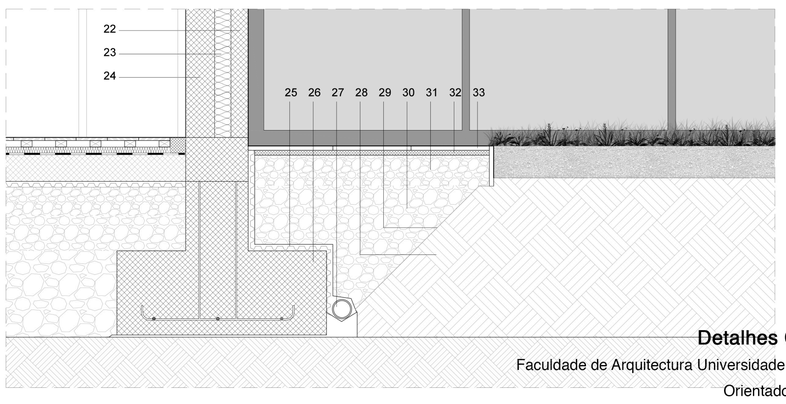












ESPAÇO EXPERIMENTAL DE VIVÊNCIAS E DAS ARTES

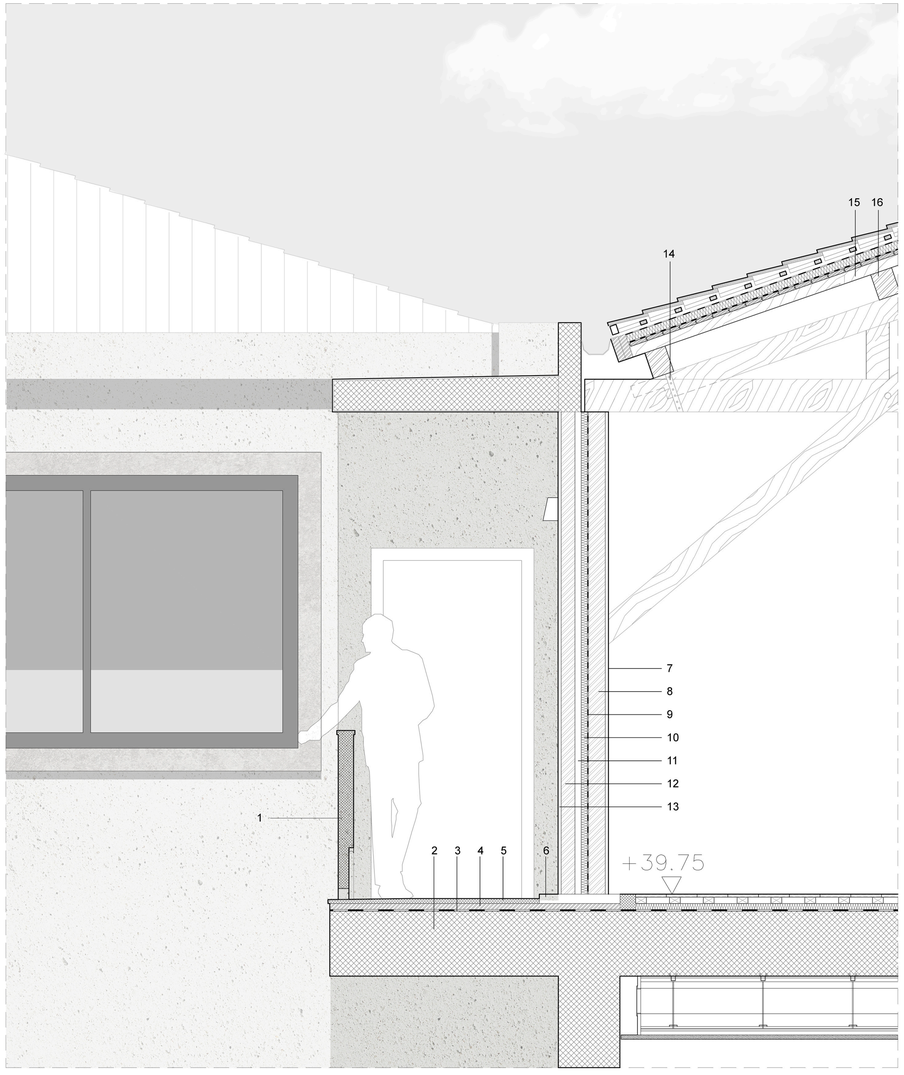
Intervenção no Largo do Intentende à luz dos conceitos das Indústrias Criativas

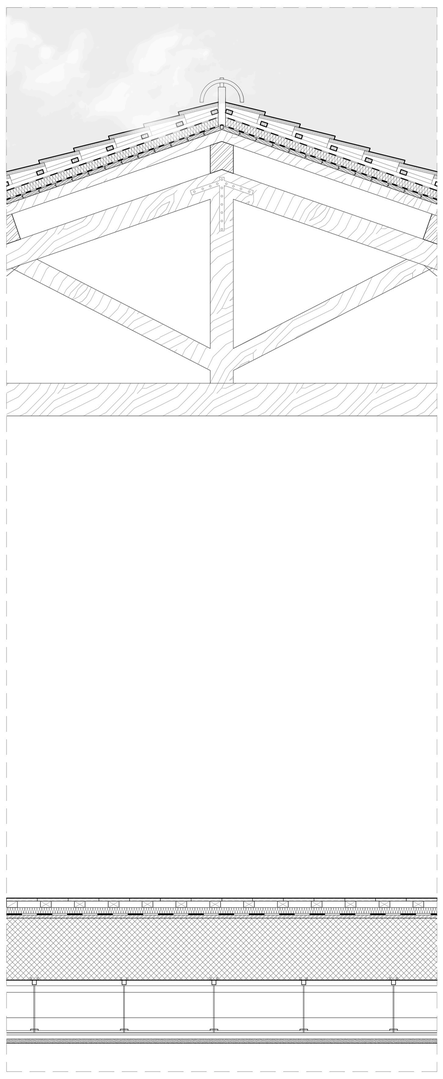
Detalhes Construtivos (escala 1/20)

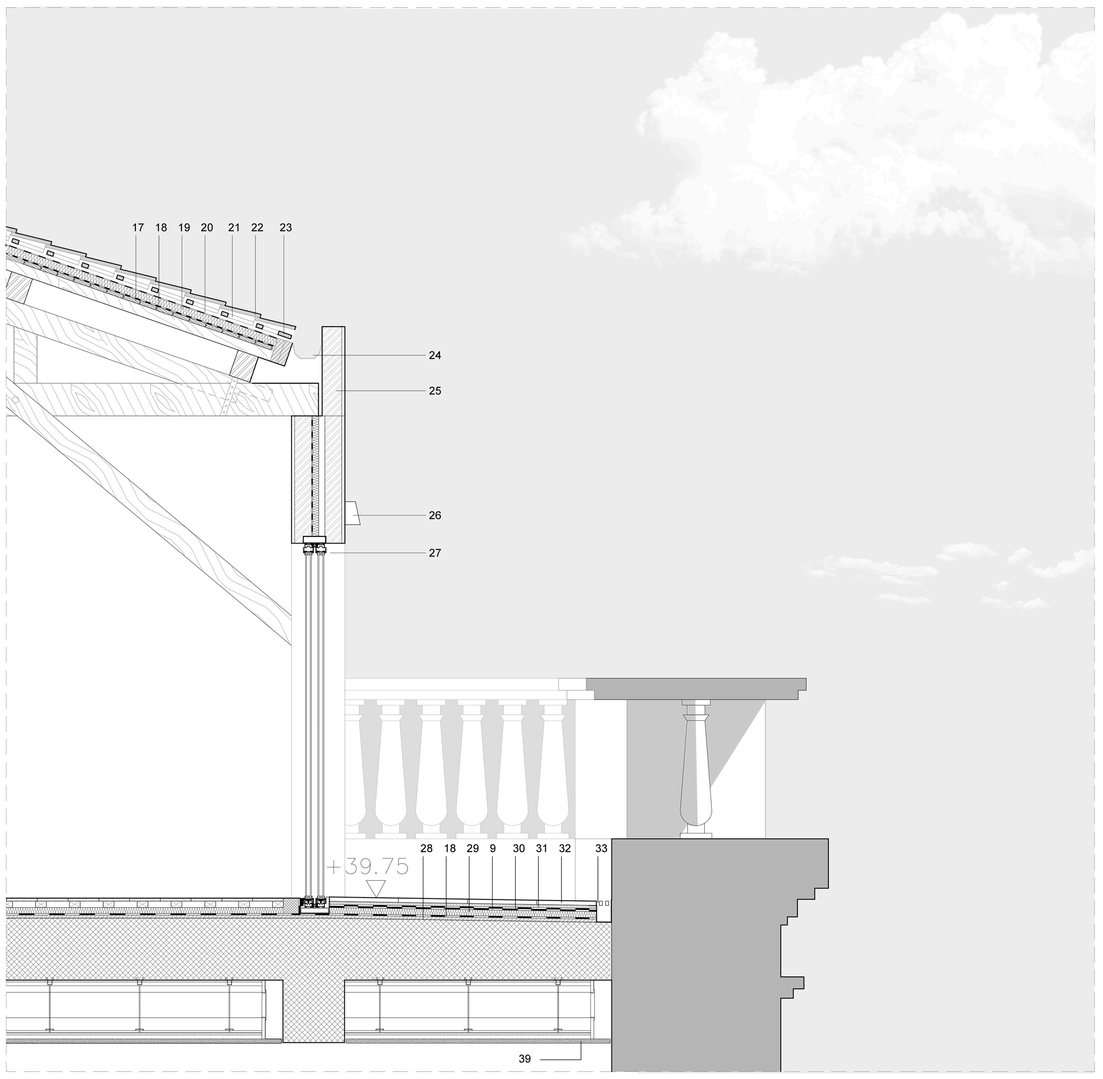
Faculdade de Arquitectura Universidade de Lisboa I Maria Magro 20091003

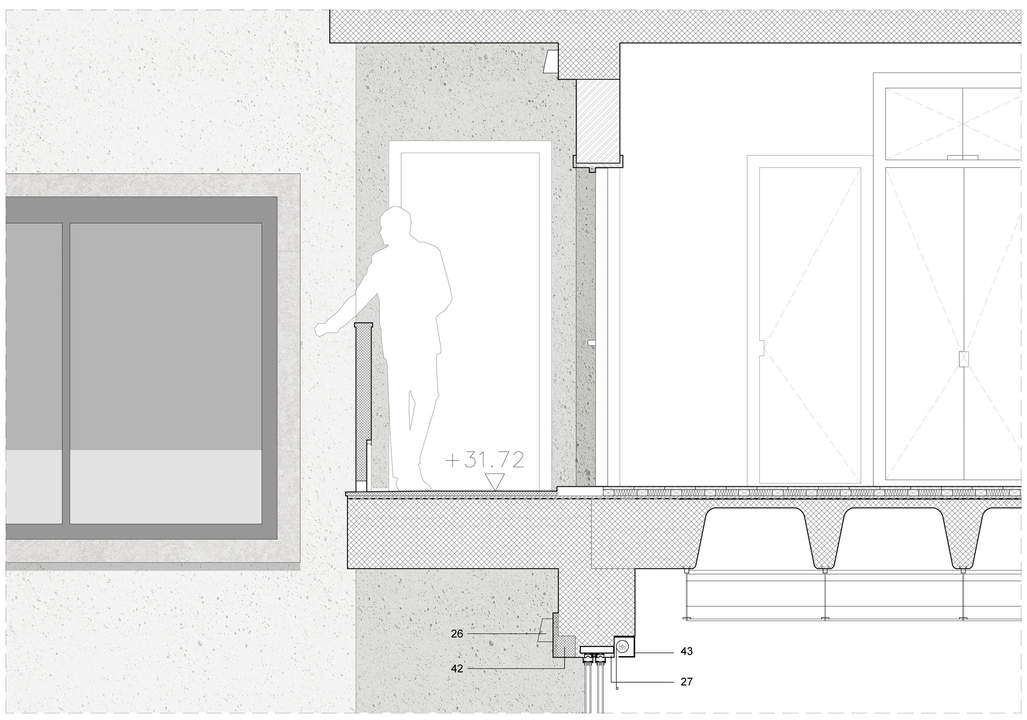
Orientador Científico Prof. Dra Dulce Loução

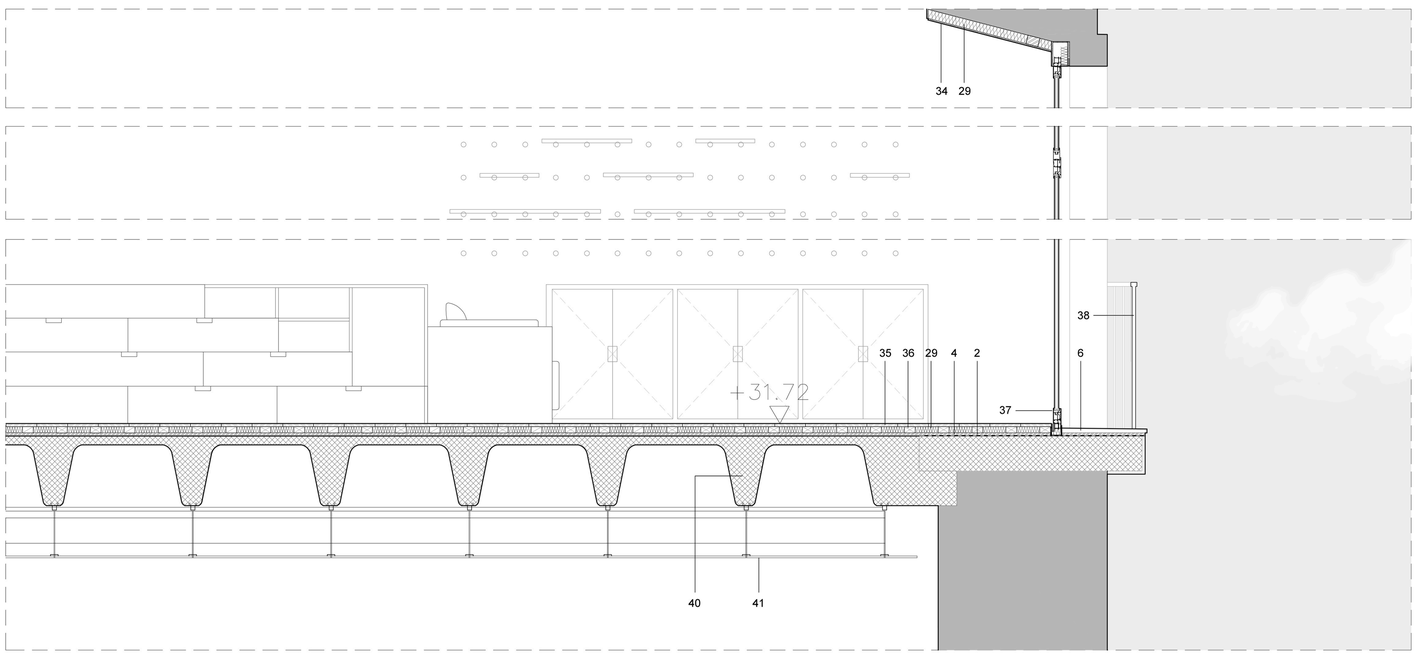
P08

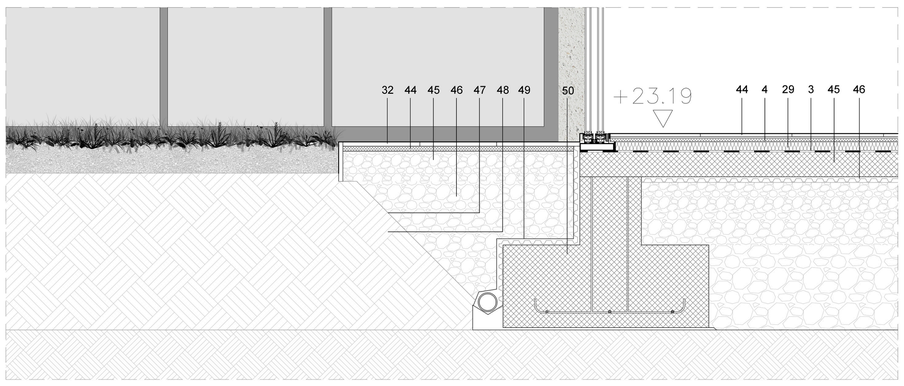




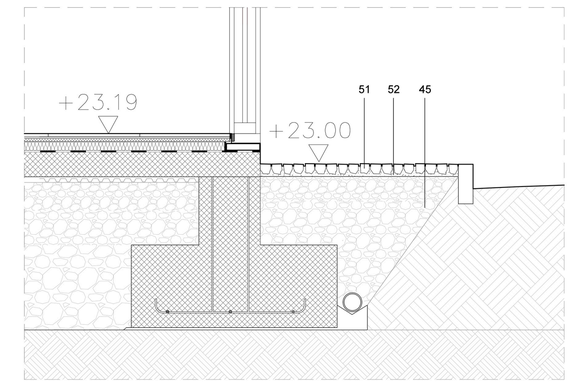


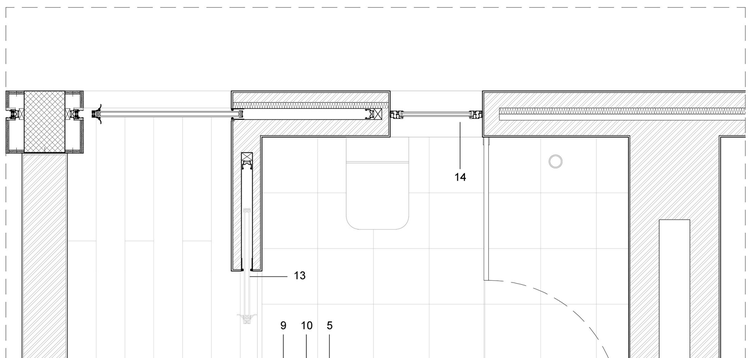


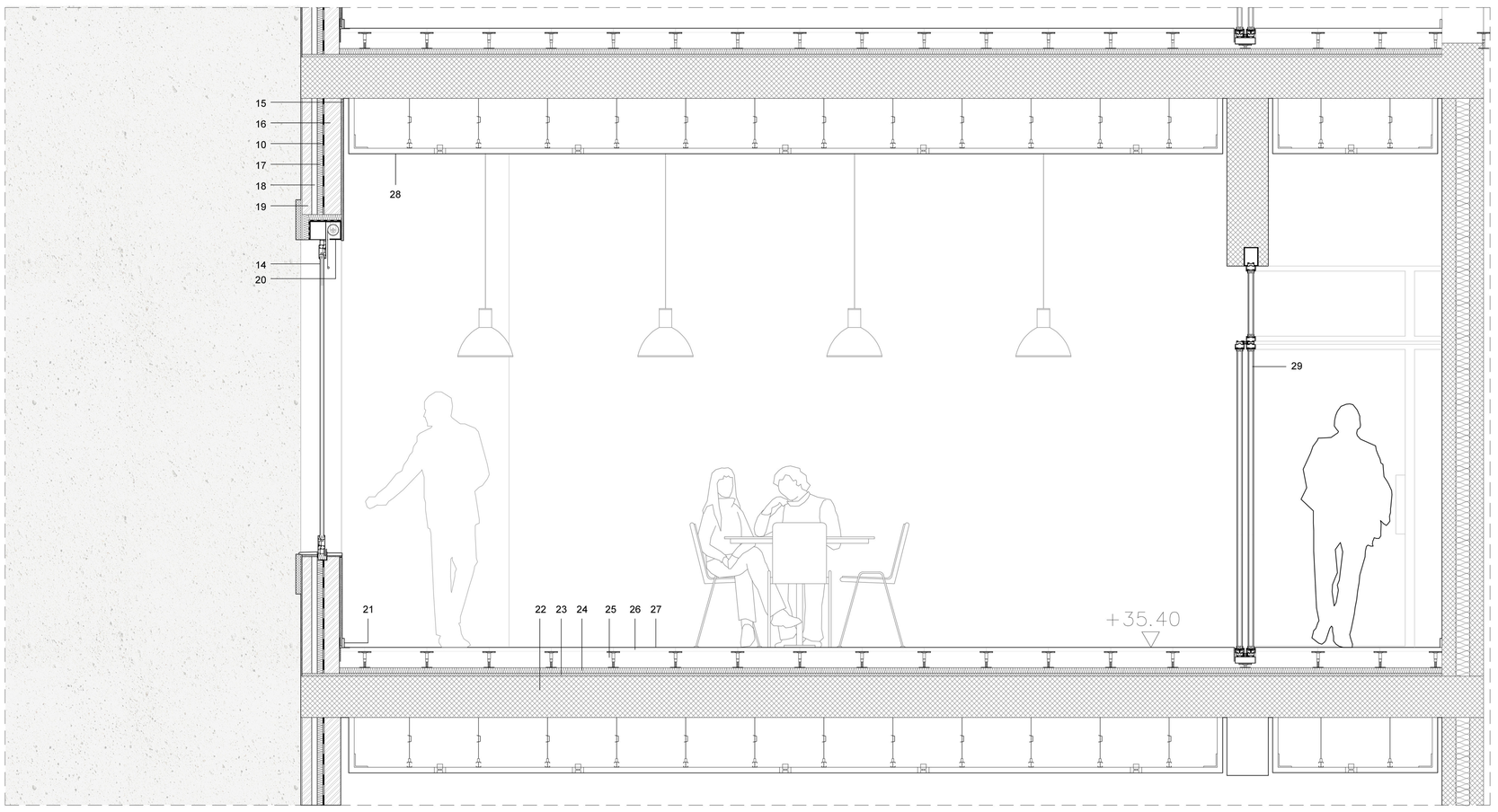




1 Elemento pré-moldado de betão. **2** Lage de betão armado. **3** Tela de impermeabilização. **4** Camada de enchimento. **5** Pavimento em microcimento afagado. **6** Pedra calcária moleanos amaciada. **7** Reboco 20mm. **8** Pano de alvenaria de 110mm. **9** Tela impermeabilizante em betume elastómero. **10** Isolamento térmico em poliestireno exturdido 40mm. **11** Caixa de ar 40mm. **12** Pano de alvenaria de 70mm. **13** Reboco 20mm. **14** Braçadeira metálica. **15** Caibro de madeira 50x30mm. **16** Caibro de madeira 70x75mm. **17** Entabelamento de madeira de pinho 20x120mm. **18** Barreira pára-vapor. **19** Isolamento térmico tipo "wallmate xps". **20** Tela asfáltica. **21** Câmara de ar, estrutura e fixação em alumínio. **22** Telha cerâmica. **23** Tábia barbate. **24** Caleira. **25** Platibanda. **26** Iluminação exterior dupla LED, Magma Design. **27** Janela em vidro duplo em caixilho de alumínio "duplo rail" do tipo Vitrocsa. **28** Betonilha para formação de pendentes. **29** Isolamento térmico. **30** Manta de protecção de cobertura. **31** Godo/brita. **32** Pavimento em grés porcelânico esmaltado 45x45 tipo Arizona Beje, Revigres. **33** Caleira em aço inox. **34** Placa de gesso cartonado. **35** Soalho em madeira. **36** Prumos de madeira de pinho para fixação de soalho. **37** Janela batente de duas folhas e vidro duplo com caixilharia de PVC tipo Euro2000. **38** Guarda metálica. **39** Sistema de tecto falso suspenso com placas de gesso para pintar (branco). **40** Lage fungiforme. **41** Sistema para suspensão de iluminação e elementos decorativos. **42** Elemento pré-moldado em betão. **43** Tela protectora semi-opaca. **44** Camada de forma. **45** Tout-venant para evitar capilaridade. **46** Enrocamento. **47** Camada geotêxtil. **48** Terreno compaco. **49** Geogreno preimetral em PVC. **50** Sapata em betão armado. **51** Calçada de calcário. **52** Pó de pedra. **53** Tout-venant.







1 Parede maciça antiga. **2** Reboco interior. **3** Isolamento térmico e lã mineral. **4** Barreira pára-vapor. **5** Placa dupla de gesso cartonado. **6** Pano de alvenaria. **7** Reboco. **8** Pilar em betão armado. **9** Revestimento cerâmico. **10** Tela Impermeabilizante. **11** Perfil metálico para paredes divisórias. **12** Isolamento térmico. **13** Porta de correr para dentro da parede (oculta) do tipo Vitrocsa. **14** Janela Basculante do tipo Euro2000. **15** Placa de gesso cartonado. **16** Pano de alvenaria 110mm. **17** Isolamenti térmico tipo "wallmate". **18** Caixa de ar. **19** Pano de alvenaria 70mm. **20** Tela protectora semi-opaca. **21** Rodapé. **22** Lage de betão armado. **23** Camada de regularização. **24** Isolamento térmico. **25** Pedestal/apoio metálico (regulável em altura) **26** Placa de gesso. **27** Pavimento em alcatifa. **28** Sistema de tecto falso com placas de gesso para pintar (branco). **29** Portas de correr em vidro duplo em "duplo rail" do tipo Vitrocsa.

ESPAÇO EXPERIMENTAL DE VIVÊNCIAS E DAS ARTES

Intervenção no Largo do Intentende à luz dos conceitos das Indústrias Criativas

Detalhes Construtivos (escala 1/20)

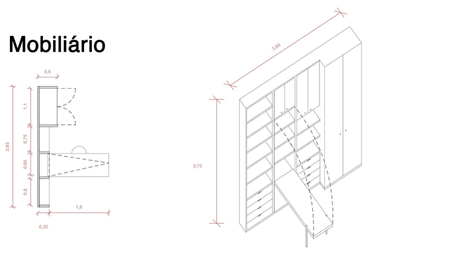
Faculdade de Arquitectura Universidade de Lisboa I Maria Magro 20091003

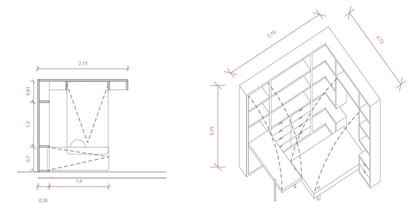
Orientador Científico Prof. Dra Dulce Loução

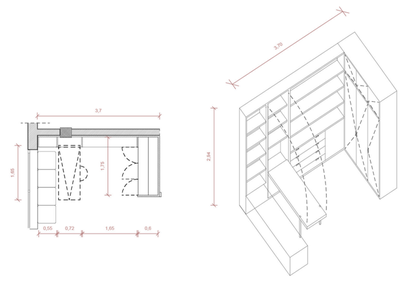
P09

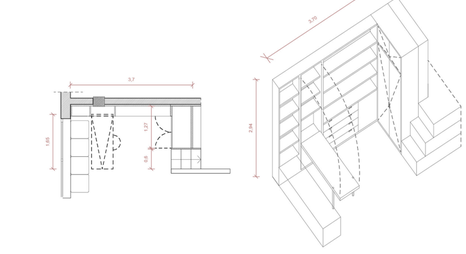


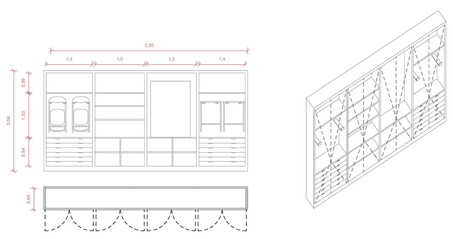
Mobiliário

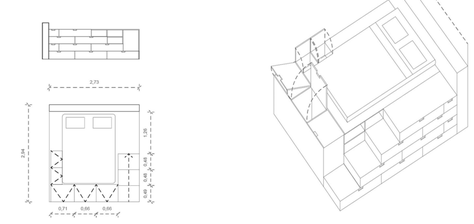












Cafetaria



Auditório



Quarto duplex



Sala de trabalho



ESPAÇO EXPERIMENTAL DE VIVÊNCIAS E DAS ARTES

Intervenção no Largo do Intentende à luz dos conceitos das Indústrias Criativas

Faculdade de Arquitectura Universidade de Lisboa I Maria Magro 20091003
Orientador Científico Prof. Dra Dulce Loução

P10